



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA**

**BÁRBARA AMARAL DE ANDRADE FURTADO**

**A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO:  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2017**

BÁRBARA AMARAL DE ANDRADE FURTADO

A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO: VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA EM FORTALEZA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F987c Furtado, Bárbara Amaral de Andrade.  
A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA  
EM FORTALEZA / Bárbara Amaral de Andrade Furtado. – 2017.  
153 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-  
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho.

1. Variação linguística. 2. Predicativo do sujeito. 3. Reação subjetiva. I. Título.

CDD 410

---

BÁRBARA AMARAL DE ANDRADE FURTADO

A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO: VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA EM FORTALEZA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 14/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Márluce Coan  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Ao meu avô, Seu Leonardo, criador de porcos, vacas, galinhas e cavalos. Mesmo na cama do hospital, toda vez que me via, ele perguntava: “E o doutorado? Vai fazer não?”, mesmo sabendo que eu não tinha nem terminado o mestrado. O doutorado vem já já, vô! Mas, por enquanto, te dedico o mestrado.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Liana e ao meu irmão, Pedro, por serem minhas principais cobaias em experimentos linguísticos e não-linguísticos, por estarem sempre dispostos a fazer algo que me ajudasse a procrastinar só mais um pouquinho, por terem paciência – aguentar mestranda em casa não é fácil! Mas, principalmente, por tornarem meu dia a dia prazeroso, confortável, sem estresses e preocupações, deixando o processo do mestrado bem mais simples do que poderia ter sido.

Ao meu pai, Manuel, por aquela ajudinha certa, na hora em que eu mais precisei. Também à minha madrastra, Carol, pelo apoio e pela gentileza de sempre. De igual modo, aos meus irmãos, Nadine, Ana Maya, e André, por existirem e fazerem da minha vida um lugar mais feliz.

À minha tia e madrinha, Ilana, pelo exemplo acadêmico e humano, sempre.

À minha orientadora, Prof. Dra. Hebe Macedo de Carvalho, por sua paciência infinita, pela extrema confiança, não somente no meu trabalho e na minha capacidade, mas na minha forma não convencional de pesquisa e escrita, até mesmo quando os prazos pareciam impossíveis. Por tornar esse trabalho mais rico, por me incentivar a sempre a procurar mais, fazer mais, dizer mais e explicar mais. Por todos os conselhos e indicações, não só de leituras e pesquisas acadêmicas, mas de formas de tornar o processo de criar esse texto ameno e tranquilo, por nossas trocas e sugestões de entretenimento, comida, medicina convencional e alternativa. Todo esse processo ladeado pela professora Hebe foi extremamente rico, engrandecedor e prazeroso.

À Prof. Dra. Márluce Coan, que não só esteve na minha banca de qualificação, mas que tem feito parte de todo meu processo de formação sociolinguística desde a época da graduação, sempre me estimulando a pesquisar e a aprender mais.

Aos professores do PPGL, em especial, à professora e coordenadora Rosemeire Monteiro-Plantin, que sempre incentivou minha pesquisa, meu intelecto e minha existência, em geral, com sua energia positiva.

Aos funcionários do PPGL, em especial, ao Eduardo e à Vanessa, que fazem o possível e o impossível para que tudo funcione exatamente como, quando e onde deveria.

Ao CNPq, pelo incentivo financeiro.

Aos meus colegas, em especial aos do grupo SOCIOLIN, por todas as ideias trocadas e compartilhadas.

À Samara e à Thyara, pela irmandade, independente de laços sanguíneos.

Ao Kleber, pelo apoio incondicional, mas, principalmente, por sair pra tomar sorvete de madrugada comigo.

Ao William e à Geórgia, por estarem sempre dispostos a responder meus “Eiii, tu sabe onde eu encontro...?”, seja relacionado à academia ou a algo totalmente irrelevante.

A todos os meus colegas e amigos do Curso de Escrita Criativa, que chegaram aos 45 do segundo tempo, com todo incentivo, apoio e motivação que uma pessoa poderia desejar, sempre ao meu lado para minhas escritas acadêmicas e criativas.

Aos meus amigos que, de tantos, se fosse agradecer um por um, seria maior que o texto da dissertação, mas tenho certeza que sabem quem são. Prometo que vou marcar, de fato, todos os “assim que eu terminar a dissertação, a gente marca”.

## RESUMO

O presente trabalho busca, primeiramente, descrever e analisar as ocorrências da variação da concordância de número em predicativos do sujeito em falantes na cidade de Fortaleza. Para isso, adotamos como base teórica a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966; 1972; 2001). Partimos do conhecimento sobre concordância nominal em predicativos do sujeito da gramática normativa da língua portuguesa descrito nas gramáticas de Cunha; Cintra (1985) e Bechara (1989). Adotamos como base para nossa pesquisa os estudos sobre variação na concordância de número no português realizados por Scherre (1988), Scherre; Naro (1998) e Scherre (2014). Como corpus para a obtenção dos dados, utilizamos o projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), do qual selecionamos uma amostra de 48 informantes estratificados por sexo, anos de escolaridade e tipo de registro (D2 e EF). Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que fornece resultados estatísticos de língua falada para a análise de dados a partir de um modelo binário de variável dependente, selecionando as variáveis que se mostram estatisticamente relevantes para o fenômeno estudado. Em seguida, aplicamos o teste de reação subjetiva para 300 alunos de diversos cursos das três áreas de estudo -- ciências humanas, exatas e biológicas -- da Universidade Federal do Ceará. A partir da coleta desses dados, investigamos como os falantes fortalezenses avaliam o fenômeno variável em estudo. Os fatores selecionados pelo programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) como estatisticamente significativos foram sexo do falante, paralelismo formal, características formais do verbo da oração e características formais do sujeito da oração. Concluimos que, no geral, falantes do sexo feminino tendem a ser mais conservadores em relação ao uso da concordância nominal em predicativos do sujeito, confirmando nossa hipótese, baseada nas teorias de Labov (2010) e resultados obtidos por Scherre (1991) e Dias (1996). Também concluimos que o tipo de elocução, formal ou informal, mesmo não tendo sido uma variável selecionada como estatisticamente significativa pelo programa, é relevante como variável prioritariamente para variantes correlacionadas à saliência fônica, como a tonicidade dos itens regulares e processo morfofonológico de formação de plural. Com os testes de reação subjetiva, percebemos que, ao contrário da nossa hipótese, alunos de ciências exatas tendem a ser mais conservadores em relação ao fenômeno em estudo. Podemos afirmar também que itens mais salientes, tanto foneticamente quanto por serem menos usuais, tendem a ter sua forma que não apresenta a marcação explícita de plural /s/ com maior grau de avaliações negativas pelos falantes. No geral, entendemos que os testes de reação subjetiva indicam que a falta de



concordância de número nos predicativos do sujeito na cidade de Fortaleza é avaliada negativamente, mesmo em situações informais.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Predicativo do sujeito. Reação subjetiva.

## ABSTRACT

This work aims, primarily, to describe and analyze the occurrences of number agreement variations in subject predicative in speakers from the city of Fortaleza. For that purpose, we adopt *Variationist Sociolinguistics* (LABOV, 1966; 1972; 2001) as the theoretical basis. We set as a starting the knowledge of noun agreement in subject predicatives in the normative grammar in the Portuguese language described in the grammars by Cunha; Cintra (1985) and Bechara (1989). We adopt as basis for our research studies on number agreement in Brazilian Portuguese realized by Scherre (1988), Scherre; Naro (1998) and Scherre (2014). For data gathering, we used the NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) project, from which we selected a sample of 48 informants stratified by sex (male and female), years of educations (0-8 years and 9-11 years) and type of register (informal (D2) and formal (EF)). For the statistical analysis of data, we utilized the program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), which provides statistical results for spoken language for data analysis, from a binary model of dependent variable, selecting the variables which are shown to be statistically significant to the studied phenomenon. Next, we applied the subjective reaction test to 300 students of several courses in the three main areas of studies – Human Sciences, Physical Sciences and Biological Sciences – at Universidade Federal do Ceará. From this data collection, we investigated how the speakers from Fortaleza the variable phenomenon in question. The factors selected as statistically relevant were the speakers sex, formal parallelism, formal characteristics of the verb in the sentence and formal characteristics of the subject in the sentence. We have concluded, in general, that female speakers tend to be more conservative in relation to number agreement in subject predicatives, confirming our hypothesis, based on the theories by Labov (2001), and the results obtained by Scherre (1991) and Dias (1996). We also concluded that the type of register, formal or informal, although not selected by the statistical program as a relevant variable, is shown to be relevant to some independent variables, especially those related to phonic salience, such as *tonicity of the regular items* and *morphophonological process of plural formation*. With the subjective reaction tests, we realized that, contrary to our hypothesis, students from the Physical Sciences tend to be more linguistically conservative than those of Biological and Human Sciences, regarding the phenomenon studied by us. We can also affirm that more salient items, both phonically and by being less usual, tend to be evaluated more negatively in their plural form without explicit plural marks. In general, we understand that we linguistic evaluation tests indicate that the lack

of number agreement in subject predicatives in the city of Fortaleza is negatively evaluated, even in informal situations.

**Keywords:** Linguistic variation. Subject predicative. Subject reaction.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Caracterização das células de informantes que foram utilizadas na pesquisa .....	43
Quadro 2 -	Modelo do primeiro teste de reação subjetiva e atitude aplicado aos alunos da Universidade Federal do Ceará .....	51
Quadro 3 -	Modelo do segundo teste de reação subjetiva e atitude aplicado aos alunos da Universidade Federal do Ceará .....	54

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Área de estudo dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude linguística .....	74
Gráfico 2 -	Gênero dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude linguística .....	75
Gráfico 3 -	Tipo de escola dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude linguística .....	75

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Sexo do Falante .....	57
Tabela 2 -	Paralelismo formal das sequências de predicativo na oração .....	58
Tabela 3 -	Características formais do verbo da oração .....	60
Tabela 4 -	Características formais do sujeito da oração .....	61
Tabela 5 -	Escolaridade do falante .....	63
Tabela 6 -	Tipo de Elocução .....	65
Tabela 7 -	Estrutura do predicativo .....	66
Tabela 8 -	Tonicidade dos itens singulares .....	68
Tabela 9 -	Processos morfofonológicos de formação de plural .....	70
Tabela 10 -	Presença de material interveniente entre verbo e predicativo .....	71
Tabela 11 -	Frequência geral de presença vs. ausência de marca formal de plural em predicativos de sujeito na cidade de Fortaleza .....	72
Tabela 12 -	Estratificação dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude de acordo com a identificação de gênero .....	76
Tabela 13 -	Estratificação dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude de acordo o tipo de instituição frequentada no ensino médio .....	76
Tabela 14 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 1 .....	78
Tabela 15 -	Frequência de respostas para a pergunta 1 por área de estudo .....	79
Tabela 16 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 2 .....	80
Tabela 17 -	Frequência de respostas para a pergunta 2 por área de estudo .....	81
Tabela 18 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 3 .....	82
Tabela 19 -	Frequência de respostas para a pergunta 3 por área de estudo .....	83
Tabela 20 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 4 .....	83
Tabela 21 -	Frequência de repostas para a pergunta 4 por área de estudo .....	84
Tabela 22 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 5 .....	85
Tabela 23 -	Frequência de respostas para a pergunta 5 por área de estudo .....	85
Tabela 24 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 6 .....	86
Tabela 25 -	Frequência de respostas para a pergunta 6 por área de estudo .....	87

Tabela 26 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 7 .....	88
Tabela 27 -	Frequência de respostas para a pergunta 7 por área de estudo .....	88
Tabela 28 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 8 .....	89
Tabela 29 -	Frequência de respostas para a pergunta 8 por área de estudo .....	90
Tabela 30 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 9 .....	91
Tabela 31 -	Frequência de respostas para a pergunta 9 por área de estudo .....	91
Tabela 32 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 10 .....	92
Tabela 33 -	Frequência de respostas para a pergunta 10 por área de estudo .....	92
Tabela 34 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 1 da segunda parte do teste .....	95
Tabela 35 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 2 da segunda parte do teste .....	95
Tabela 36 -	Frequência geral das respostas para a pergunta 3 da segunda parte do teste .....	96

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA</b> .....	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>42</b>
<b>5.1</b>	<b>Delimitação do universo da pesquisa</b> .....	<b>42</b>
<b>5.2</b>	<b>Tratamento estatístico dos dados</b> .....	<b>44</b>
<b>5.3</b>	<b>Variáveis linguísticas</b> .....	<b>45</b>
<b>5.3.1</b>	<i>Paralelismo formal das sequências de predicativo</i> .....	<b>45</b>
<b>5.3.2</b>	<i>Características formais do verbo da oração</i> .....	<b>46</b>
<b>5.3.3</b>	<i>Características formais do sujeito da oração</i> .....	<b>46</b>
<b>5.3.4</b>	<i>Estrutura do predicativo</i> .....	<b>47</b>
<b>5.3.5</b>	<i>Tonicidade dos itens regulares</i> .....	<b>47</b>
<b>5.3.6</b>	<i>Processos morfofonológicos de formação do plural</i> .....	<b>47</b>
<b>5.3.7</b>	<i>Presença de material interveniente entre verbo e o predicativo</i> .....	<b>48</b>
<b>5.4</b>	<b>Universo do teste de reação subjetiva</b> .....	<b>48</b>
<b>5.4.1</b>	<i>Elaboração do teste de reação subjetiva e atitude linguística</i> .....	<b>50</b>
<b>5.4.2</b>	<i>Motivação das respostas dos testes de reação subjetiva e atitude linguística</i> .....	<b>53</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>55</b>
<b>6.1</b>	<b>Variáveis selecionadas como estatisticamente significativas</b> .....	<b>55</b>
<b>6.1.1</b>	<i>Sexo do falante</i> .....	<b>55</b>
<b>6.1.2</b>	<i>Paralelismo formal das sequências de predicativo</i> .....	<b>57</b>
<b>6.1.3</b>	<i>Características formais do verbo da oração</i> .....	<b>59</b>
<b>6.1.4</b>	<i>Características formais do sujeito da oração</i> .....	<b>61</b>
<b>6.2</b>	<b>Variáveis não selecionadas como estatisticamente significativas</b> .....	<b>63</b>
<b>6.2.1</b>	<i>Escolaridade do falante</i> .....	<b>63</b>
<b>6.2.2</b>	<i>Tipo de elocução</i> .....	<b>64</b>
<b>6.2.3</b>	<i>Estrutura do Predicativo</i> .....	<b>65</b>
<b>6.2.4</b>	<i>Tonicidade dos itens regulares</i> .....	<b>67</b>
<b>6.2.5</b>	<i>Processos morfofonológicos de formação do plural</i> .....	<b>69</b>



6.2.6	<i>Presença de material interveniente entre verbo e predicativo</i> .....	71
6.5	<b>Resultados gerais do fenômeno em informantes na cidade de Fortaleza</b> .....	72
7	<b>ANÁLISE DO TESTE DE REAÇÃO SUBJETIVA</b> .....	74
7.1	<b>Análise das perguntas</b> .....	77
7.1.1	<i>Pergunta 1: “Os meninos daquela turma tudo são... enrolão”</i> .....	78
7.1.2	<i>Pergunta 2: “Os meninos daquela turma são tudo... enrolões”</i> .....	80
7.1.3	<i>Pergunta 3: “No interior, as coisa são muito mais difícil”</i> .....	81
7.1.4	<i>Pergunta 4: “No interior, as coisas são muito mais difíceis”</i> .....	83
7.1.5	<i>Pergunta 5: “Eles, quando sofrem, ficam calados”</i> .....	84
7.1.6	<i>Pergunta 6: “Eles, quando sofrem, ficam calado”</i> .....	86
7.1.7	<i>Pergunta 7: “Elas são engraçadinha que só”</i> .....	87
7.1.8	<i>Pergunta 8: “Elas são engraçadinhas que só”</i> .....	89
7.1.9	<i>Pergunta 9: “As pessoas eram mais temíveis”</i> .....	90
7.1.10	<i>Pergunta 10: “As pessoas eram mais temível”</i> .....	92
7.2	<b>A motivação dos informantes para as respostas do teste</b> .....	94
8	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	97
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	101
	<b>ANEXOS</b> .....	105

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido na linha de pesquisa Descrição e Análise Linguística, mais especificamente, na área de estudos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), conhecida por entrelaçar língua e sociedade, analisando as influências que uma exerce sobre a outra e como, juntas, influenciam a variação e a mudança linguística.

Partindo do pressuposto de que língua e sociedade se relacionam e se entrelaçam e de que, a partir dessa relação, impulsionam a variação e a mudança linguística, estudamos, neste trabalho, a variação de número em predicativos do sujeito. Buscamos explorar, em nossa pesquisa, com base em testes aplicados por Labov (1966; 1972), como esse fenômeno variável ocorre na cidade de Fortaleza, no Ceará, e quais fatores linguísticos e extralinguísticos motivam essa variação. Também buscamos aqui compreender como os falantes nativos da cidade de Fortaleza percebem as variantes associadas à variável por nós estudada, se a não concordância de número do predicativo do sujeito é avaliada e como a presença ou ausência de marcas explícitas de plural /s/ no predicativo do sujeito influencia a positivação ou negativação dessa avaliação.

Dessa forma, nosso trabalho é organizado em duas etapas. Inicialmente, fizemos a análise de dados e descrição do fenômeno. Primeiramente, estudamos como essa variação ocorre na fala de Fortaleza. Para isso, coletamos dados de fala retirados do *corpus* do projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza)<sup>1</sup>, do qual selecionamos 48 informantes, estratificados por *sexo, escolaridade e por tipo de elocução*. Vimos quais dos três fatores sociais selecionados influenciam a ocorrência do fenômeno. Além desses fatores, controlamos sete fatores linguísticos, sendo eles: *paralelismo formal das sequências de predicativo no discurso, características formais do verbo da oração, características formais do sujeito da oração, estrutura do predicativo, processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade dos itens regulares e presença de material interveniente entre o verbo e o predicativo da oração*, através dos quais também buscamos compreender como tais fatores influenciam a ocorrência do fenômeno na fala de Fortaleza, CE.

Após essa etapa da pesquisa, selecionamos dados do *corpus* escolhido e os apresentamos a um segundo grupo de falantes, também nativos de Fortaleza, via documento *Google Forms*<sup>2</sup>. Esses sujeitos expressaram suas opiniões em relação à fala que lhe é apresentada.

---

<sup>1</sup> Ver Capítulo 4. Metodologia.

<sup>2</sup> Ver Capítulo 4. Metodologia.

Nosso objetivo com essa etapa foi, através da aplicação testes de reação subjetiva (LABOV, 1966; 1972), investigar como os falantes pesquisados avaliam a concordância de número no predicativo do sujeito, se avaliam esse fenômeno positiva ou negativamente quando sua variante não segue as normas da gramática tradicional, ou seja, quando não apresenta as marcas explícitas de plural no predicativo do sujeito.

Em Sociolinguística, é através da aplicação de testes de atitude e reação subjetiva (LABOV, 1972) que pesquisadores buscam entender como os falantes da língua estudada percebem e avaliam a fala em relação ao fenômeno pesquisado por eles e ainda se, por exemplo, ao fugir da norma padrão, descrita por Faraco (2008, p. 49) como “variedade de uso corrente entre falantes urbanos de escolaridade superior completa, em situações monitoradas”, consideram aquele tipo de fala estigmatizado dentro de sua comunidade linguística e seu contexto social. Ainda através desses testes, buscam descobrir quais as formas mais usadas pelos falantes, com as quais se sentem à vontade e confortáveis em seus círculos sociais, quer estes demandem maior ou menor formalidade linguística e comportamental, quais formas são rejeitadas e como essas formas, preferidas e rejeitadas, relacionam-se com a norma padrão da língua.

No Brasil, o estudo da *avaliação linguística* ainda é relativamente novo, quando comparado com outros dos problemas da pesquisa Sociolinguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]), como *o problema dos fatores condicionantes* ou *o problema da transição*, tendo sido mais estudado no âmbito da Sociolinguística na última década, em comparação aos estudos variacionistas, apesar de sua extrema importância para a compreensão da tendência e do estudo da mudança linguística. Dessa forma, propomo-nos, com esta pesquisa, a estudar como os falantes avaliam sua própria fala e a de outrem na cidade de Fortaleza com o objetivo de aprofundar os conhecimentos nesse campo de estudo e fornecer subsídios para estudos atuais e futuros sobre a mudança linguística acerca de nosso fenômeno.

Para a análise variacionista dos dados, usamos o programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), para fazer o tratamento estatístico dos dados e analisar a atuação das variáveis independentes (*paralelismo formal das sequências de predicativo no discurso, características formais do verbo da oração, características formais do sujeito da oração, estrutura do predicativo, processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade dos itens regulares e presença de material interveniente entre o verbo e o predicativo da oração*) sobre o fenômeno variável estudado.

Buscamos, com nosso trabalho, testar hipóteses, a serem detalhadas no capítulo 6, previamente estabelecidas por Scherre (1991) e Dias (1996), em estudos anteriores acerca desse fenômeno, assim como estudar como esse fenômeno se manifesta na fala dos indivíduos da cidade de Fortaleza e quais fatores sociais e linguísticos são determinantes para a sua ocorrência. Scherre (1991) aborda a variação da concordância nominal a partir de dados coletados de falantes do Rio de Janeiro, através do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), enquanto Dias (1996) estuda a frequência da variação de número no predicativo do sujeito/particípio passivo em três cidades do estado de Santa Catarina, a partir da coleta de dados retirada do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul).

Sobre o *paralelismo formal das sequências do predicativo no discurso*, as *características formais do verbo da oração* e as *características formais do sujeito da oração*, Scherre (1991) e Dias (1996) apresentam uma única hipótese: “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (SCHERRE, 1991, p.54), baseada em dados encontrados previamente em estudos sobre paralelismo em Poplack (1980) e Scherre (1988). Para as variáveis *processos morfofonológicos de formação de plural* e *tonicidade dos itens regulares*, Scherre (1991) e Dias (1996) partiram de hipótese baseada em resultados anteriores encontrados por Lemle e Naro (1977) e Scherre (1988), de que itens mais salientes fonologicamente apresentaram mais marcações explícitas de plural que itens menos salientes. Para a variável *estrutura do predicativo*, a hipótese proposta por Scherre (1991) e Dias (1996), partindo de resultados de Scherre (1998), é de que a estrutura sintagmática do predicativo exerce influência na marcação do plural, de forma que a configuração substantiva, chamada pela autora de nominal, apresentaria mais marcas explícitas de plural que a configuração adjetiva, e sentenças com as formas tudo/todo, por natureza, não apresentariam a marcação explícita de plural. Scherre (1991) propõe a hipótese, replicada por Dias (1996), para a variável *presença de material interveniente entre verbo e predicativo*, partindo do pressuposto de que qualquer material interveniente interromperia o fluxo normal do pensamento comprometendo, dessa forma, a concordância de número.

Para nosso trabalho, replicaremos as variáveis e as hipóteses acima elencadas, com dados de Fortaleza, Ceará, do banco de dados do projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza).

O objeto de estudo, a variação da concordância de número do predicativo em relação ao sujeito da sentença, em dados de fala de Fortaleza, recorta a variável dependente como binária, cujas variantes são (1) a presença explícita de marcas de plural no predicativo do sujeito vs. (2) a ausência de marcas de plural no predicativo do sujeito. Abaixo, podemos ver exemplos da manifestação desse fenômeno, que, sintagmaticamente, é composto por *Sujeito [explícito ou oculto] + Verbo de Ligação [explícito ou oculto] + Predicativo do Sujeito*.

(1) As meninas são muito *sapecas*.

(2) As meninas são muito *sapeca*.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na variação da concordância de número nos predicativos do sujeito em falantes fortalezenses, bem como investigar como essas variações são percebidas e avaliadas pelos falantes, através de testes de reação subjetiva.

Os objetivos específicos são a) analisar a frequência da ocorrência de variações da concordância de número nos predicativos do sujeito em falantes de Fortaleza; b) investigar a atuação de fatores linguísticos (paralelismo formal, características formais do sujeito da construção, características formais do verbo da construção, estrutura do predicativo, tonicidade dos itens regulares, presença de material interveniente entre verbo e sujeito e o processo morfológico de formação do plural do item estudado) e extralinguísticos (sexo, escolaridade e tipo de elocução) na variação de número nos predicativos do sujeito em orações enunciadas por falantes de Fortaleza.

Na área da descrição linguística, justificamos a escolha da variação de número do predicativo do sujeito pelo fato de haver poucos estudos no Brasil desse fenômeno específico, incluindo a cidade de Fortaleza. Ainda é um fenômeno cujas características são pouco descritas e estudadas no país. Na área da avaliação linguística, justificamos essa escolha pelo fato de que os fenômenos de concordância de número no português brasileiro, quando fogem da regra padrão, ou seja, aquela que apresenta marcas explícitas de plural, tendem a ser estigmatizados por falantes. Em estudos anteriores (SCHERRE, 1988; SCHERRE, 1991; DIAS, 1996; CARVALHO, 1997; SCHERRE & NARO, 1998 e TABOSA, 2016), o resultado encontrado constantemente é aquele em que as formas padrões da língua – no caso dos fenômenos de concordância de número, os que apresentam marcas explícitas de plural – são mais utilizados que as formas não-padrão.

No entanto, por estarmos trabalhando com estruturas de verbos de ligação e menos transitividade, acreditamos que esse fenômeno tenha menor grau de avaliações negativas por parte dos falantes. Com o teste de reação subjetiva, buscamos testar essa hipótese.

Replicamos as variáveis previamente introduzidas nos estudos de Scherre (1991) e Dias (1996) a partir do comportamento do fenômeno estudado em falantes nativos de Fortaleza. Também consideramos o fato de que os resultados dos trabalhos realizados por Scherre (1991) e Dias (1996) contêm pequenas diferenças em suas variáveis estatisticamente significativas, ou seja, as variáveis que se mostram relevantes em relação ao fenômeno estudado diferem de acordo com a localidade do estudo. É de nosso interesse entender como essas variáveis comportam-se no cenário do português falado na cidade de Fortaleza e quais variáveis se mostram estatisticamente significantes em nossa situação de pesquisa.

Nesse trabalho, introduzimos também uma nova variável, não explorada anteriormente por Scherre (1991) ou Dias (1996): o tipo de elocução formal ou informal. Pensamos nessa variável como relevante, pois acreditamos que, com base em Labov (1972), em situações comunicativas, os falantes da língua tendem a mudar o discurso e o registro adequando-se a situação em que se encontram. Acreditamos que, em ocasiões formais, como uma palestra acadêmica ou um sermão religioso, os falantes tendem a seguir mais estritamente os padrões estabelecidos pela norma padrão da língua portuguesa, enquanto que, em situações informais, como uma conversa entre amigos, sentem-se mais à vontade para não seguir essa norma.

No banco de dados do NORPOFOR, que utilizamos como *corpus* para esta pesquisa, existem três tipos de registro: diálogo entre informante e documentador (DID), diálogo entre dois informantes (D2) e elocução formal (EF). Utilizamos o diálogo entre dois informantes (D2), por se tratar de uma conversa informal com pouca influência do entrevistador, e elocução formal (EF), por se tratar de situações ocorridas em ambientes formais e nas quais as informantes possuem conhecimento sobre o assunto abordado, como sermões religiosos, aulas ou palestras. Levando esses fatores em consideração, achamos importante pesquisar como o tipo de elocução, formal ou informal, influencia o fenômeno da variação de número do predicativo do sujeito na fala dos fortalezenses. Em seguida, aplicamos um teste de reação subjetiva, que mensura e analisa a percepção do falante sobre a própria língua.

Os sujeitos foram alunos de instituições de ensino superior que possuíam mais de onze anos de escolaridade em três áreas de estudo (ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas). Fizemos uso da ferramenta *Google Forms*. Dessa forma, propomo-nos, com esta

pesquisa, a estudar como os falantes avaliam sua própria fala e a de outrem na cidade de Fortaleza com o objetivo de aprofundar os conhecimentos nesse campo de pesquisa e fornecer subsídios para trabalhos atuais e futuros sobre a variação linguística acerca do fenômeno.

Em nosso trabalho, abordamos os seguintes problemas: como o sexo do falante influencia a presença vs. a ausência da marca de plural /s/ nos predicativos do sujeito? Falantes mais escolarizados apresentam maior tendência em usar a concordância de número nos predicativos do sujeito? A concordância de número nos predicativos do sujeito é maior quando analisamos tipos de elocução mais formais? A presença do paralelismo formal favorece o aparecimento de marcas de plural /s/ no predicativo do sujeito? A presença ou ausência de marcas explícitas de plural no verbo na sentença favorece o aparecimento de marcas explícitas de plural /s/ no predicativo do sujeito? A presença ou ausência de marcas explícitas de plural no sujeito na sentença favorece o aparecimento de marcas explícitas de plural /s/ no predicativo do sujeito? Itens oxítonos apresentam maior frequência de concordância nominal no predicativo do sujeito que itens proparoxítonos e paroxítonos? Itens que possuem processo regular morfofonológico de formação de plural possuem maior frequência de concordância nominal no predicativo do sujeito que aqueles com processo morfofonológico de formação de plural irregulares? A estrutura do predicativo influencia o aparecimento de marcas explícitas de plural /s/? A tonicidade dos itens lexicais influencia a presença de marcas explícitas de plural /s/ do predicativo do sujeito? O uso da variante não padrão será estigmatizada pelos falantes da língua?

A partir desses problemas, trabalhamos com as seguintes hipóteses, partindo das hipóteses levantadas por Scherre (1991) e Dias (1996) e dos resultados obtidos em suas respectivas pesquisas:

1) Falantes do sexo feminino apresentarão maior tendência em utilizar a variante culta padrão da língua portuguesa segundo a gramática tradicional, ou seja, apresentar sentenças com a marca de plural /s/ explícita, assim como falantes do sexo masculino terão menor tendência a utilizar a variante culta padrão da língua portuguesa segundo a gramática tradicional, ou seja, apresentar sentenças sem a marca de plural /s/ explícita;

2) Falantes de maior escolaridade apresentarão maior tendência a utilizar a variante culta padrão da língua portuguesa segundo a gramática tradicional, ou seja, apresentar sentenças com a marca de plural /s/ explícita, assim como falantes do sexo masculino terão menor

tendência a utilizar a variante culta padrão da língua portuguesa segundo a gramática tradicional, ou seja, apresentar sentenças sem a marca de plural /s/ explícita;

3) No tipo de elocução de maior formalidade (EF), esperamos encontrar mais ocorrências de concordância de número nos predicativos do sujeito que no tipo de elocução de menor formalidade (D2);

4) Predicativo do sujeito precedido por predicativos do sujeito que apresentam marca de plural /s/ explícita deve apresentar, também, marca de plural /s/ explícita. Predicativo do sujeito precedido por predicativos do sujeito que não apresentam marca de plural /s/ explícita não deve apresentar marca explícita de plural, confirmando o fenômeno do paralelismo formal;

5) A presença de marcas explícitas de plural no verbo favorece a presença de marcas explícitas de plural /s/ no predicativo do sujeito, assim como a ausência de marcas explícitas de plural no verbo favorece a ausência de marcas explícitas de plural no predicativo do sujeito;

6) A presença de marcas explícitas de plural no sujeito favorece a presença de marcas explícitas de plural /s/ no predicativo do sujeito, assim como a ausência de marcas explícitas de plural no sujeito favorece a ausência de marcas explícitas de plural no predicativo do sujeito;

7) Predicativos substantivos tendem a apresentar mais marcas explícitas de plural /s/ que predicativos adjetivos. A presença dos elementos *tudo* e *todo* no predicativo favorece a não marcação explícita de número dos predicativos do sujeito;

8) Itens oxítonos devem apresentar maior tendência à marcação explícita de plural /s/, seguidos por itens paroxítonos, e proparoxítonos, respectivamente;

9) A ausência de material interveniente entre o verbo e o predicativo deve comprometer a concordância de número do predicativo do sujeito, assim como a presença de material interveniente entre o verbo e o predicativo do sujeito deve favorecer a presença de marcas explícitas de plural;



10) Itens com o processo morfofonológico de formação de plural regular devem apresentar menor índice de marcas explícitas de plural /s/ que itens com o processo morfofonológico de formação de plural irregular e misto;

11) As sentenças que apresentam todas as marcas explícitas de plural /s/ do predicativo do sujeito não serão consideradas estigmatizadas e a não marcação explícita de concordância mostrará maior grau de estigma;

No segundo capítulo apresentamos a revisão de literatura e os trabalhos anteriores sobre o fenômeno por nós estudado. No terceiro capítulo, abordamos os pressupostos teóricos a partir das teorias de base da Linguística. Por sua vez, no quarto capítulo, aprofundamo-nos nos estudos da Sociolinguística Variacionista.

No quinto capítulo, apresentamos a metodologia a ser utilizada para a realização deste trabalho. Oferecemos explicações sobre o banco de dados NORPOFOR, o programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e nossa estratificação de informantes. Também abordamos o processo de estratificação e preparação do teste de reação subjetiva aplicado aos falantes nativos da cidade de Fortaleza.

No sexto capítulo, apresentamos a análise de dados e fazemos comparações parciais com os dados de Scherre (1991) e Dias (1996), assim como mostramos nossas próprias conclusões sobre os dados coletados, codificados e analisados. No sétimo capítulo apresentamos a análise do teste de reação subjetiva aplicado aos falantes e os resultados obtidos.

Por fim, no oitavo capítulo, discutimos os resultados explicando como chegamos a esse pensamento, quais dados foram analisados, como se deu esse processo e como podemos utilizar tais dados e descobertas em pesquisas futuras.

Ao final, apresentamos referências, assim como anexos e apêndices.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

O fenômeno escolhido por nós trata-se da concordância de número no português brasileiro. Tal fenômeno tem sido amplamente estudado no Brasil (LIMA, 1984; SCHERRE, 1988; BRAGA e SCHERRE, 1992; SCHERRE, 1991; DIAS, 1996; CARVALHO, 1997; SCHERRE e NARO, 1998; TABOSA, 2016).

Na década de 80, Lima (1984) apresenta um trabalho de concordância nominal na cidade de Fortaleza, analisando a fala de 16 estudantes da sétima série, de níveis socioeconômicos distintos. Os fatores extralinguísticos considerados foram sexo do falante (masculino e feminino), nível socioeconômico do falante e estilo (menos informal, mais ou menos formal, formal). As variáveis linguísticas consideradas no estudo foram contexto fonológico, posição no sintagma nominal, informação de plural precedente e categoria morfológica. Os resultados obtidos evidenciam 69% de marcas explícitas de plural em termos gerais. Todos os fatores linguísticos se mostraram relevantes para o fenômeno. Dos fatores sociais, estilo não se mostrou relevante para a ocorrência do fenômeno, enquanto sexo e classe social se apresentam como fatores favorecedores para o fenômeno, de forma que falantes do sexo feminino e aqueles de classes sociais mais altas tendem a usar mais marcas de plural no sintagma nominal, ou seja, a forma de prestígio.

Scherre (1988) pesquisou a concordância de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal do português brasileiro em falantes do Rio de Janeiro, com amostras do bando de dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), sob a perspectiva teórica da Sociolinguística Quantitativa e da Teoria funcionalista. Sua amostra contava com 64 informantes, sendo eles 48 adultos, estratificados por sexo (masculino e feminino), faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos, 50+ anos) e anos de escolarização (1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos) e 16 crianças, estratificadas por sexo (masculino e feminino), faixa etária (7-10 anos, 11-14 anos) e escolaridade (1-4 anos, 5-8 anos). Com esse trabalho, Scherre (1988) buscou encontrar quais variáveis linguísticas e sociais se mostravam estatisticamente relevantes para o fenômeno variável estudado e, a partir da teoria Sociolinguística Variacionista, buscou evidenciar que uma teoria linguística adequada deve incorporar motivações externas àquelas gramaticais que influenciam o uso e a forma da língua. Também investigou se o fenômeno estudado refletia uma variação sociolinguística estável ou uma mudança linguística em progresso e, ainda, se a variação é inerente, ou seja, se a variação de grupo reflete a variação individual.

Como resultado, Scherre (1988) constatou que as variáveis sexo e grau de escolarização se mostravam importantes para a ocorrência do fenômeno: que mulheres e falantes de maior escolaridade tinham maior tendência a se aproximarem da forma de prestígio, nesse caso, da forma com marcação explícita de plural. Também concluiu que o fenômeno se encontrava em variação sociolinguística estável, com alto percentual de concordância para os falantes de ambiente não humilde, mas que apresentava um processo de mudança linguística em direção à não-concordância para falantes de ambiente humilde. O objetivo de mostrar a variação inerente foi alcançado a partir da conclusão de que a maioria das variáveis favorece uniformemente os agrupamentos de falantes. Os três fatores linguísticos que apresentaram maior influência no fenômeno foram paralelismo formal (a presença de marcas de plural /s/), posição e saliência fônica.

Carvalho (1997) apresenta um trabalho de análise variacionista da concordância nominal na cidade de João Pessoa, na Paraíba, a partir de dados coletados do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Considerou como variantes a presença explícita de marcas de plural /s/ e a ausência de marcas de plural  $\emptyset$  e trabalhou a partir das hipóteses propostas por Scherre (1988), buscando verificar se se confirmariam na fala de João Pessoa. Os falantes do banco de dados foram estratificados por sexo (masculino e feminino), anos de escolarização (0 anos, 1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos, mais de 11 anos) e faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos, 50+ anos). A referida pesquisadora obteve, em seu trabalho, resultados parecidos com os de Scherre (1988), nos quais encontrou que marcas precedentes em função da posição e saliência fônica foram os fatores linguísticos que mais favoreceram a ocorrência do fenômeno. Também encontrou que a variável anos de escolarização exerce forte atuação na ocorrência do fenômeno (assim como sexo) e que falantes do sexo feminino e falantes com mais anos de escolarização tendem a fazer maior uso de marcas de plural no âmbito do sintagma nominal.

Scherre e Naro (1998) apresentam outro estudo da variação de número no português brasileiro, com dados retirados do *Corpus Censo* do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), composto por dados de 64 informantes, estratificados por sexo (masculino e feminino), anos de escolaridade (0-4, 5-8, 9-11) e faixa etária (7-14,15-25,26-49,50-71). Nesse trabalho, os autores fizeram análise profunda da saliência fônica, buscando comprovar pesquisas anteriores que sinalizam para a constatação de, que quanto maior é a saliência fônica, maiores são as chances de concordância verbal.

Scherre e Naro (1998) apontam como critérios de aumento ou diminuição de saliência fônica a tonicidade dos itens regulares, o processo morfofonológico de formação de plural, ressaltando que itens oxítonos possuem mais saliência, portanto, maiores chances de concordância, assim como itens de processo morfofonológico de formação de plural irregular. Esses resultados se mostram constantes para itens verbais, nominais e para o predicativo do sujeito.

No Ceará, Tabosa (2016) apresenta um estudo com falantes da região do Cariri. Os dados foram coletados de 24 informantes e retirados do banco de dados PROFALA (Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações). Foram analisados dados de 24 informantes, estratificados por sexo (masculino e feminino), escolarização (1-8 anos, 9-11 anos) e faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos, 50+ anos). Foram controladas as seguintes variáveis linguísticas: posição linear dos elementos no sintagma, classe e posição em relação ao núcleo, classe gramatical do elemento sob análise, marcas precedentes ao elemento analisado em função da posição, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais singulares. As variáveis sociais selecionadas como estatisticamente significativas foram sexo e faixa etária, com a conclusão de que jovens de 15-25 anos e falantes do sexo feminino têm maior tendência ao uso de marcas de plural no sintagma nominal. As variáveis linguísticas selecionadas foram posição e classe gramatical em relação ao núcleo, marcas precedentes e processos morfofonológicos de formação de plural, essas duas últimas comprovando, ainda, os princípios do processamento paralelo e da saliência fônica, respectivamente.

No entanto, até onde pudemos constatar, poucos estudos foram realizados no Brasil sobre a concordância de número com predicativo do sujeito. Scherre (1991) analisou a fala de 64 indivíduos do Rio de Janeiro, com amostras do *Corpus Censo* do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), estratificados por sexo masculino e feminino, tendo entre 1-4, 5-8 e 9-11 anos de escolaridade, e 7-14, 15-25, 26-49 e 50-71 anos de idade. A autora utilizou nove variáveis linguísticas como condicionadoras da variação de número nos predicativos do sujeito e participios passivos: o paralelismo formal das sequências do predicativo/particípio passivo, as características formais do sujeito, as características formais do verbo, a estrutura do predicativo, os processos morfofonológicos de formação de plural, a tonicidade dos itens singulares, a ordem dos elementos na estrutura e o material interveniente entre o verbo e o predicativo.

Scherre (1991) concluiu que foram variáveis estatisticamente significativas para a ocorrência de marcas explícitas de plural o paralelismo formal, as características formais do sujeito, as características formais do verbo, a estrutura do predicativo e os processos morfofonológicos de formação de plural. Comprovando a teoria do processamento paralelo apresentada por Poplack (1980) e os resultados obtidos por Scherre (1988), chegou-se à conclusão de que, em geral, marcas explícitas de plural levam a marcas explícitas de plural, assim como a ausência de tais marcas levam à sua ausência. Com esses resultados, também pode comprovar a ação da saliência fônica sobre esse fenômeno. As variáveis não significativas para o fenômeno no estudo de Scherre (1991) foram a tonicidade dos itens singulares, a ordem dos elementos na estrutura, o material interveniente entre o sujeito e o verbo e o tipo de estrutura.

Tratando-se das variáveis sociais, Scherre (1991) concluiu que as mulheres favorecem as formas de prestígio (as formas marcadas de plural) mais do que os homens e que a escolarização é fator significativo para a forma de prestígio, ou seja, quanto mais escolarizado o falante, maior a tendência a usar marcas de plural, nesse caso, aquela que apresenta a marca de plural /s/ no predicativo, além de que adultos de meia idade tendem a favorecer a forma mais prestigiada mais que jovens e velhos, confirmando o padrão da curva em S, estabelecido por Labov (1994), que diz que a mudança se inicia lentamente em sujeitos mais jovens, propaga-se mais rapidamente em sujeitos de idade intermediária e se estabelece em sujeitos mais velhos.

O próximo trabalho que encontramos realizado no Brasil sobre a concordância de número no predicativo do sujeito/particípio passivo foi a dissertação de mestrado de Dias (1996). A autora usou como *corpus* para seu trabalho o projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País), que engloba amostra da fala de habitantes dos três estados (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná) do sul do Brasil.

Como variáveis sociais, Dias (1996) considerou, em seu trabalho, a localização do falante (Florianópolis/SC, Chapecó/SC, Irati/PR), o sexo do falante, a escolaridade, que foi estratificada por primária, ginásial e colegial, e a faixa etária, estratificada por falantes de 25 a 50 anos e falantes de mais de 50 anos.

Para suas variáveis linguísticas, Dias (1996) replicou as variáveis utilizadas por Scherre (1991) e introduziu uma nova variável: *a distância do sujeito correferente*. Essa variável foi introduzida devido a resultados encontrados por Scherre (1991) tratando-se das características formais do sujeito.

Scherre (1991) observou em seus dados que, quebrando a tendência do paralelismo formal, o sujeito zero, ou seja, a ausência do sujeito explícito na sentença, não favorecia a ausência de marcas de plural. Mesmo com um peso relativo (0.49) ainda abaixo daquele de todas as marcas explícitas de plural (0.59), o sujeito zero não mostrou os resultados esperados, pensando no Princípio do Processamento Paralelo. Levando isso em consideração, Dias (1996) introduziu essa nova variável para tentar descobrir a causa de tal fenômeno.

A autora busca em Givón (1983) o conceito de distância correferencial e hipotetiza que, quanto maior for a distância referencial (de um sujeito zero), maiores são as chances de os predicativos/particípios passivos serem não marcados.

Os resultados dos trabalhos de Scherre (1991) e Dias (1996), embora bastante similares em suas escolhas de variáveis linguísticas e sociais, apresentaram algumas diferenças quanto aos resultados.

Para Dias (1996), a *tonicidade dos itens singulares* se mostrou uma variável estatisticamente significativa, o que não havia ocorrido no trabalho de Scherre, assim como a distância do sujeito correferente, que não estava no trabalho anterior. Por outro lado, os processos morfofonológicos de formação de plural, que haviam se mostrado significantes no trabalho de Scherre (1991), não aparecem como significativos no trabalho de Dias, cujos resultados finais são próximos dos de Scherre (1991), com aproximadamente 43% de aplicação de marca formal de plural /s/ nos predicativos do sujeito.

Se pensarmos nas semelhanças entre os dois trabalhos e nas diferenças entre os resultados, somos levados a crer que a localidade do falante é, de fato, significante para os resultados desta pesquisa. Se pensarmos em termos de saliência fônica e diferenças de pronúncias e sotaques, podemos ver como, em algumas regiões, esse fator pode se mostrar mais significativo que em outras. Dependendo de como os falantes pronunciam certos fonemas, como as sibilantes [s] e [z], pode-se aumentar ou diminuir a saliência fônica, que se mostrou uma variável estatisticamente relevante nos resultados das pesquisas.

Outros trabalhos realizados no Brasil sobre a concordância no predicativo do sujeito/particípio passivo foram realizados por Lucchesi (2009) e Antonino (2010). Ambos os trabalhos foram realizados em Poções e Santo Antônio de Jesus, no interior da Bahia, em comunidades rurais, tendo como foco o português afro-brasileiro.

Seus trabalhos diferem dos de Scherre (1991) e Dias (1996) em vários aspectos. Primeiramente, porque as pesquisas de Lucchesi (2009) e Antonino (2010) analisaram a fala de grupos menos escolarizados, específicos do interior da Bahia. Segundo, porque seus estudos

deram maior ênfase a fatores histórico-cultural-regionais das comunidades em que foram realizadas, por exemplo, de como a origem do povo local influenciou sua linguagem e como isso se reflete nos fenômenos linguísticos.

Embora Lucchesi (2009) e Antonino (2010) estudem o mesmo fenômeno de variação da concordância de número no predicativo do sujeito/particípio passivo, os referidos estudiosos focalizam um fenômeno que acontece na região do interior da Bahia: a concordância/não concordância de gênero nos predicativos do sujeito e participios passivos, mas que tem relativamente pouca ocorrência no restante do território brasileiro. Lucchesi (2009) e Antonino (2010) também realizam trabalhos bastante específicos da região do interior da Bahia tanto que, além das variáveis sociais faixa etária e sexo, as outras variáveis sociais estudadas são estadia fora da comunidade, origem do falante e escolaridade que, nesse caso, está estratificada em analfabeta e semianalfabeta, por se tratar de comunidades específicas de baixa escolaridade. Os resultados mostram que a concordância de gênero acontece em 94% com o predicativo do sujeito nas comunidades estudadas, ressaltando que, no passado, esse número foi menor.

Dessa forma, considerando o foco bastante diferente desses estudos, não replicaremos suas variáveis sociais ou linguísticas. Para nossa pesquisa, tomaremos como base as variáveis linguísticas e sociais estudadas por Scherre (1991) e Dias (1996), com a finalidade de analisar o feito estatístico dessas variáveis do fenômeno na cidade de Fortaleza.

Contribuindo também com os resultados, realizamos testes de reação subjetiva com falantes da cidade de Fortaleza. Labov (1978) descreve o teste de reação subjetiva como:

“[Este questionário] é fácil de aplicar e fornece informações diretas sobre as atitudes conscientes das pessoas sobre sua própria fala e a fala de outrem. Pode ser usado sozinho como um indicador da autoestima linguística do falante ou junto com outros [questionários] que fornecem informações sobre comportamentos reais, e não apenas percebidos. [...] podem ser usados juntos para estabelecer níveis de insegurança linguística que, por sua vez, apontam para atitudes em direção à padronização e o dialeto de prestígio.” (LABOV, 1978, p. 427<sup>3</sup>)

Testes de reação subjetiva (LABOV, 1966; 1972) são testes do falante em relação à própria língua e revelam como falantes julgam a fala de outrem baseados na sua própria fala, considerando a importância da reação subjetiva dos falantes em relação à sua própria língua no processo de mudança linguística, como proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), a

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “[This questionnaire] is easy to administer and provides straightforward information on people’s conscious attitudes toward their own speech and the speech of others. It can be used alone as an indicator of speaker’s linguistic self-esteem or in conjunction with other [appendixes] which provide information on actual rather than perceived speech behavior. [...] can be used together to establish levels of linguistic insecurity, which, in turn, point to attitudes toward standardization and the prestige dialect”.

realização desses testes e o estudo da reação subjetiva dos falantes, de sua rejeição ou aceitação de formas linguísticas.

Labov (1966) realizou a aplicação desse tipo de teste na cidade de Nova Iorque. Nessa primeira aplicação, o autor fez aos falantes perguntas que abrangiam do modo como se sentiam em relação a sua própria fala, se já eram reconhecidos como nova iorquinos, se haviam mudado sua forma de falar, se já haviam tido aulas para aprender a falar, ao modo como se sentiam em relação à fala de outras pessoas, localidades e etnias. Em um segundo questionário, Labov (1966) perguntou o que os falantes consideravam pronúncias certas ou erradas e como relacionavam a própria fala a esses conceitos por si estabelecidos.

Como resultado, o autor encontrou que a maioria dos nova-iorquinos nativos podia ser reconhecidos por falantes de outros estados devido à sua forma de pronunciar o fonema /r/. Também constatou que a maioria dos falantes de outras áreas tinha opinião negativa sobre a fala de Nova Iorque, assim como a maioria dos nova iorquinos, possuía opiniões negativas sobre a própria fala e já havia feito esforços para mudar essa fala.

Em 1966, Labov realizou este tipo de teste em relação à estratificação do fonema /r/ nas lojas de departamento de Nova Iorque. O autor explica que, com esse teste, analisaria as reações de falantes às variáveis fonológicas. Partindo do princípio que as reações em relação à língua, por uma comunidade, são uniformes (LABOV, 1972, p. 287), mas não aparecerão se os falantes forem questionados sobre o fenômeno linguístico diretamente, constatação que o levou a fazer o teste de forma diferente.

Baseado nos testes propostos por Lambert et al. (1960), Labov (1996) decidiu, então, perguntar sobre as personalidades e as características dos falantes daquela região. Para ele, maior seria o aproveitamento se fizessem perguntas sobre como imaginam ser a personalidade dos falantes que utilizam as diferentes variantes, como suas personalidades, sua inteligência, honestidade, seriedade, ambição, amabilidade, senso de humor etc. Para o autor, sendo assim formuladas as perguntas, os falantes seriam avaliados pelos informantes tendo por base seu uso da língua, resultando em diferentes perfis montados por seus avaliadores nesses testes.

Na aplicação desse segundo modelo proposto de teste, Labov (1972) encontrou como resultados que falantes com a pronúncia do /r/ pós-vocálico foram melhor avaliados do que aqueles sem a pronúncia.



Lambert et al. (1960) propuseram esse modelo de teste para avaliar falantes canadenses, tanto de inglês quanto de francês, que falassem fluentemente ambas as línguas e pudessem se passar por falantes nativos das duas. Foi solicitado a esses sujeitos que lessem um pequeno parágrafo, igual em francês e inglês, a partir do qual outros sujeitos os classificariam a partir de traços físicos e de personalidade como altura, aparência, inteligência, confiança, liderança, interatividade, amabilidade, autoconfiança e caráter. Para todas as ocorrências, tanto falantes de inglês quanto de francês avaliaram melhor os falantes de inglês em relação a essas características.

No Brasil, existem alguns trabalhos de testes de atitude e reação subjetiva linguística. Oliveira (2011) realizou um estudo sobre a variação do futuro verbal em português com alunos de ensino fundamental e médio, assim como no início e final do curso de graduação. Utilizou como variantes as formas de futuro simples, perifrástico, presente do indicativo indicando futuro e a forma perifrástica com o verbo “estar” mais o gerúndio. Em seus resultados, confirmou a hipótese de que a forma perifrástica de gerúndio, conhecida como gerundismo, era, de fato, avaliada negativamente.

Outro trabalho realizado no Brasil foi o de Cyranka (2007), que fez testes de atitude linguística com alunos de escolas públicas de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Em seu estudo, porém, não definiu variáveis específicas, mas usou trechos de entrevistas para análise por parte dos alunos. Em seus resultados, descobriu que os alunos se identificaram muito mais com a variedade a que chamam de “rurbana” (um intermédio entre a variedade rural e urbana, que abrange tanto moradores da área urbana, que vieram de áreas rurais e ainda possuem fortes conexões com suas raízes, como áreas rurais bastante próximas de áreas urbanas), favorecendo-a (em termos de prestígio), que com a variedade culta.

Também foi realizado por Brustolin (2009) um trabalho de descrição e análise dos pronomes “nós” e “a gente” em sala de aula com alunos do ensino fundamental (de 5ª a 8ª série) em escolas da rede pública de Santa Catarina. A pesquisadora fez um trabalho voltado para a variação em sala de aula na fala e escrita. Os dados analisados mostraram que o uso das variáveis pelos alunos se adequa intimamente ao contexto e à situação de fala.

A autora chegou à conclusão de que, na língua falada, a forma “a gente” é mais utilizada, enquanto que, na forma escrita, os alunos preferem a forma “nós”. Também chegou à conclusão de que o pronome “a gente” não apresenta estigma, já que seu uso está relacionado ao nível de formalidade.

Um estudo realizado por Cordeiro (2013) trata da atitude de alunos do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio em relação à variação da concordância verbal que considerou como variável estigmatizada quando não ocorre a concordância sujeito-verbo prescrita pela gramática tradicional. Em seus resultados, 71% dos alunos perceberam as diferenças formais entre a forma padrão e não-padrão da língua. Como resultados parciais, Cordeiro (2013) chegou à conclusão de que a ausência da concordância em sintagmas nominais é bem menos perceptível do que a ausência da concordância em sintagmas verbais.

Em Fortaleza, Torres (2009) realizou um teste de reação subjetiva e atitude com alunos da pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará a respeito do gerundismo. O teste foi realizado em dois momentos: partindo de 10 exemplos de sentenças com perífrase no gerúndio retirados de um site de relacionamentos, o autor aplicou dois questionários: o primeiro tratava das formas que podiam ser caracterizadas como gerundismo, e o segundo tratava dos fatores a que os falantes atribuíam o uso das perífrases com gerúndio dos profissionais as usavam com maior frequência. Como resultados, os critérios considerados para caracterizar a estrutura como gerundismo foram, primeiramente, verbo auxiliar ou modal no presente + estar + gerúndio (*vou estar fazendo*) e verbo auxiliar no futuro do presente + gerúndio (*estarei fazendo*), seguidos por desacordo com a norma gramatical, aspecto do verbo e influência da mídia. Os profissionais que mais foram associados ao uso dessa forma foram operadores de telemarketing, seguidos por vendedores, secretárias, recepcionistas de hotel, políticos e funcionários públicos, executivos, comissários, guias turísticos, professores, empresários, estudantes do ensino médio, farmacêuticos, cobradores, a seguir médicos e enfermeiras, e, por último, domésticas, pastores, tradutores e engenheiros.

Labov (1972) diz que a fala em si não modifica a estrutura da sociedade, mas que as pessoas modificam a fala de acordo com o papel que desempenham. É importante que entendamos como as pessoas percebem a sua fala e onde elas próprias e outros falantes se encaixam, através dos estudos de como a fala afeta as relações sociais.

Através do teste de reação subjetiva linguística aplicado por nós, buscamos compreender qual a relação da variação estudada em estruturas de predicativo do sujeito e a avaliação que os falantes manifestam acerca desse fenômeno. Nossos resultados podem ajudar futuros professores e pesquisadores a, cada vez mais, contestarem preconceitos linguísticos e estigmas linguístico-sociais, através da educação.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo veremos as teorias e os conceitos de base linguística, com destaque para os princípios da Sociolinguística Variacionista.

Para nosso trabalho, partimos dos conceitos de língua de Saussure (2006) com o Estruturalismo, passando pelo Gerativismo de Chomsky (1957, 1986) e pelo Funcionalismo de Halliday (1978), Dik (1978), Givón (1983). Tomaremos como base a Sociolinguística Variacionista Quantitativa de Labov (1963, 1972, 2001) e trabalharemos com conceitos de variação e concordância propostos por Scherre (1991, 1997). Estudaremos a noção de paralelismo linguístico estudada por Poplack (1980) e Scherre (1998) e, por fim, adotaremos como base os trabalhos de Scherre (1991) e Dias (1996) para fazer nossa pesquisa.

Nosso trabalho se insere na área da Sociolinguística Variacionista, abordagem linguística que tem como objetivo estudar a relação entre língua e sociedade. Tal relação vem sendo estudado desde a década de 60, embora pesquisadores da Antropologia e da Etnografia Linguística, como Edward Sapir e Benjamin Whorf já vinham estudando as relações entre língua e sociedade desde o final da década de 1920. A teoria Sapir-Whorf, também conhecida como relatividade linguística, fala de como a língua afeta a reação subjetiva da realidade pelos falantes e tem, como base principal, a ideia de que a construção semântica e sintática de uma língua influencia como os falantes dessa língua irão perceber o mundo ao seu redor, fenômeno conhecido como determinismo linguístico. Wolff e Holmes (2010) explicam:

A relatividade linguística é composta de três ideias principais. Primeiro, pressupõe que idiomas podem diferenciar-se significativamente no significado de suas palavras e construções sintáticas – uma pressuposição fortemente apoiada por estudos linguísticos, antropológicos e psicológicos de significados de palavras e frases de diversos idiomas. Segundo, a proposta diz que a semântica de uma língua pode afetar a forma que os falantes percebem e conceituam o mundo, e, ao extremo, moldar completamente um pensamento, uma posição conhecida como *determinismo linguístico*. Finalmente, considerando que a linguagem pode afetar o pensamento, a relatividade linguística diz que falantes de línguas diferentes pensam de forma diferente. (WOLFF, HOLMES, 2010, p. 253)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “Linguistic relativity comprises three main ideas. First, it assumes that languages can differ significantly in the meaning of their words and syntactic constructions – an assumption that is strongly supported by linguistic, anthropological, and psychological studies of word and phrasal meaning across languages. Second, the proposal holds that the semantics of a language can affect the way in which its speakers perceive and conceptualize the world, and, in the extreme, completely shape thought, a position known as linguistic determinism. Finally, given that language can affect thinking, linguistic relativity holds that speakers of different languages think differently”.

No entanto, percorreu-se longo caminho até a língua ser estudada como um mecanismo de comunicação, e não apenas como um sistema de estruturas formais léxico-gramaticais. Em 1916, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2006 [1916]) considera a língua como o objeto de estudo da Linguística e a concebe como um sistema autônomo de signos, que corresponde a ideias. Para definir signo, Saussure usa a dicotomia *significante* e *significado*, o que significar dizer que conceito e imagem acústica constituem o signo linguístico. De acordo com o referido autor, o signo é uma entidade psíquica bilateral, cujo resultado é a significação.

Além da dicotomia *significante* e *significado*, Saussure (2006 [1916]) apresenta a dicotomia *langue* e *parole*, ou seja, língua e fala. Nessa dicotomia, o autor caracteriza a língua como a parte social da linguagem. Para Saussure, a língua “se deposita em nosso cérebro após inúmeras experiências” (2006, p.27) e é social a medida que está estabelecida na mente dos falantes da comunidade e pode ser codificada para a comunicação. Sobre isso diz que

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. (SAUSSURE, 2006, p. 27)

No final da década de 50, Chomsky (1957, p. p.13) propõe a concepção de língua como “um grupo de sentenças (finitas ou infinitas), cada uma finita em comprimento, formada por um grupo finito de elementos<sup>5</sup>”, ou seja, a partir da combinação de um grupo finito de elementos, pode-se formar um número infinito de estruturas, conjunto das quais denomina de língua. Nesse período, Chomsky (1965) propõe também a definição de *competência* e *desempenho*, de forma que *competência* é a capacidade inata dos seres humanos de fazerem o processamento de dados necessários para a aquisição de uma língua, seja ela qual for, e conseqüentemente, codificá-la, usando-a para o discurso, enquanto *desempenho* é o uso dessa língua, para fins de comunicação.

Na década de 80, Chomsky (1986) discute os conceitos de Língua Interna (Língua-I) e Língua Externa (Língua-E). Para o autor, a Língua I seria a capacidade cognitiva dos falantes de compreender sentenças, estruturas, potencialmente infinitas. A Língua-E seria a linguagem da comunidade, sócio-histórico-cultural, partilhada por membros de um mesmo ambiente, que possibilitaria a comunicação e interação entre eles.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: “a set (finite or infinite) of sentences, each finite in length, constructed out of a finite set of elements”.

Até agora, vemos nesses conceitos que não existe concepção da língua como um meio de interação social. Para os dois autores mencionados, existe uma noção de língua que é pessoal e própria dos indivíduos. De acordo com tais estudiosos, a língua ser estudada independentemente, e a partir dela, dá-se a comunicação com o meio.

Foi no Funcionalismo que os conceitos de língua, interação e função social começaram a se entrelaçar de forma mais estreita. Para o Funcionalismo, em linhas gerais, a gramática de uma língua deveria ser estudada a partir de suas funções de uso, de seu contexto pragmático. Halliday (1978) diz que é descobrindo o propósito da linguagem que podemos alcançá-la e usá-la praticamente. Também enfatiza que se deve descobrir como a linguagem foi transformada pelo uso e pela função que exerce. Dik (1978, p. 1) tem ideia semelhante quando teoriza que “uma linguagem é concebida, em primeiro lugar, como instrumento de interação social entre seres humanos, usada com o objetivo primário de estabelecer relações comunicativas entre falantes e ouvintes<sup>6</sup>”.

Givón (1983) compara o estudo funcional com a Biologia. O autor diz que, da mesma forma que seres vivos não podem ser estudados apenas pelas suas partes independentes, considerando que cada parte deve ser estudada de acordo com sua função, assim é a linguagem, que não deve ser considerada independente de função e contexto.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: “a language is conceived in the first place as an instrument of social interaction between human beings, used with the primary aim of establishing communicative relations between speakers and addressees”.

#### 4 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

Na década de 60, já com vários estudos sobre como a língua e a interação social estão fortemente ligadas, a Sociolinguística se propõe a estudar “a língua em uso no seio das comunidades de fala” (MOLLICA, 2003, p. 9), considerando como as escolhas linguísticas são moldadas pela sociedade em que vivemos e pela cultura ao nosso redor. Labov (1963) introduz a ideia de Sociolinguística Variacionista com o estudo sobre a variação dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade americana de Martha’s Vineyard, em Massachusetts. Para o autor, a partir do estudo da variação fonética desse fenômeno, sua frequência e distribuição na ilha, de acordo com idade, profissão e etnia dos falantes, seria possível reconstruir a história recente dessa mudança.

William Labov, um dos grandes percursores dos estudos da Sociolinguística Variacionista, afirma, em 1992, ter dificuldades em aceitar o termo sociolinguística, afinal, não consegue conceber situações teóricas e práticas da linguagem que não sejam sociais. De fato, desde a década de 1960, o americano vem estudando a língua, suas relações sociais e o modo como esses fatores influenciam a variação e a mudança linguística.

Por tratar-se de uma entidade social, a língua é considerada meio de diferenciação social. Em seu estudo sobre a pronúncia do fonema /r/ em lojas de departamentos de Nova Iorque, nos Estados Unidos, Labov (1966) estuda como a presença ou ausência do fonema consonantal /r/ em uma posição pós-vocálica na pronúncia dos falantes em palavras como *car*, *card*, *four*, *fourth*, dentre outros, são fatores que levam à caracterização social do falante. A presença do fonema /r/, na época, era considerada variante de prestígio não somente social, mas também financeiro; portanto, a ausência desse fonema era fator de estigmatização do falante na sociedade.

A fala pode se tornar um meio de inclusão ou exclusão social, através do qual aqueles que falam de acordo com a norma considerada padrão pela sociedade podem fazer parte do grupo de prestígio e os que fogem à referida norma são, muitas vezes, vistos como inferiores, incultos, pouco educados, ignorantes ou, até mesmo, de uma classe social inferior, já que, em nossa sociedade, a educação formal está, pelo menos no imaginário das pessoas, diretamente associada à classe social e aos recursos financeiros que as pessoas possuem.

Por isso, a Sociolinguística torna-se tão importante: o estudo da variação e mudança linguística como um fenômeno natural, serve, de certa forma, para desmitificar certos preconceitos em relação ao uso da língua e o lugar do falante na sociedade.

Labov (1972) introduz nos estudos da linguagem também a ideia de variável linguística. O autor define a variável linguística como “duas ou mais formas de dizer a mesma coisa<sup>7</sup>.” Inicialmente, o termo variável linguística carregava a implicação que as duas formas tinham o mesmo significado semanticamente. Labov (1978) esclarece a definição de variável linguística, levando em consideração, dessa vez, os contextos em que as diferentes formas podem aparecer. Segundo Labov (1978, p. 6), uma característica do estudo de variação sintática é que “a definição de variável requer uma série de passos preliminares direcionados à eliminação de todos os contextos em que duas formas que se alternam contrastam-se<sup>8</sup>”. O autor ressalta, então, que dizer a mesma coisa não quer dizer ter o mesmo significado exatamente, afinal, não existem sinônimos perfeitos, no sentido absoluto. Segundo Labov (1978),

As demandas da estilística nos força a substituir uma forma por outra na fala e na escrita, de forma que em qualquer sequência de sentença usamos várias palavras como variantes estilísticas, embora cada uma tenha a habilidade potencial para distinguir situações específicas<sup>9</sup>. (LABOV, 1978, p.13)

Labov (2008) relata a importância para a pesquisa do conhecimento do ambiente linguístico onde ocorre a variação e as situações nas quais ela ocorre. Também ressalta que todas as ocorrências de variações devem ser analisadas ao lado de suas não-ocorrências. A Sociolinguística variacionista estuda, portanto, as variações, as mudanças linguísticas e os fatores linguísticos e sociais que as influenciam.

Para a nossa pesquisa, partimos dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, ou seja, aquela que adota a quantificação dados, a análise de probabilidades de ocorrência ou não ocorrência de fatores e a descrição de suas condições. Com a definição de Labov (2008) de que devemos sempre estudar tanto a ocorrência da variável como sua não ocorrência, surgem os conceitos de variáveis binárias (aquelas que possuem duas formas variantes em competição), ternárias (aquelas que possuem três formas variantes em competição) e as eneárias (aquelas que possuem mais de três formas variantes em competição). Este estudo analisará uma variável binária que, aplicada a nosso fenômeno, tem como variantes *a presença de marcação explícita de plural no predicativo do sujeito e a ausência de marcação explícita de plural no predicativo do sujeito*.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: “two or more ways of saying the same thing”.

<sup>8</sup> Tradução nossa: “the definition of the variable requires a series of preliminary steps directed at eliminating all the contexts in which the two alternant forms contrast”.

<sup>9</sup> Tradução nossa: “But stylistic demands force us to substitute one word for another in speech and writing, so that in any given sequence of sentences we use many words as stylistic variants, though each has the potential ability to distinguish particular states of affair”.

Labov (2001) também explicita a importância das variáveis sociais no estudo da variação linguística. Para o autor, fatores cognitivos e sociais estão intimamente ligados aos fenômenos de mudança e variação linguística. Traçando o conceito de paradoxo de gênero, Labov (2001, p. 261) explica que homens e mulheres interagem socialmente nos diálogos do dia a dia e que, apesar das mudanças ocorridas nos últimos anos, ainda desempenham papéis diferentes na sociedade. Também determina que esses papéis são altamente influentes nas variações de linguagem como fator social e questiona que, apesar de ser um fator social, os bancos de dados tratam a questão de gênero como algo meramente biológico nas pesquisas de campo, a menos que seja explicitamente dito o contrário, embora todos concordem que a relevância do gênero na variação e mudança linguística seja um fator social, dependente do papel dos homens e mulheres na sociedade, e não biológico. Ao final, o autor resume o paradoxo de gênero (LABOV, 2001, p. 293) como: “Mulheres respeitam mais rigidamente que homens as normas sociolinguísticas que são claramente explicitadas, mas respeitam menos que os homens quando não são”<sup>10</sup>.

Outro fator apresentado por Labov (1994) é o estudo da mudança linguística em tempo real e tempo aparente. Segundo o autor, é estudando a distribuição das variáveis linguísticas em diversas gerações de falantes que podemos perceber o estado em que se encontra a mudança linguística. Para o autor, é apenas ao fazer essa análise que podemos ver se o fenômeno é realmente uma mudança linguística em progresso ou apenas a diferença de escolhas e hábitos linguísticos de cada geração. Em suas palavras:

A primeira e mais direta maneira de estudar a mudança linguística em progresso é rastrear a mudança em tempo aparente: ou seja, a distribuição de variáveis linguísticas através de diferentes faixas etárias. Se descobirmos uma relação monotônica entre idade e a variável linguística, uma correlação significativa entre as duas, então decidiremos se estamos diante de uma verdadeira mudança em progresso ou com *age-grading* (Hockett 1950), uma mudança regular de comportamento linguístico com a idade que ocorre em cada geração<sup>11</sup>. (LABOV, 1994, p. 45,46)

Infelizmente, em nosso trabalho, não foi possível abordar o problema da mudança linguística devido à composição do banco de dados, mais especificamente, ao compormos a estratificação por faixa etária da nossa amostra, devido ao fato de não haver dados os suficientes de falantes de todas as faixas etárias para a nossa amostra.

<sup>10</sup> Tradução nossa: “The Gender Paradox: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not”.

<sup>11</sup> Tradução nossa “The first and most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace change in apparent time: that is, the distribution of linguistic variable across age levels. If we discover a monotonic relationship between age and the linguistic variable, a significant correlation between the two, then the issue is to decide whether we are dealing with a true change in progress or with age-grading (Hockett 1950), a regular change of linguistic behavior with age that repeats in each generation”.



De qualquer forma, é essencial que falemos de mudança linguística e dos princípios empíricos para a teoria da mudança abordados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), alguns dos quais abordaremos em nosso estudo. De acordo com os autores, para entender a mudança na língua, o pesquisador deve analisar dados empíricos e tirar conclusões desses dados que possam explicar a mudança, relacionando-os à teoria linguística, considerando que a língua, por sua vez, é heterogênea e sistemática, portanto, passível de mudanças.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) abordam cinco princípios: *o problema dos fatores condicionantes, o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação.*

*O problema dos fatores condicionantes* busca encontrar o conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para essa mudança, ou seja, que fatores linguísticos ou sociais podem influenciar uma mudança linguística.

*O problema da transição* fala da mudança da língua continuamente através de diferentes faixas etárias da população. Labov (1994) diz que é apenas estudando a distribuição das variáveis linguísticas em diversas gerações de falante que podemos perceber o estado em que se encontra uma mudança linguística em progresso. O referido autor destaca que é apenas ao fazer essa análise que podemos perceber se existe realmente a mudança linguística ou se estamos apenas lidando com diferenças de escolhas e hábitos linguísticos de cada geração.

Falamos também do *problema do encaixamento*, ou seja, do modo como as mudanças linguísticas se encaixam no sistema linguístico e na sociedade. O estudo desse princípio engloba, por exemplo, como fatores linguísticos e sociais podem influenciar na mudança linguística, como essa influência ocorre, o que determina maior e menor influência. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 123) explicam:

No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais. Assim, a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 123)

Também trabalhamos em nossa pesquisa com o *problema da avaliação*. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124) dizem que “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente”.

Dessa forma, a avaliação linguística se torna meio para analisar o nível de consciência do falante sobre seu próprio uso da língua e de outrem, o quão importante julgam os usos variáveis da língua e como julgam falantes que não fazem uso das formas padrões da língua de acordo com as normas esperadas por sua comunidade de prática.

A *avaliação linguística*, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), fornece ao pesquisador informações de como o falante avalia sua própria fala e a fala de outrem. A partir dessa avaliação, os falantes julgam a importância de certos usos linguísticos e, partindo desse julgamento, aceitam ou rejeitam novas formas linguísticas em seus círculos sociais e linguísticos. Das novas formas julgadas positivamente e aceitas no discurso, tais falantes podem impulsionar mudanças linguísticas.

A avaliação também é um fator social, um reflexo da sociedade. Formas de prestígio tendem a ser mais valorizadas enquanto formas estigmatizadas tendem a ser rejeitadas. Coelho (2010) diz que

O surgimento de reações negativas pode retardar ou até mesmo impedir a mudança. Isso significa que falantes podem acelerar ou reter processos de mudança linguísticas de uma comunidade, à medida que se identificam com eles ou os rejeitam. (COELHO et al, 2010, p. 104)

Labov (2001, p. 191) afirma que “a mudança linguística pode simplesmente refletir mudanças nas frequências de interlocução que são, por sua vez, resultado das mudanças nas preferências e atitudes sociais<sup>12</sup>”.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com esse problema através de testes de reação subjetiva. Esses testes foram iniciados por Lambert et al. (1960), que introduziram “a técnica do emparelhamento”<sup>13</sup>. Em seguida, Labov (1972) deu o nome de reação subjetiva às respostas dos informantes a esse tipo de teste. Como apresentado anteriormente, o teste de Lambert et al. (1960) consistia em informantes nativos canadenses atribuírem características físicas e psicológicas positivas ou negativas a áudios gravados de outros falantes nativos, tanto em inglês quanto em francês. Sem saber que se tratava dos mesmos falantes, os informantes, em sua maioria, atribuíram características positivas aos falantes quando o áudio se encontrava em inglês e negativa quando se encontrava em francês.

<sup>12</sup> Tradução nossa: “(...) language change may simply reflect changes in interlocutor frequencies which are in turn the result of changes in social preferences and attitudes”.

<sup>13</sup> Tradução nossa: “The matched-guise technique”.

Labov (1972) caracteriza essas reações como inconscientes e realiza um teste para analisar a hipercorreção da classe média baixa da cidade de Nova Iorque, em que deviam analisar positiva ou negativamente 22 frases gravadas a partir de aptidão profissional.

A análise das frases foi completamente independente uma da outra, de forma que os falantes escutavam uma de cada vez, e o pesquisador esperava descobrir se os falantes isolariam “as reações inconscientes de uma única variável“ (LABOV, 1972, p. 159). Como resultado, o autor comprovou que a classe média baixa apresentou mais reações negativas que as classes baixa, operária e média alta.

Segundo Labov (1972, p. 176), “o princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros de uma comunidade de fala”. Com base nessa proposta, aplicamos um teste de reação subjetiva com membros da comunidade de fala de Fortaleza, mais especificamente, a comunidade acadêmica das áreas de estudo de ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas.

Por fim, Weinreich, Labov e Herzog (2006) abordam o *problema da implementação*, que explica que nem toda mudança será implementada na fala da sociedade no momento em que surge inicialmente. Geralmente, o processo da implementação se dá através do surgimento de uma nova forma em um grupo específico ou comunidade de fala e, a partir daí, se essa forma for avaliada positivamente por aqueles falantes, será gradativamente implementada naquela comunidade.

## 5 METODOLOGIA

Nosso trabalho foi dividido em três partes: primeiro, selecionamos, coletamos e codificamos os dados do *corpus* do NORPOFOR - Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (ARAÚJO, 2011). Em seguida, submetemos os dados a tratamento estatístico através do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Por fim, aplicamos o teste de atitude e reação subjetiva linguística para falantes nativos de Fortaleza, via ferramenta digital *Google Forms*, em relação ao fenômeno estudado. A seguir, detalharemos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

### 5.1 Delimitação do Universo da Pesquisa

Os dados analisados neste trabalho foram retirados do projeto NORPOFOR<sup>14</sup>. Esse *corpus* possui um total de 198 informantes, distribuídos em função do gênero (104 pessoas do gênero masculino e 94 do gênero feminino), da faixa etária (I: 15 a 25 anos – 62 falantes; II: 26 a 49 anos – 75 falantes; III: a partir dos 50 anos 61 falantes), da escolaridade (A: 0 a 4 anos – 58 informantes; B: 5 a 8 anos – 69 informantes; C: 9 a 11 anos – 71 informantes) e do tipo de elocução (Diálogo entre Informante e Documentador: DID – 85 indivíduos; Diálogo entre dois Informantes: D2 – 74 indivíduos; Elocução Formal: EF – 39 indivíduos). Os informantes selecionados foram considerados levando em consideração a profissão exercida por eles, seus cônjuges, seus pais e a quantidade de filhos. Foram selecionados informantes de 69 bairros de seis regionais que compõem o município de Fortaleza.

Segundo Araújo (2011), as gravações foram obtidas mediante autorização dos falantes que, em princípio, não sabiam que se tratava de uma pesquisa linguística e que, logo no início do processo, precisavam preencher um questionário socioeconômico para uma possível pesquisa com finalidade histórico-cultural. No entanto, ao descobrir a verdadeira finalidade da pesquisa, não houve problemas para a liberação dos dados, sob a garantia de que informações pessoais seriam mantidas confidenciais. O *corpus* é composto de três tipos de elocução, o DID, o D2 e o EF, definidos previamente, que diferem entre si pela forma de interação entre entrevistador/entrevistado e grau de formalidade. O DID trata de coletas de conversas diretas entre entrevistador-entrevistado, D2, do diálogo entre dois informantes, e EF de uma elocução formal como culto ou sermão religioso ou palestra.

---

<sup>14</sup> Todas as informações e dados do projeto NORPOFOR foram retiradas do artigo *O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR* (ARAÚJO, 2011).

O NORPOFOR é um banco de dados sediado na UECE (Universidade Estadual do Ceará), coletado no período de 2003 a 2006 e foi aprovado pela instituição. Foi escolhido para esta pesquisa por nós, por se tratar de um banco de dados que compreende amostras da fala popular de Fortaleza, onde esperamos encontrar maior número de ocorrências do fenômeno estudado, por se tratar de um fenômeno de concordância. Levamos em consideração para a composição de amostras três variáveis extralinguísticas: sexo e escolaridade do falante e dois tipos de elocução: D2 e EF.

Para escolaridade, estratificamos os falantes em dois grupos: de 0-8 anos e de escolaridade e 9-11 anos de escolaridade. Lembramos que o NORPOFOR não tem informantes com mais de 11 anos de escolaridade. Tivemos que fazer uma reorganização das células que separavam falantes por escolaridade, pois a célula de falantes do NORPOFOR com 0-4 anos de escolaridade referente à elocução formal (EF) não apresentava informantes suficientes para compor a amostra, não havendo nenhum informante do sexo feminino com 0-4 anos de escolaridade entre 15-25 ou entre 15-49 anos de idade, nem com 5-8 anos de escolaridade entre 15-25 anos de idade.

Para o tipo de elocução, utilizamos os discursos D2 e EF, que consideramos respectivamente mais informal e formal. Labov (1972) define formalidade como situações em que o falante confere maior atenção a sua própria fala. O estudioso também ressalta que, em situações informais, como em uma conversa com os amigos ou uma discussão com a esposa, podemos observar a fala num estado mais informal. Dessa forma, descartamos o registro DID, por se tratar de uma entrevista.

No total, analisamos a fala de 48 informantes, sendo 24 informantes do sexo masculino e 24 informantes do sexo feminino, divididos em grupos de 6, considerando o tipo de elocução e a escolaridade dos falantes, como podemos ver explicitado no quadro a seguir:

Quadro 1 - Caracterização das células de informantes que foram utilizadas na pesquisa

<b>Elocução e Escolaridade</b>	<b>Masculino</b>		<b>Feminino</b>	
	D2	EF	D2	EF
<b>0-8 anos</b>	6	6	6	6
<b>9-11 anos</b>	6	6	6	6
<b>Total = 48</b>	12	12	12	12

Fonte: elaboração nossa.

## 5.2 Tratamento estatístico dos dados

O trabalho foi realizado através da análise dos dados, com base em resultados estatísticos. Esses dados foram coletados e codificados do banco de dados de fala de Fortaleza (NORPOFOR), em primeira instância, e, em seguida, foram submetidas a análises no programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que fornece a relevância estatística das variáveis linguísticas e sociais em relação à variação da concordância de número no predicativo do sujeito em falantes de Fortaleza.

Guy e Zilles (2007) explicam que o programa funciona através da análise de dados estatísticos partindo de um modelo de variável dependente que, tomando essa variável como ponto de partida, o programa trata em termos “das probabilidades e percentuais de acontecimentos de determinada alternativa, oposta a ausência dessa alternativa” (GUY; ZILLES, 2007). O programa indica, através da produção de um conjunto de pesos relativos, a probabilidade de ocorrência das variáveis independentes em relação à variável dependente. Quanto mais perto de 1 o valor do peso relativo, maior a probabilidade de ocorrência do fenômeno e, conseqüentemente, maior a significância estatística da variável para a ocorrência do fenômeno. Quanto mais próximo de 0.5 for o peso relativo, maior será a tendência à neutralidade do fenômeno, ou seja, a variável não será considerada significativa para a ocorrência do fenômeno.

Existe também possibilidade de trabalhar com variáveis ternárias ou eneárias, que, nesse caso, precisam ser agrupadas duas a duas e aplicadas binariamente no programa. Nesta pesquisa, trabalhamos com uma variável binária: a presença de marcas explícitas de plural /s/ vs. a ausência de marca de plural /Ø/ em predicativos do sujeito na fala de Fortaleza. Consideramos como valor de aplicação da regra a presença de marcas explícitas de plural /s/. Foram considerados ambientes linguísticos com predicativos simples que apresentarem marca de plural /s/ ou ausência de marca de plural /Ø/.

Os exemplos seguintes ilustram os ambientes linguísticos considerados para efeito da análise de dados.

(1) (...) os nossos planos são *corretos*. (Inq 50, m, 9-11 anos, D2);

(2) Nós era *extinto*. (Inq 72, m, 5-8 anos, D2);

Para efeito de análise, consideramos a presença de marca no predicativo quando este apresenta a marca de plural /s/ em concordância com o sujeito da oração, também no plural. O exemplo que segue ilustra o dado:

(3) os instrutores lá são todos *preguiçosos*. (Inq 28, h, 5-8 anos, D2);

Consideramos ausência de marca no predicativo quando este não apresenta a marca de plural /s/ em nenhum de seus elementos como:

(4) (...) no interior as coisas são muito mais *difícil*. (Inq 4, m, 9-11 anos, D2).

### 5.3 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas por nós escolhidas foram baseadas, principalmente, nos trabalhos de Scherre (1991) e Dias (1996) com o objetivo principal de observar o comportamento das variáveis em relação ao fenômeno estudado na cidade de Fortaleza. Escolhemos as variáveis que se mostraram estatisticamente relevantes para a ocorrência do fenômeno. Para este fim, consideramos como variáveis linguísticas para o fenômeno em questão as dispostas a seguir.

#### 5.3.1 Paralelismo formal das sequências de predicativo

Para nossa análise, subdividimos a variável paralelismo formal em cinco subcategorias:

a. predicativo do sujeito em construção isolada (predicativo do sujeito que não é antecedido nem precedido de outras ocorrências de predicativo do sujeito):

(1) Elas eram mais *organizadas* (Inq 77, m, 9-11 anos, D2).

b. primeiro de uma série (primeira ocorrência de predicativo do sujeito de uma série de ocorrências):

(2) Nós somos *atalaias* [...] Nós somos *atalaias*. (Inq 121, m, 0-4 anos, EF).

c. predicativo precedido de predicativo com todas as marcas de plural:

(3) são muito *egoístas* (...) mas são muito *religiosos* (Inq 49, m, 9-11 anos, D2).

d. predicativo precedido de predicativo sem marca(s) de plural:

(4) no interior as coisa são muito *difícil* Ø (...) no interior as coisa são muito mais *difícil* Ø (Inq 4, m, 9-11 anos, D2).

e. Casos mistos (ocorrências em série cujo predicativo é precedido por formas marcadas e seguido por formas não marcadas):

(5) os homens seria amantes de si mesmo (...) pretenciosos (...) soberbos (...) *blasfemadores* (...) desobediente ao pai (Inq 124, h, 5-8, EF).

### 5.3.2 Características formais do verbo da oração

Dividimos essa variável a ser analisada em três fatores, listados abaixo:

a. zero verbal: quando verbo se encontra implícito na oração:

(6) (...) hoje as pessoas são o que? [...] *Desempregadas*. (Inq 77, m, 9-11, D2).

b. verbo com marca de plural (quando o verbo encontra-se conjugado nas pessoas plural, concordando com o sujeito):

(7) as coisas *estão caríssimas*; (Inq 77, m, 9-11, D2).

c. verbo sem marcas de plural (quando verbo não se encontra conjugado nas pessoas do plural, não concordado com o sujeito):

(8) “as tomada tudo *é baixa*” (Inq 4, h, 9-11 anos, D2).

### 5.3.3 Características formais do sujeito da oração

As características formais do sujeito da oração foram divididas considerando:

a. sujeito zero (quando o sujeito encontra-se implícito na oração):

(9) (...) mas são muito *ignorantes* (Inq 49, m, 9-11 anos, D2).

b. sujeito explícito (quando o sujeito encontra-se explícito nas orações):

(10) com todas as marcas de plural: *as pessoas* eram mais temíveis (Inq 77, m, 9-11, D2);

(11) com a última marca de plural /s/ neutralizada: os jovenS São realmente *largados* (Inq 77, m, 9-11, D2).

c. sujeito explícito sem a última marca formal de plural:

(12) as coisa são muito *difícil* (Inq 4, m, 9-11 anos, D2).

d. sujeito explícito com a marca semântica de plural (nós e numerais isolados):

(13) nós estamos *exaustas* (Inq 50, m, 9-11 anos, D2).

e. sujeito explícito com a marca formal de plural totalmente neutralizada:

(14) vocêS São muito *verminosa* (Inq 50, m, 9-11 anos, D2).



### 5.3.4 Estrutura do predicativo

Dividimos a variável em questão nos seguintes fatores:

- a. predicativo adjetivo de um elemento:  
(15) as tomada era *alta*, né? (Inq 4, h, 9-11 anos, D2).
- b. predicativo substantivo de um elemento:  
(16) vão ficar *adolescentes* (Inq 24, m, 9-11, EF).
- c. predicativo de mais de um elemento:  
(17) todos mil e tanto ali são *pessoas más*? (Inq 4, h, 9-11 anos, D2).
- d. predicativo de mais de um elemento com os itens tudo/todo:  
(18) aí as criança fica *tudo atrasado* (Inq 139, m, 0-4 anos, D2).

### 5.3.5 Tonicidade dos itens regulares

Essa variável foi subdivida nos seguintes itens:

- a. oxítonos (a sílaba tônica do núcleo do predicativo é a última):  
(19) meninos daquela turma tudo são... *enrolão*. (Inq 50, m, 9-11 anos, D2).
- b. paroxítonos (a sílaba tônica do núcleo do predicativo é a penúltima):  
(20) Os instrutores lá são todos *preguiçosos*.
- c. proparoxítonos (a sílaba tônica do núcleo do predicativo é a antepenúltima):  
(21) As coisas estão *caríssimas* (Inq 77, m, 9-11, D2).

### 5.3.6 Processos morfofonológicos de formação do plural

Para a análise, subdividimos a variável em questão como mostramos a seguir:

- a. plural regular:  
(22) ela eram *bestas* (Inq 50, m, 9-11 anos, D2).
- b. Plural irregular:  
(23) mas são *legais* que só (Inq 50, m, 9-11 anos, D2).

### 5.3.7 Presença de material interveniente entre o verbo e o predicativo

Para a análise, subdividimos a variável em três fatores:

- a. ausência de matéria interveniente (quando não existe nenhum item entre o verbo e o predicativo):

(24) os nossos planos são *corretos* (Inq 50, m, 9-11 anos, D2).

- b. presença de intensificadores (quando há intensificadores entre o verbo e o predicativo):

(25) (...) são muito egoístas (Inq 49, m, 9-11 anos, D2).

- c. demais elementos intervenientes (quando há a presença de outros itens entre o verbo e o predicativo):

(26) os alunos serem assim relaxado. (Inq 77, m, 9-11 anos, D2).

## 5.4 Universo do teste de reação subjetiva

Consideramos de extrema importância a avaliação dos falantes em relação a sua própria fala e a fala de outrem. A reação subjetiva das pessoas em relação aos fenômenos de variação não mostra somente seu relacionamento com a língua, com as outras pessoas e com o papel que exercem na sociedade, mas pode mostrar como percebem a língua e a sociedade e aqueles que nela estão inseridos como um todo.

Sabemos que a língua é um meio de exclusão social e, muitas vezes, tem papel de grande importância nos meios sociais, definindo, por exemplo, quem faz parte ou não ou quem se encaixa devidamente ou não em certo grupo ou na sociedade como um todo, dependendo de como os indivíduos usam a língua.

A educação formal no Brasil, ou seja, a escola tradicional, por ter sido por tanto tempo restrita a classes sociais mais altas, é frequentemente associada a boas condições financeiras e, conseqüentemente, acaba, supostamente, garantido posição de prestígio na sociedade para aqueles que a possuem. Consideramos que estamos trabalhando com um fenômeno de variação de número, frequentemente aprendido e reforçado nas escolas tradicionais, trata-se de um fenômeno em que a variante não-padrão, ou seja, a ausência de concordância no âmbito da função do predicativo do sujeito pode estar associada ao estigma da falta de escolarização e baixa classe social.

Dessa forma, preparamos uma proposta de teste de reação subjetiva para entender e analisar como os falantes da cidade de Fortaleza avaliam o fenômeno de variação por nós estudado.

Aplicamos o teste de reação subjetiva e atitude, que mensura e analisa a reação subjetiva do falante sobre a própria língua em alunos da Universidade Federal do Ceará que possuam mais de onze anos de escolaridade, considerando três áreas de estudo: ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas.

O teste foi aplicado através da ferramenta *Google Forms*, ferramenta virtual disponibilizada pela empresa Google, na qual pessoas, em geral, podem criar e responder questionários. Essa ferramenta foi escolhida, principalmente, pela capacidade de alcançar mais pessoas e, conseqüentemente, obter maior número de dados, por trabalhar com a coleta de dados no ambiente virtual. Contudo, sabemos que a ferramenta não pode ser usada indiscriminadamente, já que apresenta um modelo relativamente novo de coleta de informações. Freitag *et al.* (2016) argumentam, quanto ao uso da referida ferramenta, que

Este instrumento não deve ser tomado isoladamente, mas deve ser visto em relação a outras formas de manifestação apreciativa sobre as práticas linguísticas regionais, em busca de um olhar mais contextualizado e comparado. É preciso considerar os riscos, como as respostas de aquiescência (pessoas podem dar a resposta que elas sentem que o pesquisador quer) e respostas socialmente desejáveis (pessoas verbalizam as atitudes que elas pensam que deveriam ter, ainda que sejam de fato barradas). (Freitag *et al.*, 2016. p. 67)

O primeiro ponto levantado por Freitag *et al.* (2016), quando falam sobre adotar a forma digital como a única forma de coleta de informações, foi algo em que pensamos cuidadosamente: incluímos essa ressalva em nossa metodologia, à medida que trabalhamos em nosso teste de reação subjetiva de acordo com nossos dados do Projeto NORPOFOR e das análises das variáveis sobre o fenômeno estudado. Sobre o segundo ponto levantado, argumentamos que respostas de aquiescência e socialmente desejáveis podem ocorrer mesmo em pesquisas presenciais.

De fato, ao responderem a pesquisa anonimamente de suas próprias casas em formato digital e não em um formulário presencial, entregue ao pesquisador, o informante pode sentir-se mais confortável para mostrar seus pensamentos reais sem medo de julgamentos. Ao disponibilizarmos o formulário no *Google Forms*, quase 500 informantes responderam à pesquisa em poucas horas. A primeira parte do formulário continha perguntas pessoais, de caráter obrigatório, tais como local de nascimento e curso na Universidade Federal do Ceará.

Com base nessas informações, selecionamos os questionários respondidos pelos estudantes que atendiam ao perfil da pesquisa, ou seja, alunos da Universidade Federal do Ceará que tivessem nascido em Fortaleza. Ao todo, 300 respostas permaneceram. As outras repostas foram excluídas, principalmente, devido ao fato de os alunos não serem nativos da cidade de Fortaleza. Os alunos foram estratificados por identificação de gênero (feminino/masculino/nenhum/outro) e tipo de escola que estudaram no ensino médio (privada/pública).

O questionário foi aplicado a estudantes de cursos das três grandes áreas de estudos: ciências humanas, ciências biológicas e ciências exatas. A escolha desses cursos se deu devido à proporção prática do uso da língua portuguesa formal no ambiente acadêmico superior. Nos cursos da área de ciências humanas, pressupõe-se que os alunos tendem a utilizar a língua e a escrita em suas atividades acadêmicas com maior frequência do que nas outras áreas. Em alguns cursos dessa área, os alunos têm aulas de língua portuguesa como parte de sua grade curricular. Na área de ciências biológicas, embora lidem muito com linguagem técnica e específica da área, e tenham disciplinas que contêm exames e laboratórios de prática, os alunos leem textos longos e possuem bastantes provas escritas. Já nos cursos das áreas de ciências exatas, embora ainda sejam necessárias leituras, muitas das disciplinas cursadas e dos conhecimentos aplicados baseiam-se em números, cálculos e estatísticas, dando-se, assim, o contato com o estudo formal da língua portuguesa no ambiente universitário em menor escala.

#### ***5.4.1 Elaboração do teste de reação subjetiva e atitude linguística***

Para a elaboração do teste de reação subjetiva, usamos como base testes realizados por Cyranka (2007) e Brustolin (2009). Em seguida, realizamos uma pré-aplicação em turmas de graduação de Letras na Universidade Federal do Ceará. Apesar de entendermos que o ambiente acadêmico, especialmente na área de estudos da Linguística, em que se espera que os sujeitos possuam conhecimentos mais aprofundados tanto da gramática tradicional quanto da Sociolinguística, não seja ideal para a aplicação desse tipo de teste, a menos que essa estratificação faça parte de seu objetivo específico, achamos necessário fazer testes iniciais com o objetivo de testar a clareza das perguntas e o tempo de resposta pelos estudantes.

A partir do *feedback* dos alunos em relação à dificuldade de compreensão das questões e o tempo necessário para a realização do teste por eles, propusemos o seguinte questionário (Quadro 2).

Ressaltamos que as perguntas do teste foram formuladas com sentenças fragmentadas de falas selecionadas diretamente do banco de dados adotado para a análise variacionista, o Projeto NORPOFOR.

A partir desse modelo, aplicamos o teste de reação a alunos que se encaixaram nas especificações de nossa estratificação e fizemos a análise de suas percepções sobre o fenômeno por nós estudado. O questionário adotado pode ser conferido a seguir.

Quadro 2 - Modelo do primeiro teste de reação subjetiva e atitude aplicado aos alunos da Universidade Federal do Ceará

<p><b>Nome</b></p> <p><b>Qual a sua idade?</b></p> <p><b>Com qual dos gêneros abaixo você se identifica? *</b></p> <p>( ) Masculino  ( ) Feminino  ( ) Nenhum  ( ) Outro</p> <p><b>Em que tipo de escola você estudou no ensino médio? *</b></p> <p>( ) Pública  ( ) Privada</p> <p><b>Qual o seu curso na faculdade?</b></p> <p><b>Onde você nasceu?</b></p> <p>Nas questões a seguir, escolha a resposta com a qual você mais se identifica em relação a sua própria fala. Sobre as formas a seguir você:</p> <p><b>1) Os meninos daquela turma tudo são... enrolão.*</b></p> <p>( ) Não falo nunca.  ( ) Falo e acho ruim.  ( ) Falo e acho boa.  ( ) Não sei se falo.</p> <p><b>2) Os meninos daquela turma tudo são... enrolões.*</b></p> <p>( ) Não falo de forma alguma.  ( ) Falo e acho ruim.  ( ) Falo e acho boa.  ( ) Não sei se falo.</p>
--

**3) No interior, as coisas são muito mais *difícil*.\***

- Não falo nunca.
- Falo e acho ruim.
- Falo e acho boa.
- Não sei se falo.

**4) No interior, as coisas são muito mais *difíceis*.\***

- Não falo nunca.
- Falo e acho ruim.
- Falo e acho boa.
- Não sei se falo.

**5) Eles, quando sofrem, ficam *calados*.\***

- Não falo nunca.
- Falo e acho ruim.
- Falo e acho boa.
- Não sei se falo.

**6) Eles, quando sofrem, ficam *calado*.\***

- Não falo nunca.
- Falo e acho ruim.
- Falo e acho boa.
- Não sei se falo.

**Em que situação você fala as formas abaixo?****7) Elas são *engraçadinha* que só.\***

- Em uma conversa com os amigos.
- Em uma entrevista de emprego.
- Em casa com a família.
- Durante a apresentação de um trabalho.
- Não falo de forma alguma.

**8) Elas são *engraçadinhas* que só.\***

- Em uma conversa com os amigos.
- Em uma entrevista de emprego.
- Em casa com a família.
- Durante a apresentação de um trabalho.
- Não falo de forma alguma.

**9) As pessoas eram mais *temíveis*.\***

- Em uma conversa com os amigos.
- Em uma entrevista de emprego.
- Em casa com a família.
- Durante a apresentação de um trabalho.
- Não falo de forma alguma.

**10) As pessoas eram mais *temível*.\***

- Em uma conversa com os amigos.
- Em uma entrevista de emprego.
- Em casa com a família.
- Durante a apresentação de um trabalho.
- Não falo de forma alguma.

Fonte: elaboração nossa.

**5.4.2 *Motivação das respostas dos testes de reação subjetiva e atitude linguística***

Após a aplicação do teste de reação subjetiva e a análise dos resultados, nos veio o questionamento sobre qual o fator motivador principal para as respostas de cada questão, ou seja, a concordância nominal dos itens destacados (predicativo do sujeito) ou a formalidade da sentença, já que as sentenças apresentadas variavam em níveis de formalidade. Destacamos que nossas perguntas focavam adequação de uso da fala em situações formais e informais.

Para essa parte da pesquisa, entramos em contato, por e-mail, com os informantes, que deixaram em nosso primeiro formulário seus endereços eletrônicos e pediram para receber os resultados da pesquisa que já haviam respondido. De um total de 236 informantes, recebemos 93 respostas para o questionário que podemos ver a seguir, composto de três perguntas, para as quais cada informante deveria escolher apenas uma resposta:

Quadro 3 - Modelo do segundo teste de reação subjetiva e atitude aplicado aos alunos da Universidade Federal do Ceará

**1) Você percebeu imediatamente que a pesquisa era de ordem linguística? \***

Sim

Não

**2) Ao responder as perguntas de 1-6, o que você considerou mais importante? \***

A concordância nominal dos itens destacados.

A formalidade da sentença.

**3) Ao responder as perguntas de 7-10, o que você considerou mais importante? \***

A concordância nominal dos itens destacados.

A formalidade da sentença.

Fonte: elaboração nossa.

No capítulo 7, exploramos e discutimos as respostas obtidas em ambas as partes dessa pesquisa.



## 6. ANÁLISE DE DADOS

Utilizamos, em nosso estudo, variáveis sociais e linguísticas, partindo dos princípios básicos da Sociolinguística Variacionista. Estudamos qual o efeito das variáveis escolhidas sob o fenômeno da variação de número no predicativo do sujeito. Labov (2001) explicita a importância das variáveis sociais no estudo da variação linguística. Para o autor, fatores cognitivos e sociais estão intimamente ligados aos fenômenos de variação e mudança linguística.

Vimos anteriormente, no Capítulo 3, que fatores linguísticos e sociais influenciam fenômenos variáveis da língua e que, a partir da atuação desses valores, haverá a concorrência e co-ocorrência de formas variantes implementadas no uso da língua. Também vimos que a aceitação ou rejeição das formas variantes pelos falantes pode acelerar ou reter o processo da mudança linguística.

Neste capítulo, estudamos quais fatores linguísticos e sociais condicionam as formas variantes da concordância de número no predicativo do sujeito da oração. As variantes sob controle são a presença vs. a ausência de marca morfológica de plural no predicativo do sujeito, e qual a relevância de cada um dos fatores apresentados anteriormente (Capítulo 5) para a ocorrência do fenômeno.

Primeiramente, fizemos a rodada e análise dos dados de fala do tipo de elocução D2 (discurso entre dois informantes), seguidos pela rodada e análise dos dados do tipo de elocução EF (elocução formal). Em seguida, rodamos todos os dados coletados em conjunto, tornando *Tipo de elocução* um grupo de fatores e fazendo o tratamento estatístico através do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) juntamente com os dados coletados e analisados por nós.

### 6.1 Variáveis selecionadas como estatisticamente significativas

#### 6.1.1 *Sexo do Falante*

Nas seções seguintes, apresentaremos os resultados de todas as ocorrências, das rodadas que consideram os tipos de elocução (D2 e EF) como um grupo de fatores, com seus números, porcentagens e peso relativo. As rodadas foram geradas pelo programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

*Sexo do falante* foi a única variável extralinguística selecionada pelo programa como estatisticamente significativa. Tratando-se da referida variável, é importante ressaltar que consideramos o binário masculino e feminino, que se refere ao sexo biológico dos falantes e não a sua identificação de gênero. O NORPOFOR, assim como os bancos de dados que existem atualmente, foi criado considerando apenas o sexo biológico dos informantes.

Labov (2001) fala da importância da variável sexo em pesquisas sociolinguísticas, teorizando que mulheres tendem mais ao conservadorismo linguístico que homens, quando se trata de uma variável estigmatizada. Traçando o conceito paradoxo de gênero, Labov (2001) explica que homens e mulheres interagem socialmente nos diálogos do dia a dia e que, apesar das mudanças ocorridas nos últimos anos, ainda desempenham papéis diferentes na sociedade.

Referido autor destaca que esses papéis são altamente influentes nas variações da língua. Também questiona que, apesar de gênero ser um fator social, os bancos de dados tratam, em geral, essa questão como algo meramente biológico, a menos que seja explicitamente dito o contrário, embora todos concordem que a relevância do gênero nas mudanças e variações linguísticas seja um fator social, dependente do papel dos homens e mulheres na sociedade, e não biológico. Ao final, o autor resume o paradoxo de gênero (LABOV, 2001, p. 293) como: “mulheres respeitam mais rigidamente que homens as normas sociolinguísticas que são claramente explicitadas, mas respeitam menos que os homens quando não são<sup>15</sup>”.

Dessa forma, encontramos, em nossos resultados, que mulheres tendem a favorecer a forma de prestígio, no caso do nosso fenômeno, as formas com marcas explícitas de plural, mais do que os homens, tanto partindo da teoria de Labov (2001), quanto dos resultados encontrados em estudos anteriores (LIMA, 1984; SCHERRE, 1988; SCHERRE, 1991; DIAS, 1996; CARVALHO 1997; SCHERRE; NARO 1998; TABOSA, 2016). Ao observarmos a tabela 1, percebemos grande diferença de frequência de uso da concordância no predicativo do sujeito na fala de informantes do sexo feminino e do sexo masculino.

---

<sup>15</sup> Tradução nossa: The Gender Paradox: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not”.

Tabela 1- Sexo do Falante / Input: 0.699

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Feminino</b>	71/96	74%	0.617
<b>Masculino</b>	66/111	59.5%	0.398
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Essa variável mostra-se regularmente significativa para fenômenos variáveis sociolinguísticos, como explica Labov (2001), ao falar da tendência das mulheres a darem preferência à variante de prestígio. Scherre (1991) e Dias (1996) encontraram resultados semelhantes aos nossos no que se refere à variável sexo do falante. No nosso caso, há ainda maior diferença entre pesos relativos para homens e mulheres: **0.617** vs. **0.398** em comparação a **0.58** vs. **0.42** no trabalho de Scherre (1991) e **0.57** vs. **0.42** no de Dias (1996).

### **6.1.2 Paralelismo formal das sequências de predicativo**

Essa variável foi a primeira das três variáveis linguísticas a ser selecionada como estatisticamente significativa. O paralelismo formal foi estudado inicialmente por Poplack (1980) em relação às marcas ou não marcas de plural do espanhol porto-riquenho. O referido estudioso conclui que estruturas similares, quando aparecem paralelamente, levam à repetição do fenômeno linguístico. Em suas palavras, “a presença de uma marcação de plural antes do símbolo favorece a retenção da marcação naquele símbolo, enquanto a ausência de uma marcação precedente, favorece a ausência<sup>16</sup>” (POPLACK, 1980, p. 63).

No Brasil, Scherre (1998) apresenta a variável e sua importância nos estudos sobre variação do português brasileiro a nível sintagmático, oracional, discursivo e da palavra, apresentando estudos e seus resultados. Scherre; Naro (1998) dizem que, no português do Brasil, o paralelismo se torna interessante, devido à redundância das marcas de plural. Segundo os autores, “tende-se a repetir variantes explícitas de plural – codificando mais o que é mais previsível – e tende-se a repetir variantes zero de plural - codificando menos o que é menos previsível” (SCHERRE; NARO 1998, p. 31). Scherre e Naro (1998) também ressaltam que esse fenômeno se estende a outros fenômenos linguísticos variáveis, embora seja primariamente associado a fenômenos de concordância, e tende a apresentar uniformidade em seus resultados.

<sup>16</sup> Tradução nossa “Presence of a plural marker before favors marker retention on that token, whereas absence of a preceding marker favors deletion”.

Partindo dessa hipótese, buscamos a confirmação do princípio de que a presença de marcas explícitas de plural leva a marcas explícitas de plural, enquanto a ausência de tais marcas leva a seu apagamento. O resultado confirma nossa hipótese para esta variável, tendo em vista que o processamento paralelo tende a apresentar resultados regulares em estudos de concordância (SCHERRE (1991); DIAS (1996)).

Tabela 2 - Paralelismo formal das sequências de predicativo na oração

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	
<b>Predicativo do sujeito em construção isolada.</b>	70/101	69.3%	0.540
<b>Primeiro de uma série.</b>	22/39	56.4%	0.431
<b>Predicativo precedido de predicativo com todas as marcas de plural</b>	35/39	89.7%	0.698
<b>Predicativo precedido de predicativo sem todas as marcas de plural</b>	6/22	27.3%	0.149
<b>Casos Mistos</b>	4/6	66.7%	0.521
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Input: 0.699

Quando realizamos as rodadas coordenadas, os tipos de elocução D2 e EF, tomados como grupos de fatores separados, nos quais as ocorrências precedidas de formas apresentam marcas explícitas de plural, tendem a apresentar tais marcas.

- a. predicativo precedido de predicativo com todas as marcas de plural:

(27) [Nós somos fieis a ele...] somos *fieis* (Inq 145, m, 0-4 anos, EF).

Para essa variante, encontramos **0.698** de peso relativo, o que constitui uma variante significativa na atuação do fenômeno. Por outro lado, as ocorrências precedidas de formas que não apresentam as marcas explícitas de plural tendem a não apresentar tais marcas, com apenas **0.149** de peso relativo, o que desfavorece a ocorrência do fenômeno.

b. predicativo precedido de predicativo sem marca(s) de plural:

(28) [Somos responsável Ø por esta luta] (...) somos um *intercessor escolhido* Ø  
(Inq 3, m, 9-11 anos, EF).

Os casos das formas isoladas e primeiros de uma série aparecem como fatores mais próximos do ponto neutro 0.50, com pesos relativos de, respectivamente, **0.541** e **0.431**, esse último com leve tendência ao não favorecimento do fenômeno.

c. predicativo do sujeito em construção isolada:

(29) Porque seus filhos eram tão *doentios* (Inq 124, h, 5-8 anos, EF);

d. primeiro de uma série:

(30) Os homens seria *amantes* (Inq 124, m, 5-8 anos, EF)

Em nosso estudo, os casos mistos apresentam resultados próximos ao ponto neutro, com peso relativo **0.521**.

e. casos mistos (ocorrências em série cujo predicativo é precedido por formas marcadas e seguido por formas não marcadas):

(31) os homens seria amantes de si mesmo (...) pretenciosos (...) soberbos (...)  
*blasfemadores* (...) desobediente Ø ao pai (Inq 124, h, 5-8, EF).

No entanto, esses casos mistos são bastante raros, em nosso estudo, por exemplo, encontramos apenas 6 ocorrências (para comparação, por exemplo, Dias (1996) encontrou 7, e Scherre (1991), 17). Por isso, não existem ainda evidências e estudos suficientes para entender completamente a atuação desse fator em relação à variação de número nos predicativos do sujeito. Vale um estudo mais aprofundado para entender esse comportamento.

### **6.1.3 Características formais do verbo da oração**

A variável *características formais do verbo da oração* foi outro fator considerado estatisticamente significativo pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Com essa variável, partimos ainda da hipótese iniciada a partir do paralelismo formal, de que marcas explícitas de plural levam a marcas explícitas de plural e de que o apagamento dessas marcas leva à sua ausência, dessa vez, em níveis sentenciais, de forma que marcas explícitas de plural no verbo levam a marcas explícitas de plural no predicativo do sujeito, assim como a ausência de marcas explícitas de plural no verbo, leva à ausência de marcas explícitas de plural no predicativo do sujeito.

Tabela 3 - Características formais do verbo da oração / Input: 0.699

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	
<b>Zero Verbal</b>	15/20	75%	0.542
<b>Verbo com marca de plural</b>	114/153	74.5%	0.609
<b>Verbo sem marca de plural</b>	8/34	26.5%	0.110
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Os resultados aparecem de acordo com as hipóteses de que os verbos com marcas explícitas de plural levam a ocorrências também com marcas explícitas de plural, enquanto os verbos sem marcas explícitas levam a ocorrências sem marcas explícitas. Nossos resultados se mostram consistentes com essa hipótese: encontramos o peso relativo de **0.609** para as formas com marcas explícitas de plural e **0.110** para as formas sem marcas explícitas de plural.

a. verbo com marca de plural:

(32) As cores das roupas *eram diferentes* (Inq 3, m, 9-11 anos, EF);

b. Verbo sem marcas de plural:

(33) tem pessoas que já *foi homossexual* (Inq 121, m, 0-4 anos, EF).

Para Scherre (1991) e Dias (1996), os casos de sujeito zero apresentam peso relativo maior que os casos de verbos com marcas explícitas de plural, levando Dias (1996) a questionar o motivo de tal resultado – que não condiz com a teoria do processamento paralelo – e introduzir a variável distância do sujeito correferencial, usando como base o princípio da recuperação de informações de Givón (1983). Em nosso trabalho, a variante do zero verbal apresenta peso relativo mais próximo do ponto neutro (**0.54**).

c. zero verbal:

(34)(...) ou então estão tão cansados e esgotados (Inq 24, m, 9-11, EF).

Por esse motivo, decidimos não replicar a variável de Dias (1996).

#### 6.1.4 Características formais do sujeito da oração

O último a ser considerado estatisticamente significativo pelo programa foi o fator *características formais do sujeito da oração* que, quando analisado, reforça a regularidade dos resultados referentes ao princípio do paralelismo formal, assim como as *características formais do verbo da oração*. No português brasileiro, tanto sujeitos quanto verbos podem vir explícitos na frase, como também podem permanecer ocultos, sendo sua ideia apenas referencial. Quando o sujeito está oculto na sentença (o que, nesse grupo fatores, chamamos de *sujeito zero*), de acordo com a gramática tradicional, o predicativo deve concordar com o sujeito referente implícito. Dessa forma, subdividimos nossa variável como mostraremos a seguir:

Tabela 4 - Características formais do sujeito da oração / Input: 0.699

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Sujeito zero</b>	51/69	73.9%	0.579
<b>Sujeito explícito com todas as marcas formais de plural ou com a última marca neutralizada</b>	55/72	76.4%	0.646
<b>Sujeito explícito sem a última marca formal de plural</b>	3/14	21.4%	0.110
<b>Sujeito explícito com marca semântica de plural</b>	25/46	54.3%	0.343
<b>Sujeito explícito com a marca de plural totalmente neutralizada</b>	3/6	50%	0.258
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Podemos observar, na tabela acima, que os casos de sujeito explícito com todas as marcas formais de plural ou com a neutralização do morfema de plural “s” com o fonema /s/ do vocábulo seguinte levam a ocorrências com marcas de plural no predicativo, com peso relativo de **0.646**, enquanto os casos de sujeito explícito sem a última marca formal de plural levam ao apagamento das marcas nas ocorrências de predicativo do sujeito, com peso relativo de **0.110**.

a. sujeito explícito com todas as marcas de plural:

(35) as cores das roupas eram *diferentes* (Inq 3, m, 9-11, EF).

b. com a última marca de plural /s/ neutralizada:

(36) os conflitoS São *constant*es (Inq 77, m, 9-11, EF).

c. sujeito explícito sem a última marca formal de plural:

(37) as pessoa Ø às vezes estão *aflita* (Inq 97, h, 9-11 anos, EF).

Os resultados do sujeito explícito com marca semântica de plural e sujeito explícito com marca de plural totalmente neutralizada mostraram-se negativos em relação à concordância de número do predicativo do sujeito, com pesos relativos, respectivamente, de **0.343** e **0.258**. Os casos de sujeito zero aparecem perto do ponto neutro de 0.50, com peso relativo de **0.579**, que mostra leve favorecimento à concordância nominal.

a. sujeito explícito com a marca semântica de plural (nós e numerais isolados):

(38) nós somos bem *aventurados* (Inq 7, h, 9-11 anos, EF).

b. sujeito explícito com a marca formal de plural totalmente neutralizada:

(39) vocêS São muito *verminosa* (Inq 50, m, 9-11 anos, D2).

Em nosso trabalho, as variantes das características formais do sujeito da oração seguem a mesma tendência de uso, apresentado números parecidos quando realizamos rodadas por tipos de elocução D2 e EF, assim como na união dos dois tipos de elocução. As variáveis a seguir não foram selecionadas como significativas pelo Goldvarb X para a ocorrência do fenômeno de marcação de número. No entanto, consideramos sua análise relevante para nosso estudo, visto que o comportamento de suas variantes está relacionado à reação subjetiva da língua pelos falantes de Fortaleza, como abordaremos no Capítulo 6.



## 6.2 Variáveis não selecionadas como estatisticamente significativas

A seguir, apresentamos as variáveis que não foram selecionadas como sendo estatisticamente significativas pelo programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

### 6.2.1 Escolaridade do Falante

Ao considerarmos a escolaridade como variável social, esperávamos que ela fosse relevante para nossa pesquisa, pois, por tratarmos de um fenômeno morfossintático de concordância, aprendido e reforçado na escola, e cujo não-uso, em geral, leva à estigmatização, acreditávamos que essa variável faria com que falantes com mais anos de escolaridade apresentassem maior frequência do uso de presença de marca de plural em sua fala no dia a dia. A partir daí, levantamos a hipótese de que a concordância de número nos predicativos do sujeito se daria com maior frequência em falantes mais escolarizados.

No entanto, os resultados encontrados em relação à variável escolaridade do falante não foram selecionados pelo programa para a ocorrência do fenômeno de acordo com o programa estatístico, com o peso relativo das duas variantes (escolaridade 9-11 anos e 5-8 anos), apresentando valores próximos ao ponto neutro de 0.50. Ainda assim, falantes com 9-11 anos de escolaridade apresentam mais marcas explícitas de plural (**0.536**) do que falantes com 0-8 anos de escolaridade (**0.464**)<sup>17</sup>.

Tabela 5 - Escolaridade do falante

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>9-11 anos de escolaridade</b>	75/104	72.1%	(0.536)
<b>0-8 anos de escolaridade</b>	62/103	60.2%	(0.464)
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

<sup>17</sup> Os pesos relativos dos fatores não selecionados como estatisticamente significativos foram retirados da rodada em que foram eliminados no Stepping Down.

### 6.2.2 Tipo de Elocução

O último fator que consideramos como variável extralinguística foi o tipo de elocução. A formalidade se apresenta importante para nosso fenômeno de variação de número, pois acreditamos que, acima de tudo, a forma como falamos se mostra diferente dependendo da situação em que nos encontramos. Nossa fala tende a se adaptar a situações e ocasiões específicas. Como a concordância é um fenômeno bastante estudado na escola (e, portanto, ensinado como regras gramaticais), prevemos que, em ambientes informais, os falantes se mostrem mais relaxados em relação a essas regras. Labov (1972) fala sobre como, em situações de entrevistas linguísticas, quanto menor a influência do entrevistador e de reação subjetiva do entrevistado em relação ao entrevistador, como em um diálogo entre dois amigos ou familiares, maior será o nível de informalidade da conversa. O autor também relata que, em situações formais, como palestras ou sermões, o nível de formalidade linguística deve aumentar. Diz o autor:

Qualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal em que ele confere à fala mais que o mínimo de atenção. No corpo principal de uma entrevista, onde se pede e se dá informação, não se deve esperar encontrar o vernáculo em uso. Por mais que o falante pareça informal ou à vontade, podemos sempre supor que ele tem uma fala mais informal, outro estilo no qual se diverte com os amigos e discute com a mulher. (LABOV, 2008 [1972], p.244)

Eckhert (2004) discute a importância de considerar as variáveis no tipo de discurso que estão sendo usadas. A autora enfatiza que falantes de uma língua fazem suas escolhas linguísticas dependendo da situação em que se encontram e das pessoas ao seu redor. Quando falamos de registro, entendemos que a situação comunicativa é adaptável e que, para sermos capazes de realizar a comunicação da melhor forma tanto para o emissor quanto para o receptor da mensagem, é importante que os elementos da linguagem estejam de acordo com o meio ambiente, com a situação de fala e com o nível de formalidade.

Dessa forma, escolhemos o diálogo entre dois informantes (D2) e elocução formal (EF) para nossa amostra. Introduzida por nós, nesta rodada, como um grupo de fatores, a variável tipo de elocução não foi selecionada como estatisticamente significativa para o fenômeno pelo programa estatístico, com pesos relativos de **0.325** para o tipo de elocução D2, que não favorece o aparecimento de marcas explícitas de plural, e **0.546** para o tipo de elocução EF, bem próximo do ponto neutro 0.50. No entanto, ao analisarmos os dados dos dois tipos de elocução separadamente, podemos ver a influência do tipo de elocução na ocorrência do fenômeno em relação a algumas variáveis linguísticas específicas, principalmente àquelas que englobam os princípios da saliência fônica.

Tabela 6 - Tipo de Elocução

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Tipo de elocução</b> <b>D2</b>	27/48	56.2%	(0.352)
<b>Tipo de elocução</b> <b>EF</b>	110/159	69.2%	(0.546)
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Quando analisamos em rodadas anteriores, separadas por *tipo de elocução*, os dados da variável *tonicidade dos itens regulares* revelam, no discurso D2, que apenas 33.3% das ocorrências dos itens oxítonos apresentam a concordância do predicativo do sujeito, enquanto que, no discurso EF, 65.4% dessas mesmas ocorrências apresentam concordância.

Similarmente, tratando-se da variável *processos morfofonológicos de formação de plural*, no discurso D2, apenas 33.3% das ocorrências de itens com formação de plural não regular apresentam a concordância, enquanto que, no discurso EF, esse número sobe para 76.2%.

Acreditamos que, nesses dois casos, o tipo de elocução está diretamente ligado ao estigma – quanto mais formal o ambiente, maior será o grau de atenção do falante dedicado à sua fala (LABOV, 1972). Conseqüentemente, maior será o estigma relacionado à falta de concordância nominal. A saliência fônica dos itens oxítonos e daqueles de processo morfofonológico de formação plural não regular mostra-se mais acentuada, o que acreditamos levar ao estigma em relação à forma não prestigiada do fenômeno em ambientes mais formais. Dessa forma, vemos que, nesses ambientes de maior formalidade, os falantes tendem a seguir a normalização gramatical.

Para fortalecer nossa hipótese, abordaremos essa problemática no teste de reação subjetiva e atitude aplicado no capítulo a seguir.

### 6.2.3 Estrutura do predicativo

Ao analisarmos a estrutura do predicativo, buscamos entender como os elementos sintagmáticos que configuram o predicativo influenciam a ocorrência do fenômeno por nós estudado.

Partindo dos resultados obtidos por Scherre (1991) e Dias (1996), nossa hipótese é de que predicados substantivos sejam mais favoráveis à pluralização que predicados adjetivos. Observamos também, em nossos resultados, que a presença dos elementos tudo/todo desfavoreçam as marcas formais de plural.

A estrutura do predicativo, para nós, não foi selecionada pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) como fator relevante para a marcação do plural do predicativo do sujeito, ao contrário de ter sido selecionada nos trabalhos de Scherre (1991) e Dias (1996). Todos os nossos fatores, exceto *predicativo de mais de um elemento com as formas tudo e todo*, estão próximos do ponto neutro 0.50, com a variante *predicativo adjetivo de um elemento* apresentando peso relativo levemente acima (**0.559**). As variantes predicativo nominal de um elemento e predicativo de mais de um elemento apresentam pesos relativos levemente abaixo (**0.427** e **0.400**, respectivamente).

Tabela 7 - Estrutura do predicativo

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Predicativo adjetivo de um elemento</b>	96/133	72.2%	(0.559)
<b>Predicativo substantivo de um elemento</b>	10/23	43.5%	(0.427)
<b>Predicativo de mais de um elemento</b>	24/38	63.2%	(0.400)
<b>Predicativo de mais de um elemento com as formas tudo e todo</b>	2/6	33.3%	(0.255)
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Nossa hipótese, com base em Scherre (1991), de que as formas adjetivas seriam menos marcadas que as substantivas, foi refutada em nosso trabalho. Scherre (1991, p. 63) fala em saliência além da saliência fônica e explica que “a configuração adjetiva favorece menos a presença de marcas que a configuração substantiva. Isso se deve, acreditamos, ao fato de a configuração adjetiva ser a mais comum”.

No entanto, em nossos resultados (cf. tabela 7), vemos diferença entre a marcação das formas adjetivas (**0,559**) e das formas nominais (**0,427**). Consideramos que isso possa ter se dado devido a dois fatores: ao número de dados consideravelmente menor ou ao fato de não termos considerado, em nosso trabalho, estruturas passivas, tendo essas sido desconsideradas.

Ainda, é importante ressaltarmos a importância do fator *predicativo de mais de um elemento com as formas tudo e todo*. Scherre (1991) levanta a hipótese de que esse fator, na verdade, favoreça a ausência de marcas explícitas de plural, devido à singularidade da partícula tudo/todo. Esse resultado é comprovado em nosso trabalho: essa variante apresenta o peso relativo de **0.255**.

Os resultados dos tipos de elocução separadamente de nosso trabalho ficaram levemente comprometidos pela pouca quantidade de dados. No tipo de elocução informal (D2), não encontramos nenhuma ocorrência de predicativo nominal de um elemento e 6 ou menos ocorrências de todas os outros fatores exceto *predicativo adjetivo de um elemento*. Já na elocução formal (EF), encontramos apenas um dado do predicativo de mais de um elemento com as formas tudo/todo. Podemos ver exemplos a seguir:

- a. predicativo adjetivo de um elemento:  
(40) As cores das roupas eram *diferentes* (Inq 3, m, 9-11 anos, EF).
- b. predicativo substantivo de um elemento:  
(41) nós somos *árvores* (Inq 41, h, 0-4, EF).
- c. predicativo de mais de um elemento:  
(42) ou então estão tão *cansados e esgotados* (Inq 24, m, 9-11, EF).
- d. predicativo de mais de um elemento com os itens tudo/todo:  
(43) ou então estão tão *cansados e esgotados* (Inq 24, m, 9-11, EF).

#### **6.2.4 Tonicidade dos itens regulares**

A tonicidade dos itens regulares mostra-se uma variável importante nos estudos sociolinguísticos no Brasil para testar o Princípio da Saliência Fônica. Introduzido por Naro e Lemle (1976) e continuado por Lemle e Naro (1977), a partir da fala de informantes do Rio de Janeiro, o princípio dita, resumidamente, que quanto menos saliente for a diferença entre singular e plural, menores são as chances de a forma em questão apresentar concordância.

Consequentemente, quanto mais saliente se mostrar essa diferença, maiores são as chances de apresentar-se a concordância. Essa variável tem sido amplamente debatida em estudos da concordância no português brasileiro (SCHERRE, 1988; SCHERRE, 1991; DIAS, 1996; CARVALHO 1997; SCHERRE; NARO 1998; TABOSA, 2016).

Scherre (1991) apresentou a variável tonicidade dos itens regulares em sua pesquisa esperando que essa se apresentasse como uma variável estatisticamente significativa. No entanto, esse não foi o caso. Sua hipótese foi a de que o fator ‘processos morfofonológicos de formação de plural’, por também representarem uma variável relativa à saliência fônica, interferia nos resultados e, talvez, obtivesse resultados mais precisos se amalgamasse as duas variáveis. Dias (1996), por outro lado, encontrou, em sua pesquisa, significância estatística na análise dessa variável.

Nossa hipótese, baseada no princípio da saliência fônica, parte do princípio que itens oxítonos, por possuírem a sílaba final mais forte e, consequentemente, mais saliente fonicamente, apresentam maior frequência de ocorrência da concordância, seguidas de paroxítonos e, por fim, proparoxítonos.

A tonicidade dos itens regulares não foi considerada estatisticamente significativa na pesquisa, assim como para Scherre (1991). No entanto, para Dias (1996), o programa selecionou a variável como significativa.

Tabela 8 - Tonicidade dos itens singulares

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Oxítonos</b>	15/28	53.6%	(0.413)
<b>Paroxítonos</b>	115/168	68.5%	(0.494)
<b>Proparoxítonos</b>	7/11	63.6%	(0.775)
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Essa variável está diretamente ligada ao princípio da saliência fônica, apresentado por Scherre (1991), explicando que as formas mais salientes, ou seja, mais perceptíveis, tendem a ser mais marcadas do que as formas menos salientes. Nossa hipótese aqui é refutada, com os pesos relativos dos itens oxítonos (**0.413**) e paroxítonos (**0.494**) bem próximos um do outro e do ponto neutro 0.5, com os itens oxítonos tendendo levemente ao desfavorecimento do fenômeno. Os proparoxítonos, aqui, apresentam, de fato, **0.775** de peso relativo, ou seja, relevância para o fenômeno.

Para justificar esse resultado, talvez possamos buscar guarida em Scherre (1991) e em sua teoria anterior de saliência que vai além da fônica. Se falarmos em termos de raridade do item, palavras proparoxítonas são bem mais raras no dia a dia que as oxítonas, e principalmente do que as paroxítonas. Em nossos dados, encontramos apenas 8 ocorrências. Essa saliência proposta por Scherre (1991) talvez se explique considerando o baixo número de ocorrências no *corpus*. Vale investigação mais profunda dessa variável.

Em nosso estudo, os itens oxítonos, que possuem maior saliência fônica, possuem grande diferença de marcação entre os tipos de elocução. Na elocução informal (D2), quando analisada separadamente, apenas 33.3% das ocorrências são marcadas, enquanto que, na elocução formal (EF), essa porcentagem sobe para (65.4%). É importante ressaltarmos que acreditamos que esse grande aumento se deva à falta de aceitabilidade da fala que foge às regras de concordância da gramática tradicional em situações consideradas formais. Itens oxítonos, quando contrastados com paroxítonos e proparoxítonos, possuem maior grau de saliência fônica, tornando sua falta de concordância mais perceptível ao falante comum, e por sua vez, menos aceitável. Nos itens paroxítonos, essa diferença é menor que 10%. Vejamos alguns exemplos:

a. oxítonos:

(44) nós somos *fiéis* (Inq 145, h, 0-4 anos, EF).

b. paroxítonos:

(45) Hoje o clientes são mais *críticos* (Inq 15, h, 9-11 anos, D2).

c. proparoxítonos:

(46) As coisas estão *caríssimas* (Inq 77, m, 9-11, D2).

### **6.2.5 Processos morfofonológicos de formação do plural**

A variável *processos morfofonológicos de formação de plural* também se mostra extremamente importante nos estudos sociolinguísticos no Brasil (SCHERRE; 1991, DIAS 1996; TABOSA; 2016). Assim como a tonicidade dos itens regulares, tal variável está intrinsecamente ligada ao princípio da saliência fônica que, como vimos, dita que formas mais salientes tendem a ser mais marcadas que formas menos salientes.

Tratando-se dos *processos morfofonológicos de formação de plural*, os resultados dos estudos sociolinguísticos têm mostrado que itens formados através do plural regular tendem a apresentar menos marcas explícitas de plural /s/, por serem menos salientes, em oposição a itens formados através do plural irregular, que são mais salientes e, portanto, tendem a apresentar mais marcas explícitas de plural /s/. Dias (1996) não encontrou significância estatística nessa variável em seu trabalho, enquanto que, para Scherre (1991), a variável mostrou-se estatisticamente significativa.

O *processo morfofonológicos de formação de plural* não foi selecionado em nosso trabalho como variável significativa, assim como em Dias (1996). Em Scherre (1991), a variável foi selecionada como significativa.

Tabela 9 - Processos morfofonológicos de formação de plural

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Plural regular</b>	118/177	66.7%	(0.515)
<b>Plural não regular</b>	19/30	63.3%	(0.426)
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Em nosso trabalho, o plural regular se apresenta praticamente no ponto neutro, com peso relativo **0.515**, enquanto que, ao contrário da hipótese, o plural não regular se apresenta como fator de não influência do fenômeno, com **0.426** de peso relativo, apesar de itens com plurais não regulares possuírem mais saliência fônica. Acreditamos que esses resultados possam ter se dado devido ao pequeno número de dados.

a. plural regular:

(47) (..) nem estão *interessados* (Inq 124, h, 5-8 anos, EF).

b. plural irregular:

(48) os quatro primeiros selos do apocalipse são *admiráveis* (Inq 117, m, 9-11 anos, EF).

Em nosso trabalho, pudemos observar que, assim como a tonicidade dos itens regulares, o processo morfofonológico de formação de plural está intrinsecamente ligado ao tipo de elocução. Na elocução informal (D2), quando analisada separadamente, vemos que a saliência fônica dos plurais não regulares não é um fator importante, já que essa variante apresenta apenas 33.3% de concordância com o predicativo do sujeito.



Já na elocução formal (EF), essa porcentagem sobre para 76.2%, indicando que, nesse tipo de elocução, a saliência fônica é um fator importante para a concordância.

### 6.2.6 Presença de material interveniente entre verbo e predicativo

A análise dessa variável busca entender como a presença ou a ausência de matéria interveniente entre o verbo e o predicativo influenciam a presença de marcas formais de plural nos predicativos do sujeito. Essa variável foi introduzida por Scherre (1991) para esse fenômeno e replicada por Dias (1996). As autoras, com base em seus dados, observaram que a atuação dessa variável para o fenômeno é relativamente neutra.

A *presença de material interveniente* não foi uma variável selecionada como estatisticamente significativa no nosso trabalho.

Tabela 10 - Presença de material interveniente entre verbo e predicativo

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Ausência material interveniente</b>	de 95/137	69.3%	(0.482)
<b>Presença intensificadores</b>	de 23/30	76.7%	(0.618)
<b>Demais elementos intervenientes</b>	19/40	47.5%	(0.471)
<b>Total</b>	137/207	66.2%	

Fonte: elaboração nossa.

Em nossos resultados, vimos que a presença de intensificadores se mostra levemente mais relevante para a ocorrência do fenômeno, com **0.618** de peso relativo. A ausência de material interveniente (**0.482**) e a presença de demais elementos intervenientes (**0.471**) se mostram bem próximos do ponto neutro 0.50.

a. ausência de matéria interveniente:

(50) não somos *abruptas* (Inq 100, h, 5-8 anos, EF)

b. presença de intensificadores:

(51) pareciam tão *reais* (Inq 02, h, 9-11 anos, EF).

c. demais elementos intervenientes:

(52) foi três crianças *maravilhosas* (Inq 96, m, 5-8 anos, EF).

Nossa hipótese acerca dessa variável (de que a ausência de material interveniente comprometeria a presença de marcas explícitas de plural) não se confirmou. A presença de intensificadores se mostrou mais favorável à ocorrência do fenômeno, enquanto a ausência de material interveniente e a presença de demais elementos intervenientes não tiveram influência sobre sua ocorrência.

### 6.5 Resultados gerais do fenômeno em informantes na cidade de Fortaleza

Para essa parte da análise, combinamos os dados coletados nos dois tipos de elocução, D2 e EF, e realizamos rodadas usando o programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A partir daí, analisamos as variáveis consideradas estatisticamente significativas e as consideradas não significativas.

Ao todo, analisamos 38 inquéritos, com dados de 48 informantes, sendo 24 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Em seguida, estratificamos esses informantes por escolaridade, sendo 24, 12 homens e 12 mulheres, de escolaridade de 9 a 11 anos de escolaridade e 24, 6 homens e 6 mulheres, de escolaridade de 0-8 anos de escolaridade.

Tabela 11 - Frequência geral de presença vs. ausência de marca formal de plural em predicativos de sujeito na cidade de Fortaleza

	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Percentual</b>
<b>Presença de marca de plural explícita /s/ no predicativo.</b>	137/207	66.2%
<b>Ausência da marcação de plural /Ø/ no predicativo.</b>	70/207	33.8%

Fonte: elaboração nossa.

Nossos resultados mostram, em termos percentuais totais, que, em relação aos falantes do Rio de Janeiro, de acordo com os dados coletados por Scherre (1991), e aos falantes do sul do país, de acordo com os dados coletados por Dias (1996), os falantes fortalezenses se mostram mais conservadores.

A aplicação total de marcação de plural nos predicativos de sujeito de Scherre (1991) foi de 50%. Já a de Dias (1996) foi de 43%. A nossa chegou a 66.2%.

Em termos totais, os resultados (cf. tabela 11) mostram que há 66.2% de concordância de marca explícita de plural e 33.8% de ausência de marca em predicativos do sujeito na fala de Fortaleza.

A seguir, no Capítulo 6, buscamos, com nosso teste de reação subjetiva, com perguntas criadas a partir das variáveis retiradas do nosso banco de dados, entender como a concordância de número nos predicativos do sujeito é percebida por falantes da cidade de Fortaleza.

## 7 ANÁLISE DO TESTE DE REAÇÃO SUBJETIVA

Por ocasião do projeto de pesquisa, planejamos aplicar o teste de reação subjetiva em um grupo formado por 24 informantes. No entanto, este grupo se tornou, rapidamente, mais de dez vezes maior, com o auxílio da ferramenta *Google Forms*, ao tomarmos a decisão de fazer a pesquisa virtualmente, com o objetivo de atingir maior número de informantes para que respondessem ao teste, assim obtendo mais dados. Desse modo, os testes de reação subjetiva foram aplicados através da ferramenta virtual *Google Forms*. Ao final da aplicação, analisamos cuidadosamente cada uma das respostas verificando quais delas se encaixavam no perfil necessário: ser aluno da Universidade Federal do Ceará e nativo da cidade de Fortaleza. Para o nosso trabalho, chegamos a um número final de 300 informantes, estratificados como podemos observar abaixo. Foram aplicados mais de 500 questionários, totalizando 300 informantes que atenderam ao perfil especificado e que foram considerados para efeito de análise. A seguir, apresentamos a estratificação dos informantes por área de estudo, identificação de gênero (masculino ou feminino) e tipo de escola (pública ou privada), em termos percentuais.

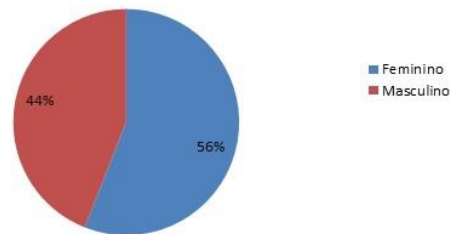
Gráfico 1 - Área de estudo dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude linguística



Fonte: elaboração nossa.

Do total de 300 informantes que responderam à pesquisa, 40% (120 informantes) eram de cursos da área de ciências humanas, 33% (99 informantes) de cursos da área de ciências exatas e 27% (81 informantes) de cursos da área de ciências biológicas.

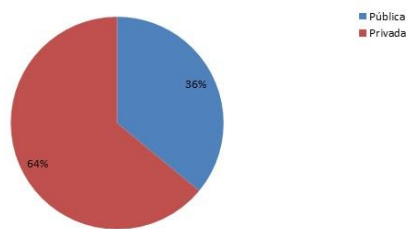
Gráfico 2 - Gênero dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude linguística  
Com qual gênero você se identifica?



Fonte: elaboração nossa.

Desses alunos, 56% (168 informantes) se identificam como sendo do gênero feminino, e 44% (132 informantes) como sendo do gênero masculino. Nenhum aluno identificou-se como sendo de “nenhum” ou “outro” gênero.

Gráfico 3 - Tipo de escola dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude linguística  
Em que tipo de escola você estudou no ensino médio?



Fonte: elaboração nossa.

Ainda, 64% (192 informantes) dos informantes que responderam ao teste de reação subjetiva e atitude estudaram em escola privada no ensino médio, enquanto 36% (108 informantes) dos alunos estudaram em escola pública.

Ao total, separamos os 300 informantes por área de estudo. Para controle interno em termos de organização e estratificação para futuras pesquisas, controlamos os fatores *identificação de gênero e tipo de escola que estudou no ensino médio*. Dos 120 informantes da área de ciências humanas, 73 se identificaram como sendo do sexo feminino, enquanto 47 se identificaram como sendo do sexo masculino. 85 desses informantes estudaram em escolas particulares no ensino médio, enquanto 35 estudaram em escolas públicas. Da área de ciências exatas, temos 49 informantes identificando-se como sendo do sexo feminino e os outros 51 como sendo do sexo masculino. Desses informantes, 57 estudaram em escolas particulares no ensino médio enquanto 43 estudaram em escolas públicas.

Da área de ciências biológicas, 48 informantes se identificaram como sendo do sexo feminino, enquanto 33 se identificaram como sendo do sexo masculino. 46 informantes dessa área de ensino estudaram em escola particular no ensino médio, enquanto 35 estudaram em escola pública. Podemos observar esses números em termos percentuais nas tabelas abaixo:

Tabela 12 - Estratificação dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude de acordo com a identificação de gênero

<b>Área de estudo</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
<b>Ciências Humanas</b>	61%	39%
<b>Ciências Exatas</b>	50%	50%
<b>Ciências Biológicas</b>	59%	41%

Fonte: elaboração nossa.

Tabela 13 - Estratificação dos informantes do teste de reação subjetiva e atitude de acordo o tipo de instituição frequentada no ensino médio.

<b>Área de estudo</b>	<b>Escola Privada</b>	<b>Escola Pública</b>
<b>Ciências humanas</b>	71%	29%
<b>Ciências Exatas</b>	58%	42%
<b>Ciências Biológicas</b>	57%	43%

Fonte: elaboração nossa.

A seguir, analisamos o teste, pergunta a pergunta, e o modo como esses dados se relacionam aos resultados obtidos na análise da variação de número do predicativo do sujeito na cidade de Fortaleza. Buscamos compreender se o fato de a forma de prestígio (aquela que apresenta marcas explícitas de plural) ser prevalente tanto nos tipos de elocução formal quanto informal influencia negativamente a reação subjetiva do falante em relação à forma não prestigiada. Analisamos ainda se essa forma é estigmatizada e em que contextos sociais esse estigma acontece.

## 7.1 Análise das perguntas

Todas as questões do teste de reação subjetiva linguística foram elaboradas com base em fragmentos de fala retirados do banco de dados do NORPOFOR. Depois de elaboradas, tais questões foram apresentadas aos informantes através do *Google Forms*.

O teste foi constituído de duas partes. Na primeira parte, apresentamos, em formato de sentenças, as seguintes questões, de números 1-6:

1 – “Os meninos daquela turma tudo são... *enrolão*”

a) *Não falo nunca*; b) *Falo e acho boa*; c) *Falo e acho ruim*; d) *Não sei se falo*

2 – “Os meninos daquela turma tudo são... *enrolões*”

a) *Não falo nunca*; b) *Falo e acho boa*; c) *Falo e acho ruim*; d) *Não sei se falo*

3 – “No interior, as coisa são muito mais *difícil*”

a) *Não falo nunca*; b) *Falo e acho boa*; c) *Falo e acho ruim*; d) *Não sei se falo*

4 – “No interior, as coisa são muito mais *difíceis*”

a) *Não falo nunca*; b) *Falo e acho boa*; c) *Falo e acho ruim*; d) *Não sei se falo*

5 – “Eles, quando sofrem, ficam *calados*!”

a) *Não falo nunca*; b) *Falo e acho boa*; c) *Falo e acho ruim*; d) *Não sei se falo*

6 – “Eles, quando sofrem, ficam *calado*!”

a) *Não falo nunca*; b) *Falo e acho boa*; c) *Falo e acho ruim*; d) *Não sei se falo*

Nessa parte, os informantes deveriam assinalar, obrigatoriamente, *apenas um* dos quatro itens, de forma que, em cada uma das perguntas de 1 a 6, obtivemos 300 respostas.

Na segunda parte, apresentamos as seguintes questões de número 7-10, também em formato de sentença, com a seguinte pergunta: **Em que situação você fala as formas abaixo?**

7- “Elas eram *engraçadinha* que só”

( ) *Não falo nunca*; ( ) *Em uma conversa com os amigos*; ( ) *Em casa com a família*; ( ) *Durante a apresentação de um trabalho*; ( ) *Durante uma entrevista de emprego*.

8- “Elas eram *engraçadinhas* que só”

( ) Não falo nunca; ( ) Em uma conversa com os amigos; ( ) Em casa com a família; ( ) Durante a apresentação de um trabalho; ( ) Durante uma entrevista de emprego.

9- “As pessoas eram mais *temíveis*”

( ) Não falo nunca; ( ) Em uma conversa com os amigos; ( ) Em casa com a família; ( ) Durante a apresentação de um trabalho; ( ) Durante uma entrevista de emprego.

10- “As pessoas eram mais *temível*”

( ) Não falo nunca; ( ) Em uma conversa com os amigos; ( ) Em casa com a família; ( ) Durante a apresentação de um trabalho; ( ) Durante uma entrevista de emprego.

Para essas perguntas, os informantes deveriam assinalar *no mínimo um e no máximo quatro itens* de forma, que para cada uma dessas questões, poderíamos obter, no mínimo, 300 respostas, e no máximo, 1200.

A seguir, apresentamos os resultados de cada questão, em termos percentuais.

### 7.1.1 Pergunta 1: “Os meninos daquela turma tudo são... enrolão”

Na primeira e na segunda perguntas, as frases analisadas (“Os meninos daquela turma tudo são... *enrolão*” e “Os meninos daquela turma tudo são... *enrolões*”) buscam analisar como a partícula *tudo* – abordada em nossas análises a partir da hipótese de que sua presença favorece a ausência de marcas explícitas de plural – influencia a reação subjetiva do falante em relação à sentença, em contrapartida ao processo morfofonológico de plural não regular da palavra *enrolões* que, de acordo com nossa hipótese e resultados, configura-se como uma forma saliente e, portanto, com tendência para favorecer a presença das marcas explícitas de plural. Vejamos, a seguir, os resultados encontrados nas análises dessas duas perguntas.

Tabela 14 - Frequência geral das respostas para a pergunta 1

Pergunta 1	Não nunca	falo Falo e acho ruim	Falo e acho boa	Não sei se falo
	41%	18%	26%	15%

Fonte: elaboração nossa.



No geral, a opção “Não falo nunca” obteve maior percentual de respostas (41%), seguido por “Falo e acho boa” (26%), “Falo e acho ruim” (18%) e, por fim, “Não sei se falo” (15%).

Em todas as situações, a opção mais escolhida para essa pergunta foi “Não falo nunca” (cf. tabela 15), sendo os alunos dos cursos de exatas aqueles que mais escolheram essa resposta (44%), seguidos pelos de biológicas (42%) e, por último, os de humanas (36%).

Para os alunos de ciências humanas e biológicas, a segunda opção mais escolhida foi “Falo e acho boa”, com 35% e 27% respectivamente. No entanto, para os alunos de exatas, essa foi a terceira opção mais escolhida, com 18%. A segunda opção foi “Falo e acho ruim”, com 20% dos alunos selecionando essa resposta. De humanas, 19% dos alunos escolheram essa resposta, enquanto que, de ciências biológicas, essa foi a escolha de apenas 14% dos alunos. A opção “Não sei se falo” foi selecionada por 10%, 18% e 17% dos alunos de ciências humanas, exatas e biológicas, respectivamente.

Os resultados apontam para a direção de que os alunos das ciências exatas, possivelmente, tendem a ser linguisticamente mais conservadores que os de ciências biológicas que, por sua vez, tendem a ser mais conservadores que os de ciências humanas, de acordo com a porcentagem de cada área das respostas “Não falo nunca” (44% em comparação a 42% e 36%, respectivamente). Esses resultados contrariam nossa hipótese inicial, de que os alunos de ciências humanas, por estarem mais expostos ao estudo e uso da língua no ambiente acadêmico, seriam mais conservadores. Esses resultados também mostram que, apesar da partícula *tudo*, essa variável sem a presença de marcas explícitas de plural parece sofrer estigma por parte dos falantes, visto que a maioria dos informantes, de todas as áreas, escolheu a resposta “Não falo nunca”.

Na tabela abaixo, podemos observar esses resultados mais detalhadamente.

Tabela 15 - Frequência de respostas para a pergunta 1 por área de estudo

<b>Área de estudo</b>	<b>Não falo nunca</b>	<b>Falo e acho ruim</b>	<b>Falo e acho boa</b>	<b>Não sei se falo</b>
<b>Ciências Humanas</b>	36%	19%	35%	10%
<b>Ciências Exatas</b>	44%	20%	18%	18%
<b>Ciências Biológicas</b>	42%	14%	27%	17%

Fonte: elaboração nossa.

Na pergunta a seguir, vemos como os informantes avaliam a forma da sentença acima que apresenta a concordância de número no predicativo do sujeito.

### 7.1.2 Pergunta 2: “Os meninos daquela turma são tudo... enrolões”

Na segunda pergunta, mantivemos a mesma sentença da pergunta um, ocupando o item lexical “enrolões” a função de predicativo no plural com o objetivo de ver como a partícula *tudo* influencia a avaliação dos alunos sobre a forma da sentença sem marcação explícita de plural. Na segunda pergunta, mantivemos a mesma sentença da pergunta um, estando o item lexical “enrolões”, que ocupa a função de predicativo, em sua forma no plural. Nosso objetivo é investigar em que medida a partícula *tudo* influencia a avaliação dos alunos na concordância em predicativos do sujeito com e sem marcação explícita de plural.

Tabela 16 - Frequência geral das respostas para a pergunta 2

Pergunta 2	Não falo nunca	falo Falo e acho ruim	Falo e acho boa	Não sei se falo
	37%	12%	27%	24%

Fonte: elaboração nossa.

No geral, de todos os cursos, 37% dos alunos escolheram “Não falo de forma alguma”, enquanto 27% selecionaram “Falo e acho boa”, 24% “Não sei se falo” e 12% “Falo e acho ruim”, conforme explicitam os números da tabela 16.

Nessa segunda pergunta, a opção “Não falo de forma alguma” foi a mais escolhida por alunos de ciências humanas (41%) e exatas (43%) (cf. tabela 17),—respectivamente, selecionando essas respostas, seguidas por “Falo e acho boa”, com 24% e 29%. 21% dos alunos de ciências humanas. Por sua vez, 24% dos alunos de ciências exatas escolheram a opção “Não sei se falo”. 14% dos alunos de ciências humanas escolheram a opção “Falo e acho ruim”, enquanto esse número foi apenas 4.4% para os alunos de ciências exatas.

Para os alunos das ciências biológicas, os resultados foram um pouco diferentes: 30% dos alunos escolheram a opção “Não sei se falo”, enquanto 30% selecionaram “Falo e acho boa”. 26% dos alunos marcaram a resposta que dizia “Não falo de forma alguma”, enquanto 14% marcaram “Falo e acho ruim”.

Ao compararmos as respostas das perguntas 1 e 2, estando o predicativo em relação ao sujeito sem concordância (enrolão) e o predicativo com concordância (enrolões), respectivamente, foram contabilizadas 41% das respostas em “Não falo nunca” (Tabela 14), para a sentença com o vocábulo ‘enrolão’ (sem concordância), e 37% para “não falo nunca”

(Tabela 16) para o item ‘enrolões’ em que o predicativo apresenta concordância com o sujeito da oração. Em outra direção, a frequência das respostas concentrou-se em ‘falo e acho boa’ para essas estruturas, como a segunda opção de escolha para os itens avaliados. Acreditamos que a presença do pronome ‘tudo’ como material interveniente na oração avaliada pode ter motivado essas duas opções de respostas: ‘não falo nunca’ e ‘falo e acho boa’.

Estudos anteriores (SCHERRE, 1991; DIAS, 1996), bem como nossos próprios resultados referentes ao grupo de fatores estrutura do predicativo (Capítulo 6 – *Seção 6.2.3*) têm mostrado que a presença da partícula *tudo* tende a desfavorecer a presença de marca explícita de plural no predicativo do sujeito.

Tabela 17 - Frequência de respostas para a pergunta 2 por área de estudo

Área de estudo	Não falo de forma alguma	Falo e ruim	Falo e acho boa	Não sei se falo
<b>Ciências Humanas</b>	41%	14%	24%	21%
<b>Ciências Exatas</b>	43%	4%	29%	24%
<b>Ciências Biológicas</b>	26%	14%	30%	30%

Fonte: elaboração nossa.

Na tabela acima, ao analisarmos os itens detalhadamente, percebemos que a forma da sentença com a concordância no predicativo causa estranhamento suficiente entre os falantes para que a opção “Não falo de forma alguma” tenha sido a mais escolhida, provavelmente devido à presença da partícula *tudo*. No entanto, a presença da concordância no predicativo faz com que os falantes não tenham tanta certeza sobre o uso dessa forma em sua própria fala, como podemos ver pelo aumento das porcentagens na escolha de “Não sei se falo”. Para as duas perguntas seguintes, escolhemos um exemplo de saliência fônica bem acentuada para seguirmos testando nossas hipóteses.

### 7.1.3 Pergunta 3: “No interior, as coisa são muito mais difícil”

Nas perguntas 3 e 4 analisaremos as sentenças:

- (a) No interior, as coisas são muito mais *difícil*”.
- (b) No interior, as coisas são muito mais *difíceis*”.

O vocábulo *difícil* apresenta marca explícita de plural na pergunta 4 e ausência de marca de plural na pergunta 3. Nosso objetivo é investigar se esse item lexical mais saliente fonicamente na sua formação de plural, influencia a Reação Subjetiva do informante em relação à concordância em predicativos do sujeito.

Tabela 18 - Frequência geral das respostas para a pergunta 3

<b>Pergunta 3</b>	<b>Não falo nunca</b>	<b>Falo e acho ruim</b>	<b>Falo e acho boa</b>	<b>Não sei se falo</b>
	80%	7%	8%	5%

Fonte: elaboração nossa.

Para os alunos de todos os cursos, 80% das respostas foi “Não falo nunca” a estrutura oracional ‘No interior, as coisas são muito mais *difícil*’, seguido por 8% de “Falo e acho boa”, 7% de “Falo e acho ruim” e 5% de “Não sei se falo”.

Nessa terceira pergunta, a sentença apresenta falta de concordância nominal com o predicativo do sujeito, sendo *difícil* uma palavra que apresenta o processo morfofonológico de formação de plural não regular e saliência fônica, como núcleo do predicativo do sujeito. Temos como objetivo analisar se a saliência fônica no processo de formação de plural é percebido pelos informantes e, conseqüentemente, se é possível inferir certo grau de estigma por parte dos falantes fortalezenses.

Os alunos de todas as três áreas de estudo selecionaram, majoritariamente, a resposta “Não falo nunca” para essa pergunta, essa sendo a escolha de 77% dos alunos de humanas, 83% dos alunos de exatas e 77% dos alunos de biológicas.

Para os alunos de humanas e biológicas, a segunda resposta mais escolhida foi “Falo e acho boa”, com apenas 10% e 11% respectivamente, enquanto que, para os alunos de exatas, a resposta foi “Não sei se falo”, com apenas 8%, que, em seguida, escolheram “Falo e acho boa” e “Falo e acho ruim”, com 6% e 3%. Para os alunos das ciências humanas, as opções “Não sei se falo” e “Falo e acho ruim” foram escolhidas 6% e 7% das vezes, assim como para os das biológicas 7% e 5% das vezes.

Tabela 19 - Frequência de respostas para a pergunta 3 por área de estudo

Área de estudo	Não falo nunca	Falo e acho ruim	Falo e acho boa	Não sei se falo
Ciências Humanas	77%	7%	10%	6%
Ciências Exatas	83%	3%	6%	8%
Ciências Biológicas	77%	5%	11%	7%

Fonte: elaboração nossa.

Podemos perceber, com esses resultados, que a falta de concordância no predicativo do sujeito em itens muito salientes parece sofrer, de fato, certo estigma na fala dos fortalezenses, de modo de que a maioria dos informantes alega não falar (ou não percebe que fala) tal forma de maneira alguma, e apenas uma pequena percentagem de alunos de todas as áreas se sente confortável respondendo que fala e acha a forma boa.

#### 7.1.4 Pergunta 4: “No interior, as coisa são muito mais difíceis”

Nessa pergunta, analisamos como a frase acima, agora com o item lexical “difícil” com concordância no predicativo do sujeito, seria percebida pelos falantes: se haveria, em termos de frequência de respostas, em relação à pergunta anterior, diferença nos graus de avaliação e o quão grande seria essa diferença. A seguir, vemos os resultados:

Tabela 20 - Frequência geral das respostas para a pergunta 4

Pergunta 4	Não falo nunca	Falo e acho ruim	Falo e acho boa	Não sei se falo
	16%	6%	73%	5%

Fonte: elaboração nossa.

Como contraste, para essa forma, de todos os cursos, 73% dos alunos escolheram “Falo e acho boa” como resposta, seguido por 16% que escolheram “Não falo nunca”, 6% “Falo e acho ruim” e 5% “Não sei se falo”.

Aqui, podemos perceber um resultado quase contrário da forma sem concordância de número do predicativo do sujeito. A maioria esmagadora dos alunos, de todos os cursos, escolheu a opção “Falo e acho boa”, com 77% dos alunos de ciências humanas e biológicas escolhendo essa resposta, assim com 70% dos alunos de ciências exatas (cf. tabela 21).

Curiosamente, a segunda opção mais escolhida foi “Não falo nunca”, por alunos dos três cursos. 13%, 21% e 16% dos alunos de ciências humanas, exatas e biológica escolheram, respectivamente, essas respostas. A opção “Não sei se falo” foi a terceira mais escolhida por alunos dos cursos de ciências humanas e exatas (6% e 5%, respectivamente), enquanto apenas 1% dos alunos de ciências biológicas selecionou essa opção. A opção “Falo e acho ruim” foi escolhida por 4% dos alunos de ciências humanas e exatas, enquanto 6% dos alunos de ciências biológicas selecionaram essa opção.

Tabela 21 - Frequência de respostas para a pergunta 4 por área de estudo

Área de estudo	Não nunca	falo Falo e acho ruim	e acho Falo e acho boa	Não sei se falo
<b>Ciências Humanas</b>	13%	4%	77%	6%
<b>Ciências Exatas</b>	21%	4%	70%	5%
<b>Ciências Biológicas</b>	16%	6%	77%	1%

Fonte: elaboração nossa.

Comparando com a forma anterior sem concordância do predicativo do sujeito, podemos perceber que a saliência fônica constitui, de fato, uma variável extremamente importante para a reação subjetiva dos falantes.

É interessante ressaltar que mesmo a falta de concordância no sintagma nominal *as coisaØ*, que preenche a função de sujeito, não pareceu ser fator determinante para os informantes em relação a essa pergunta. Primeiro, porque o vocábulo *coisa* segue um processo morfofonológico de formação de plural regular, e, como vimos no capítulo anterior, itens com processo morfofonológico de formação de plural regular tendem a receber marcação explícita de plural com menos frequência que itens com processo morfofonológico de formação de plural não regular. Segundo, porque essa forma se encontra no meio da sentença, apresentando menos destaque. Por outro lado, a falta de concordância do predicativo do sujeito, por ser mais saliente, mostra-se em nossos resultados como estigmatizada e pouco usada pelos falantes de Fortaleza.

#### 7.1.5 Pergunta 5: “Eles, quando sofrem, ficam calados”

Nas perguntas 5 e 6, analisaremos as formas:

- (a) “Eles, quando sofrem, ficam *calados*”.
- (b) “Eles, quando sofrem, ficam *calados*”.

Com essas perguntas, objetivamos analisar como os falantes percebem a concordância/não concordância do predicativo em relação ao sujeito da sentença em um verbo de ligação menos prototípico, “ficar”, em oposição a “ser” e “estar”, que são os verbos mais prototípicos da estrutura do predicativo do sujeito. Aqui, pensamos que o verbo ficar pode estar sujeito a uma avaliação acima do nível de consciência do falante em relação ao nosso fenômeno.

Tabela 22 - Frequência geral das respostas para a pergunta 5

<b>Pergunta 5</b>	<b>Não nunca</b>	<b>falo Falo e acho ruim</b>	<b>Falo e acho boa</b>	<b>Não sei se falo</b>
	8%	1%	83%	8%

Fonte: elaboração nossa.

No geral, dos alunos de todas as áreas de estudo, 83% escolheram a resposta “Falo e acho boa” para a pergunta (5) - “Eles, quando sofrem, ficam calados”, seguido por 8% de “Não sei de falo” e “Não falo nunca” e apenas 1% de “Falo e acho ruim”.

Os alunos de todos os cursos escolheram, majoritariamente, a resposta “Falo e acho boa” para essa pergunta, com 83% dos alunos de ciências humanas, 82% dos alunos de exatas e 84% dos alunos de ciências biológicas

Para os alunos de ciências exatas e biológicas, a segunda forma mais escolhida foi “Não falo nunca”, com 11% dos alunos das duas áreas de estudo escolhendo essa resposta. 7% dos alunos de ciências exatas e 5% dos alunos de ciências biológicas escolheram a resposta “Não sei se falo”. Nenhum aluno dessas duas áreas de estudo escolheu a resposta “Falo e acho ruim”.

Para os alunos de ciências humanas, a segunda resposta mais escolhida foi “Não sei se falo”, com 10%, seguida por “Falo e acho boa”, com 4%, e “Falo e acho ruim”, com 3%.

Tabela 23- Frequência de respostas para a pergunta 5 por área de estudo.

<b>Área de estudo</b>	<b>Não nunca</b>	<b>falo Falo e acho ruim</b>	<b>Falo e acho boa</b>	<b>Não sei se falo</b>
<b>Ciências Humanas</b>	4%	3%	83%	10%
<b>Ciências Exatas</b>	11%	0%	82%	7%
<b>Ciências Biológicas</b>	11%	0%	84%	5%

Fonte: elaboração nossa.

O verbo ‘ficar’, apesar de ser verbo de ligação, apresenta-se menos usual que os verbos ‘ser’ ou ‘estar’. No entanto, pelo menos na forma com marcas explícitas de plural, não parece haver influência negativa na reação subjetiva dos informantes, de nenhuma das três áreas de estudo, de acordo com nossos resultados, que podemos observar na tabela acima.

#### 7.1.6 Pergunta 6: “Eles, quando sofrem, ficam *calado*”

Na pergunta 6, analisamos a forma sem concordância da sentença da pergunta 5, objetivando analisar se o fato do verbo “ficar” não constituir um dos verbos prototípicos do predicativo do sujeito, como os verbos “ser” e “estar”, e se a relação entre o verbo menos prototípico, e do predicativo do sujeito “*calado*”, item lexical apresentar processo morfofonológico de formação de plural regular, paroxítono, com baixo grau de saliência fônica, exerce alguma influência na avaliação dos informantes sobre a sentença sem marcas de plural.

Tabela 24 - Frequência geral das respostas para a pergunta 6

<b>Pergunta 6</b>	<b>Não nunca</b>	<b>falo Falo e acho ruim</b>	<b>Falo e acho boa</b>	<b>Não sei se falo</b>
	75%	6%	8%	11%

Fonte: elaboração nossa.

No geral, dos alunos de todos os cursos, 75% selecionaram a resposta “Não falo nunca”, seguidos por 11% “Não sei se falo”, 8% “Falo e acho boa” e 6% “Falo e acho ruim”.

Na pergunta 6, em relação ao sujeito da oração “Eles, quando sofrem, ficam *calado*” a resposta “Não falo nunca” obteve percentuais de 74%, 76% e 71% por parte dos alunos das áreas de ciências humanas, exatas e biológicas, respectivamente.

Para os alunos de ciências humanas, a forma “Falo e acho boa” veio em segundo lugar, com 11%, seguidos por 9% dos alunos que escolheram “Não sei se falo”. Apenas 6% desses alunos escolheram a forma “Falo e acho ruim”. Dos alunos da área de ciências exatas, a segunda opção mais escolhida foi “Não sei se falo” com 14%, enquanto 6% escolheram “Falo e acho boa” e 4% “Falo e acho ruim”. Já da área de ciências biológicas, 10% dos alunos escolheram a opção “Falo e acho boa” e outros 10% “Falo e acho ruim”, enquanto 9% dos alunos selecionaram “Não sei se falo” (cf, tabela 25).



Tabela 25 - Frequência de respostas para a pergunta 6 por área de estudo

Área de estudo	Não nunca	falo Falo e ruim	acho Falo e boa	Não sei se falo
<b>Ciências Humanas</b>	74%	6%	11%	9%
<b>Ciências Exatas</b>	76%	4%	6%	14%
<b>Ciências Biológicas</b>	71%	9%	10%	10%

Fonte: elaboração nossa.

Comparando os resultados referentes à pergunta 5, em que o item lexical *calado* apresenta do predicativo em relação ao sujeito, e os resultados referentes à pergunta 6, em que o item lexical *calado* não apresenta essa concordância, vimos que 83% (Tabela 22) das respostas concentraram-se no item ‘fala e acha boa’ para a forma marcada com plural em concordância com o sujeito da sentença, e ‘não fala nunca’ para a forma não marcada, sem concordância com o sujeito da sentença.

Nessa pergunta, vemos que, de acordo com as respostas, a relação verbo não prototípico para as ocorrências do predicativo do sujeito pouco importa para a avaliação dos falantes. Quando analisamos, juntas, as respostas para as perguntas 5 (com marca explícita de plural) e 6 (sem marca explícita de plural), vemos que os falantes, em sua maioria, tendem a avaliar positivamente a forma com marca explícita de plural e negativamente a forma sem marca explícita de plural.

#### **7.1.7 Pergunta 7: “Elas são engraçadinha que só”**

Nas perguntas 7, 8, 9 e 10, analisamos como os falantes percebem a adequação do uso da concordância do predicativo em relação ao sujeito em situações formais e informais.

Essas questões foram formuladas de modo que os informantes pudessem escolher, no mínimo um dos itens e, no máximo, quatro, descrevendo em que situações percebem, na própria fala, o uso de do predicativo do sujeito.

Tabela 26 - Frequência geral das respostas para a pergunta 7

<b>Pergunta 7</b>	<b>Não falo de forma alguma</b>	<b>Em uma conversa com amigos</b>	<b>Em casa com a família</b>	<b>Durante a apresentação de um trabalho</b>	<b>Durante uma entrevista de emprego</b>
	<b>32%</b>	<b>39%</b>	<b>27%</b>	<b>1%</b>	<b>1%</b>

Fonte: elaboração nossa.

Em geral, 39% das respostas para a pergunta 7 (Elas são *engraçadinha* que só) concentraram-se no item “Em uma conversa com os amigos”, seguido por 32% “Não falo de forma alguma”, 27% “Em casa com a família”, 1% “Durante uma entrevista de emprego” e 1% “Durante a apresentação de um trabalho”.

Os estudantes de ciências humanas (39%) e biológicas (37%) concentraram suas respostas no item “Em uma conversa com os amigos”, seguido por “Em casa com a família”, com 31% e 32% das respostas. A seguir, temos “Não falo de forma alguma”, com 25% e 26% das respostas, “Durante a apresentação de um trabalho”, com 4% e 3% e “Durante uma entrevista de emprego” com 3% e 2%.

Para os alunos de ciências exatas, a primeira escolha foi “Não falo de forma alguma”, com 43% das respostas, seguido de 35% de “Em uma conversa com os amigos” e 22% “Em casa com a família”. Nenhum aluno dessa área escolheu as respostas “Durante a apresentação de um trabalho” e “Durante uma entrevista de emprego”.

Tabela 27 - Frequência de respostas para a pergunta 7 por área de estudo

<b>Área de estudo</b>	<b>Não falo de forma alguma</b>	<b>Em uma conversa com amigos</b>	<b>Em casa com a família</b>	<b>Durante a apresentação de um trabalho</b>	<b>Durante uma entrevista de emprego</b>
<b>Ciências Humanas</b>	25%	39%	31%	4%	1%
<b>Ciências Exatas</b>	43%	35%	25%	0%	0%
<b>Ciências Biológicas</b>	26%	37%	32%	3%	2%

Fonte: elaboração nossa.

Podemos ver na tabela que, enquanto em contextos mais formais, como a apresentação de um trabalho ou durante uma entrevista de emprego, a forma sem a concordância nominal é praticamente inaceitável, de acordo com os resultados obtidos em nossa pesquisa, essa forma é aceita com certo grau de tranquilidade em situações consideradas informais, como em uma conversa com os amigos ou em casa com a família.

É interessante ver que, até esse momento, os alunos de ciências exatas continuam se mostrando mais conservadores linguisticamente, seguidos por alunos de ciências biológicas e, por último, de ciências humanas.

### 7.1.8 Pergunta 8: “Elas são engraçadinhas que só”

Na pergunta 8, analisamos a mesma frase acima destacada, só que, dessa vez, com a concordância do predicativo, e buscamos descobrir em que situações os falantes acreditam seu uso ser adequado.

Tabela 28 - Frequência geral das respostas para a pergunta 8

<b>Pergunta 8</b>	<b>Não falo de alguma forma</b>	<b>Em uma conversa com amigos</b>	<b>Em casa com a família</b>	<b>Durante a apresentação de um trabalho</b>	<b>Durante uma entrevista de emprego</b>
	8%	42%	30%	11%	9%

Fonte: elaboração nossa.

No total, de todas as respostas dos alunos de todas as áreas de estudo, a mais escolhida foi “Em uma conversa com os amigos” (42%), seguidos por “Em casa com a família” (30%), “Durante a apresentação de um trabalho” ( 11%), “Durante uma entrevista de emprego” (9%) e “Não falo de forma alguma” (8%).

Em termos totais, os estudantes avaliaram que a concordância do predicativo ‘engraçadinhas’ em relação ao sujeito ‘elas’ deve ser usada preferencialmente em uma conversa com os amigos (42%) e em casa com a família (30%). Apenas 11% das repostas referem-se à avaliação desse uso em apresentação de um trabalho, situação, dentre as descritas, mais formal.

Tabela 29 - Frequência de respostas para a pergunta 8 por área de estudo

Área de estudo	Não falo de forma alguma	Em uma conversa com amigos	Em casa com a família	Durante a apresentação de um trabalho	Durante uma entrevista de emprego
Ciências Humanas	8%	38%	26%	15%	13%
Ciências Exatas	9%	46%	30%	8%	7%
Ciências Biológicas	6%	44%	33%	11%	6%

Fonte: elaboração nossa.

Comparando com a forma sem marca explícita de plural apresentada na pergunta 7, vemos que o percentual de respostas dos alunos para a opção “Não falo de forma alguma” caiu bastante. A forma com marcas explícitas de plural, ainda que considerada inaceitável em ambientes considerados formais, como uma apresentação de trabalho ou uma entrevista de emprego, apresenta maior percentual que a forma sem marcas explícitas, que obteve apenas 1% de aceitação (cf. tabela 26).

É interessante observar que, mesmo sem o conhecimento teórico sobre questões de formalidade e informalidade, como aquele proposto por Labov (1972), os informantes, com base nos resultados do teste, determinaram uma gradação de formalidade para as opções de situações oferecidas. Podemos perceber, de acordo com as respostas, que denominaram de mais formal para mais informal: (a) Durante uma entrevista de emprego; (b) Durante a apresentação de um trabalho; (c) Em casa com a família; (d) Em uma conversa com os amigos.

### 7.1.9 Pergunta 9: “As pessoas eram mais *temíveis*”

Para as perguntas 9 e 10, escolhemos um caso de saliência fônica extremamente acentuada, devido ao fato de ter o processo morfofonológico de formação de plural não regular, com termino em *-l*, com a palavra *temível* como núcleo do predicativo, para analisarmos sua aceitabilidade em diferentes situações.

Tabela 30 - Frequência geral das respostas para a pergunta 9

<b>Pergunta 9</b>	<b>Não falo de forma alguma</b>	<b>Em uma conversa com os amigos</b>	<b>Em casa com a família</b>	<b>Durante a apresentação de um trabalho</b>	<b>Durante uma entrevista de emprego</b>
	6%	29%	23%	23%	19%

Fonte: elaboração nossa.

No geral, das respostas dos alunos de todos os cursos, 29% das respostas foram “Em uma conversa com os amigos”, 23% “Em casa com a família”, 23% “Durante a apresentação de um trabalho”, 19% “Durante uma entrevista de emprego” e 6% “Não falo de forma alguma”. A forma marcada dessa sentença não parece sofrer estigma, sendo aceita de forma regular em todas as situações, por alunos das três áreas de estudo.

Os alunos de todas as áreas de estudo selecionaram “Em uma conversa com os amigos” e “Em casa com a família” como as primeiras opções, sendo a porcentagem 30% e 25%, 31% e 23%, 25% e 24% para os alunos de ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas, respectivamente. Os alunos de ciências humanas e ciências exatas tiveram 23% para “Durante uma entrevista de emprego” e 17% para “Durante a apresentação de um trabalho”, enquanto 5% dos alunos de humanas marcaram a resposta “Não falo de forma alguma” em contrapartida a 6% dos alunos de exatas. Os alunos de ciências biológicas marcaram 21% e 22% para “Durante uma entrevista de emprego” e “Durante a apresentação de um trabalho”, respectivamente, e 8% dos alunos marcaram “Não falo de forma alguma”.

Tabela 31 - Frequência de respostas para a pergunta 9 por área de estudo

<b>Área de estudo</b>	<b>Não falo de forma alguma</b>	<b>Em uma conversa com os amigos</b>	<b>Em casa com a família</b>	<b>Durante a apresentação de um trabalho</b>	<b>Durante uma entrevista de emprego</b>
<b>Ciências Humanas</b>	5%	30%	25%	17%	23%
<b>Ciências Exatas</b>	6%	31%	23%	17%	23%
<b>Ciências Biológicas</b>	8%	25%	25%	22%	21%

Fonte: elaboração nossa.

Podemos perceber que a forma com marcação explícita de plural é aceita praticamente de forma equivalente, em todas as situações, formais e informais. Essa é a primeira vez, em todas as questões propostas, que isso acontece. Possivelmente, porque a sentença apresenta vários fatores que possam gerar uma avaliação positiva: concordância nominal, verbo “ser” como verbo de ligação, que é um verbo bastante usual, e concordância nominal nos itens lexicais que compõe o sujeito, tornando-a uma sentença agradável fonética e visualmente para os informantes.

#### 7.1.10 Pergunta 10: “As pessoas eram mais *temível*”

Na pergunta 10, analisamos a forma sem marcação explícita de plural da sentença acima, que possui saliência fônica bastante acentuada, com a palavra *temível* como núcleo do predicativo, para investigar como os informantes percebem a concordância nesse caso.

Tabela 32 - Frequência geral das respostas para a pergunta 10

<b>Pergunta 10</b>	<b>Não falo de forma alguma</b>	<b>Em uma conversa com amigos</b>	<b>Em uma casa com a família</b>	<b>Durante a apresentação de um trabalho</b>	<b>Durante uma entrevista de emprego</b>
	83%	10%	5%	1%	1%

Fonte: elaboração nossa.

Os resultados mostram que 83% das respostas estão na opção “Não falo de forma alguma”, 10% “Em uma conversa com os amigos”, 5% “Em uma casa com a família” e 1% “Durante uma entrevista de emprego” e “Durante a apresentação de um trabalho”. O item “Não falo de forma alguma” obteve cerca de 90% das respostas por parte dos informantes das áreas de ciências humanas e ciências exatas e 79% de ciências biológicas.

Tabela 33 - Frequência de respostas para a pergunta 10 por área de estudo

<b>Área de estudo</b>	<b>Não falo de forma alguma</b>	<b>Em uma conversa com amigos</b>	<b>Em uma casa com a família</b>	<b>Durante a apresentação de um trabalho</b>	<b>Durante uma entrevista de emprego</b>
<b>Ciências Humanas</b>	90%	5%	4%	1%	0%
<b>Ciências Exatas</b>	92%	4%	2%	1%	0%
<b>Ciências Biológicas</b>	79%	12%	7%	1%	1%

Fonte: elaboração nossa.

Podemos perceber, de acordo com essas análises, que a saliência fônica é um fator extremamente relevante para a reação subjetiva dos falantes sobre a adequação da língua. Quando comparamos a forma marcada (Pergunta 9) com a forma não-marcada (Pergunta 10), vemos que a primeira possui aceitação em praticamente todas as situações, sejam elas consideradas formais ou informais.

Quando comparamos com a forma *engraçadinha* (Pergunta 8) sem a flexão de plural, item de processo morfofonológico de formação de plural regular, em oposição à *temível* (pergunta 10), que possui o processo irregular, vemos que a primeira é bem mais aceitável pelos informantes, apesar de ainda ter um percentual alto de rejeição, que a segunda, com uma diferença de 41%.

É interessante percebermos, no geral, como os resultados da aplicação do teste de reação subjetiva espelham aqueles encontrados por nós na análise variacionista, principalmente aqueles dos fatores tonicidade dos itens regulares e processos morfofonológicos de formação de plural, apresentados no Capítulo 5.

Observamos, com esses resultados, da mesma forma que nos dados estatísticos, que quanto mais formal a situação, maior será a necessidade, para o falante, de haver concordância nominal no predicativo do sujeito, assim como vimos nos nossos resultados apresentados no Capítulo 5, com relação às marcas explícitas de plural mais presentes em situações de elocução formal (69.2%) que em situações de elocução informal (56.2%).

Resultados de estudos realizados no Brasil (SCHERRE, 1988; CARVALHO, 1997; SCHERRE E NARO, 1998; TABOSA, 2016) mostram que há uma tendência a se apontar a saliência fônica como uma variável linguística importante para o fenômeno da concordância nominal no Português Brasileiro. Os resultados têm mostrado que itens lexicais mais salientes fonicamente no processo de formação de plural (*olho/olhos*; *novo/novos*) tendem a favorecer a concordância nominal no sintagma nominal e itens menos salientes (*calado/calados*; *casa/casas*) tendem a desfavorecer a presença de marca de plural no sintagma nominal. Nossos resultados do teste de reação subjetiva mostram que itens mais salientes foneticamente, a exemplo de ‘*temível*’, que apresenta processo não regular de formação de plural, foram avaliados negativamente (83%- ‘*não falo nunca*’), indicando que tendem a ser menos usados tanto em ambientes formais – como local de trabalho e estudo -- quanto informais – conversa com amigos e família, apesar de nos primeiros itens, muitas vezes, seu uso ter sido considerado inadequado.

Podemos inferir daí que existe certo estigma por parte dos falantes, sobre o que deve e não deve ser falado em alguns ambientes considerados pela sociedade, em geral, mais formais, especificamente com relação ao fenômeno da concordância, concorda?

Em geral, o teste realizado indica que a maioria das respostas, independentemente da estratificação dos informantes, aponta para a maior frequência do uso de marca explícita de plural na fala de Fortaleza vs. o não uso da marca explícita de plural, tanto em situações formais quanto em situações informais.

## **7.2 A motivação dos informantes para as respostas do teste**

Como apresentado anteriormente, após analisarmos as respostas às questões anteriores de 1-10, nos veio o seguinte questionamento: teriam sido os informantes, ao selecionarem suas respostas, motivados pela concordância nominal do predicativo em relação ao sujeito, ou teriam sido mais influenciados pelo nível de formalidade da sentença”. Concordamos que, principalmente na segunda parte do teste, na qual perguntamos os contextos adequados de certas afirmações, algumas sentenças possuíam, em seu próprio caráter semântico, mais formalidade que outras. Não é de se estranhar que alguém possa julgar que uma sentença como “Elas são *engraçadinhas* que só” não seja adequado ao ambiente de estudo ou profissional, independente da concordância, embora uma sentença como “Eles, quando sofrem, ficam *calado*” possa ser julgada como adequada para tais ambientes, apesar da não concordância. Tendo isso em mente, entramos em contato com aqueles informantes que haviam nos dado consentimentos prévios, para solicitar resposta às seguintes perguntas:

### **1) Você percebeu imediatamente que as perguntas eram de ordem linguística?**

Sim.

Não.

### **2) Ao responder as perguntas de 1-6, o que você considerou mais importante?**

A concordância dos itens destacados.

A formalidade da sentença.

### **3) Ao responder as perguntas de 7-10, o que você considerou mais importante?**

A concordância dos itens destacados.

A formalidade da sentença.



Para cada uma dessas perguntas, os participantes deveriam escolher apenas uma resposta. Ao todo, nessa parte da pesquisa, obtivemos 93 respostas. Dessa vez, os informantes não foram estratificados, considerando que a estratificação já havia ocorrido anteriormente. Podemos observar os resultados abaixo:

Tabela 34 - Frequência geral das respostas para a pergunta 1 da segunda parte do teste

<b>Pergunta 1</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
	74%	26%

Fonte: elaboração nossa.

Sobre a primeira pergunta, podemos ver que 74% dos alunos identificaram a pesquisa como linguística imediatamente, enquanto 26% não identificaram assim. Essa pergunta foi elaborada a partir das ideias de Labov (1972), nas quais o autor ressalta que, quanto menos noção o informante tivesse sobre o fato de estar sendo linguisticamente avaliado, mais natural seria sua produção linguística.

A segunda pergunta se refere às perguntas 1-6 do primeiro teste aplicado. Os informantes foram lembrados quais foram essas perguntas, com os termos em análise em destaque, e suas opções de resposta. Os resultados, podemos observar abaixo.

Tabela 35 - Frequência geral das respostas para a pergunta 2 da segunda parte do teste

<b>Pergunta 2</b>	<b>A concordância dos itens destacados</b>	<b>A formalidade da sentença</b>
	72%	28%

Fonte: elaboração nossa.

Podemos observar, na tabela acima, que 72% dos informantes consideraram a *concordância dos itens destacados* como o critério mais importante para a escolha das respostas (a) Não falo nunca. b) Falo e acho boa. c) Falo e acho ruim. d) Não sei se falo.), enquanto 26% dos informantes consideraram *a formalidade da sentença* como fator mais importante.

No entanto, quando comparamos esses resultados com os obtidos em relação às questões 7-10, podemos ver alguma diferença. As primeiras questões se referem à fala do indivíduo em situações gerais, enquanto as últimas se referem a contextos sociais específicos de adequação linguística. Na tabela abaixo, podemos observar o seguinte resultado:

Tabela 36 - Frequência geral das respostas para a pergunta 3 da segunda parte do teste

Pergunta 3	A concordância dos itens	A formalidade da sentença
	57%	43%

Fonte: elaboração nossa.

Na terceira pergunta, a porcentagem de informantes que considerou a *formalidade da sentença* foi bem maior do que a obtida na segunda pergunta. Acreditamos que, por se tratar da adequação da fala a contextos específicos, os informantes se atentaram não somente à forma gramatical – nesse caso, a concordância ou não concordância do predicativo do sujeito –, mas também ao conteúdo das sentenças. Mesmo assim, de forma geral, a concordância nominal do predicativo do sujeito foi considerada como fator mais importante pela maioria dos informantes ao selecionarem suas respostas.

Ao analisarmos o conteúdo coletado de ambos os testes, podemos concluir que, embora o conteúdo das sentenças possa ter influenciado algumas repostas dos informantes, a concordância de número no predicativo em relação ao sujeito da sentença vs. a não concordância de número no predicativo do sujeito teve maior influência sob as respostas selecionadas por parte dos informantes. Isso referenda a análise dos dados aqui realizada, visto que as respostas foram dadas, em sua maioria, com peso nas questões de concordância.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentados na introdução, os objetivos desse trabalho foram:

1) analisar a frequência da ocorrência de variações da concordância de número nos predicativos do sujeito em falantes de Fortaleza;

2) investigar a atuação de fatores linguísticos (paralelismo formal, características formais do sujeito da construção, características formais do verbo da construção, estrutura do predicativo, tonicidade dos itens regulares, presença de material interveniente entre verbo e sujeito e processo morfológico de formação do plural do item estudado) e extralinguísticos (sexo, escolaridade e tipo de elocução) na variação de número nos predicativos do sujeito em orações enunciadas por falantes de Fortaleza e

3) investigar como essas variações são percebidas e avaliadas pelos falantes, através de testes de reação subjetiva e atitude linguística.

Acreditamos ter alcançado boa parte de nossos objetivos após seleção, coleta, codificação e análise de dados com base no *corpus* do projeto NORPOFOR, assim como através da aplicação do teste de reação subjetiva com falantes nativos da cidade de Fortaleza.

Com base nas rodadas estatísticas, realizadas no GoldVarb X, os resultados mostram que a concordância de número no predicativo do sujeito, ou seja, aquela que apresenta marcas explícitas de plural, variante considerada de prestígio no português brasileiro, é a variante com maior frequência de uso na cidade de Fortaleza.—Em percentuais gerais, a concordância de número em Fortaleza deu-se em 66.2% das ocorrências do fenômeno, em oposição a 33.8% de não concordância.

O programa Goldvarb X selecionou como variáveis estatisticamente significativas a variável extralinguística *sexo do falante* (**0.617** de peso relativo para o sexo feminino, favorecendo o fenômeno, em relação a **0.398** para o sexo masculino, desfavorecendo o fenômeno), confirmando nossa hipótese de que falantes do sexo feminino tendem a fazer mais uso da forma de prestígio do que falantes do sexo masculino. Selecionou também as variáveis linguísticas:

- *paralelismo formal das seqüências de predicativo*: **0.698** de peso relativo para predicativos precedido de predicativo com todas as marcas de plural, favorecendo o fenômeno, em oposição a **0.149** para predicativo precedido de predicativo sem todas as marcas de plural, desfavorecendo o fenômeno;
- *características formais do verbo*: **0.609** de peso relativo para verbos com todas as marcas de plural, favorecendo o fenômeno, em oposição a **0.110** para verbos sem todas as marcas de plural, desfavorecendo o fenômeno;
- *características formais do sujeito*: **0.646** de peso relativo para sujeito explícito com todas as marcas de plural, favorecendo o fenômeno, em oposição a **0.110** para sujeito explícito sem a última marca formal de plural, desfavorecendo o fenômeno;

As variáveis acima apresentam o contexto prototípico em que a presença da marca explícita de plural tende a ocorrer, nas quais existam a presença de *paralelismo formal* das sentenças, que apresenta o *verbo com todas as marcas explícitas de plural* e *sujeito explícito com todas as marcas explícitas de plural*.

As variáveis acima explicitam o contexto prototípico em que a presença da marca explícita de plural em predicativos do sujeito tende a ocorrer, ou seja, em sentenças em que o verbo esteja conjugado no plural, concordando com o sujeito, que também está no plural, e o predicativo do sujeito está seguindo um outro predicativo ou uma série que também apresentam marcas explícitas de plural.

Todas essas variáveis selecionadas estão relacionadas ao princípio do paralelismo formal, proposto por Poplack (1980) e Scherre (1988; 1998), e confirmam que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. Essas variáveis mostram ter atuação sobre o fenômeno da concordância de número no predicativo do sujeito em nossos estudos

Mesmo não tendo sido selecionadas pelo programa estatístico como significativas, pudemos perceber que algumas variáveis, como a tonicidade dos itens regulares e processos morfofonológicos de formação de plural, atuam sobre o fenômeno. Essas variáveis estão fortemente ligadas ao princípio da saliência fônica apresentados por Naro e Lemle (1976) e Lemle e Naro (1977) e replicado nos trabalhos de concordância linguística (Scherre (1988), Scherre (1991), Dias (1996) Carvalho (1997), Naro e Scherre (1998), Tabosa (2016)).

Ao prepararmos as questões do teste de reação subjetiva, aplicado para estudantes da Universidade Federal do Ceará, consideramos esses fatores referentes à saliência fônica, que acreditamos ser mais perceptíveis aos ouvidos leigos.

Encontramos, ao analisar as respostas dos questionários, que itens lexicais com maior saliência fônica, sem marca de plural, foram avaliados de forma negativa pelos informantes, recebendo maiores porcentagens de respostas “Não falo nunca”. Itens lexicais de menor saliência fônica, como *ficam calados*, em que o verbo de ligação é “ficar”, verbo menos usual que “ser” ou “estar”, apresentaram menor rejeição nas formas sem concordância com o predicativo que itens de maior saliência fonética, como *difícil* e *temível*, que possuem processo morfofonológico de formação de plural não regular.

Também observamos que esses itens lexicais ou vocábulos, principalmente aqueles que possuem maior saliência fônica, que não apresentam concordância de número, são estigmatizados por falantes de todas as áreas de estudo, tanto em situações formais, como a apresentação de um trabalho e uma entrevista de emprego, quanto em situações informais, como em casa com a família e em uma conversa com os amigos, como podemos ver na apresentação dos resultados do teste de reação subjetiva (Capítulo 7), nas perguntas 9 e 10, em que utilizamos as sentenças “As pessoas eram mais temíveis”/ “As pessoas eram mais temível” -- com a palavra *temível* no predicativo do, que possui processo morfofonológico de formação de plural irregular -- nas quais, a primeira, que apresenta concordância nominal no predicativo do sujeito, é bastante aceita em todas as situações, formais e informais, enquanto a segunda, que não apresenta concordância nominal no predicativo do sujeito, não é aceita de forma alguma em 83% dos casos, nem mesmo em situações informais, como em conversa com os amigos ou com a família.

No geral, os resultados do teste de Reação Subjetiva sugerem que a concordância de número no predicativo do sujeito, em geral, foi avaliada positivamente. A percepção por parte dos falantes é de que faça concordância – tanto em situações formais quanto informais.

Em linhas gerais, as respostas referentes à área de ciências humanas indicaram que, ao contrário de nossa hipótese de que alunos dessa área seriam mais conservadores linguisticamente por terem mais contato com a língua portuguesa em ambiente acadêmico, nossos dados mostraram que alunos de ciências exatas são mais linguisticamente conservadores que alunos de ciências biológicas e ciências humanas.

Nas tabelas e análises apresentadas no capítulo 7, podemos observar que, em na maioria das perguntas, as respostas dos alunos das áreas de ciências exatas tendem ao não uso ou uso apenas no ambiente informal das formas apresentadas sem marca explícita de plural no predicativo do sujeito.

Talvez isso se dê exatamente pelo fato de seu maior contato com o estudo formal da língua ter-se dado em um ambiente escolar pré-universitário que enfatiza o uso da gramática normativa e pouco se discute sobre os usos efetivos da língua, sobre variação linguística. Interessante seria, no futuro, fazermos um estudo aprofundado especificamente com alunos da área de ciências exatas para entender melhor esses dados e resultados. Poderíamos, para essa finalidade, usar o modelo de teste de reação subjetiva proposto por Labov (1978)<sup>18</sup>, no qual o autor faz perguntas sobre como o falante se sente em relação à própria fala, à fala de outras regiões, seu conhecimento geral sobre fala e sobre a maneira certa ou errada de dizer algo. Dessa forma, podemos ter uma visão mais compreensiva de como esse grupo de falantes percebe a língua e a fala em geral.

---

<sup>18</sup> Ver Anexo A.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. A. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza. *In: VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 2007, Rio de Janeiro. **Anais do VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 835-845.
- ANTONINO, V. **A concordância nominal no predicativo do sujeito e estruturas passivas no português popular no interior do estado da Bahia**. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. *In: Encontro Nacional de Linguística*, 1992, Rio de Janeiro. **Anais do Encontro Nacional de Linguística**. Rio de Janeiro, 1992.
- BRUSTOLIN, A. K. B. S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- CARVALHO, H. M. **Concordância Nominal: um fenômeno variável**. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 1997.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Haia: Mouton, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. Westport: Greenwood publishing Group, 1986.
- COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CORDEIRO, M. B. G. Teste de reação subjetiva: como alunos do ensino fundamental e médio avaliam traço estigmatizados da língua?. **Revista Vocábulo**, v.3. p. 1-18, Ribeirão Preto, [2013] Disponível em:  
<[http://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/bia\\_vol3.pdf](http://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/bia_vol3.pdf)> Acesso em: 27 de junho de 2015.
- CYRANKA, L. F. M. **Atitudes Linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG**. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- DIAS, J. F. V. **A concordância de número nos predicativos e participios passivos na fala da região sul: um estudo variacionista**. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- DIK, S. **Functional Grammar**. Amsterdam: North-Holland, 1978.

ECKHERT, P. The Meaning of Style. In: Texas Linguistics Forum, 47., 2004, Austin. **Anais of Texas Linguistics Forum**. University of Texas: Austin, 2004. pp. 1-10 Disponível em: <<http://studentorgs.utexas.edu/salsa/proceedings/2003/eckert.pdf>> Acesso em: 26 de junho de 2015.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FREITAG, R. M. K. *et al.* Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Revista Todas as Letras**, v. 18. p. 64-84. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/9166/6191>> Acesso em: 10 de Junho de 2016.

GIVÓN, T. **Topic in Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1978.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. In: ATWOOD, E. B. **The Regional Vocabulary of Texas**. Austin: Word, 1963, p. 273-309.

\_\_\_\_\_. **The Social Stratification of (r) in New York City Department Stores**. Washington DC: Center for applied linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Attitudes towards speech of New York City. In: LOURIE, M. A., CONKLIN, N. F. (eds). **A Pluralistic Nation**. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, INC, 1978.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change. Volume 1: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change. Volume 2: Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. E. *et al.* 1960. Evaluational Reactions to Spoken Language. In: **Journal of Abnormal and Social Psychology**, n 60. **Anais**, p. 44-51.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências Básicas do Português**. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), 1977.

LIMA, M. A. F. **A Concordância de número em sintagmas nominais na área escolar de Fortaleza**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística do



Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina,  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1984.

LUCCHESI, D. A concordância em estruturas passivas e de predicativo do sujeito. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 373-387.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo, Contexto: 2003.

NARO, A.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. et al (Eds.) **Papers from the parasession on Diachronic Syntax**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976, p.221- 241

OLIVEIRA, J. M. A variação do futuro verbal em português: teste de reação subjetiva/ atitude na cidade de feira de Santana- BA. **Revista do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens**, v.3, n.3, p. 1-22, Salvador, 2011. Disponível em: <[http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero\\_03/pdf/no03\\_artigo08.pdf](http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_03/pdf/no03_artigo08.pdf)>. Acesso em: 27 de junho de 2015.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (org.) **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980, p. 55-67.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em Português**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. **Organon**, v. 18, p. 52-70, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/39122/25001>> Acesso em: 25 de Junho de 2015.

\_\_\_\_\_. Concordância nominal e funcionalismo. **Alfa Revista de Linguística**. v. 41, n. Especial, p. 181-206, São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4038/3702>> Acesso em: 28 de junho de 2014.

\_\_\_\_\_. Paralelismo Linguístico. **Rev. Est. Ling.** v. 7, n. 2, p. 29-59. Belo Horizonte, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (org.) **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509- 523.

TABOSA, M. V. S. **A Variação na concordância nominal de número no falar do Cariri cearense.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

TORRES, F. F. O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

WOLFF, P.; HOLMES, K. J. Linguistic Relativity. **WIREs Cognitive Science.** v, 2, p 253-265. Publicado Online, 2010. Disponível em: <  
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/wcs.104/pdf> > Acesso em: 13 Junho 2017.

**ANEXOS**

## ANEXO A

Teste de reação subjetiva, proposto por Labov (1978), no livro *A Pluralistic Nation*, p 427 - 428.

APPENDIX C \* 427

### APPENDIX C: LINGUISTIC ATTITUDES QUESTIONNAIRE

*(Adapted from William Labov, The Social Stratification of English in New York City, Center for Applied Linguistics, 1966, p. 600)*

This questionnaire is easy to administer and provides straightforward information on people's conscious attitudes toward their own speech and the speech of others. It can be used alone as an indicator of speakers' linguistic self-esteem or in conjunction with other appendixes which provide information on actual rather than perceived speech behavior. Appendixes C and D can be used together to establish levels of linguistic insecurity, which, in turn, point to attitudes toward standardization and the prestige dialect.

Ideally, these questions should be asked in a conversational setting. Fill in the materials in square brackets to reflect ethnic group, sex, and geographic location of the informant. Demographic data included in Appendix A would be useful here as well.

#### Introduction

"I would like to find out some information about the speech in this area and specifically how people feel about it. I'll just ask your opinion on a number of things and you tell me what you think."

#### Questions

1. What do you think of your own speech?
2. Have you ever tried to change your speech? What particular things have you tried to change?
3. Have you ever taken any courses in speech? What did the teacher mention in connection with pronunciation?
4. What do you think of [this locality's] speech?
5. When you traveled outside [this locality], were you picked up as being from here?
6. Do you think people from other places like the local speech? Why?
7. What do you think of
  - [for Southerners]: Northern speech?
  - [for non-Southerners]: Southern speech?
  - [for blacks]: white speech?
  - etc.
8. Have you heard [a well-known local-dialect speaker, e.g., a Senator, or a dialect speaker personally known to the informant] speak? As far as his speech is concerned (*not his politics, but his way of talking*), how do you like it? Have you heard [a well-known "standard" speaker, e.g., Walter Cronkite] speak? How do you like it? Which do you think is better? [Probe for opinions on other speakers the informant thinks good and bad.] Which of these do you think you sound more like?

## 428 \* A PLURALISTIC NATION

9. Going back to the time you were growing up, I'd like to get some ideas of the kind of speech that your friends used. Were most of your friends [same race, religion, geographical origin as informant]? Did you have any friends who were [other races, religions, geographical origins]?

10. Can you remember a time when people actually argued about what was the right way to say things?

## ANEXO B

### CHAVE DE CODIFICAÇÃO

#### **Variável dependente:**

Concordância: C

Não Concordância: c

#### *Variáveis independentes*

#### **Sexo do falante:**

Homem: h

Mulher: m

#### **Escolaridade:**

Alta: a

Baixa: b

#### **Tipo de elocução:**

Formal: f

Informal: i

#### **Paralelismo formal:**

Predicativo em construção isolada: I

Primeiro de uma série: P

Predicativo precedido de predicativo com todas as marcas de plural: T

Predicativo precedido de predicativo sem marcas de plural: S

Casos mistos: M

#### **Características formais do verbo:**

Zero verbal: z

Verbo com marca de plural: V

Verbo sem marca de plural: v

#### **Características formais do sujeito:**

Sujeito zero: 0

Sujeito explícito com todas as marcas formais de plural ou com a última marca neutralizada: 2

Sujeito explícito sem a última marca formal de plural: 4

Sujeito explícito com marca semântica de plural (nós e numerais): 6

Sujeito explícito com a marca de plural totalmente neutralizada: 8

#### **Estrutura do predicativo**

Predicativo adjetivo 1 elemento: u

Predicativo substantivo de 1 elemento: n

Predicativo de mais de um elemento: e

Predicativo de mais de um elemento com as formas tudo e todo: t

**Tonicidade dos itens regulares:**

Oxítono: o

Paroxítono: p

Proparoxítono: A

**Processos morfofonológicos de formação de plural:**

Plural regular: R

Plural não regular: N

**Material interveniente entre o verbo e o predicativo:**

Ausência de material interveniente: -

Presença de intensificadores: +

Demais materiais intervenientes: d

ANEXO C

**RODADA ESTATÍSTICA UTILIZADA PARA A OBTENÇÃO DOS PESOS RELATIVOS, FEITA PELO PROGRAMA GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005)**

• CELL CREATION • 17/10/2017 15:50:07 .....

Name of token file: Arquivo de dados predicativoD2eEF04.09.17.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

)

Number of cells: 154

Application value(s): Cc

Total no. of factors: 31

Group    C    c    Total    %



-----  
 1 (2)    C    c  
 h N    66    45    111 53.6  
       %    59.5 40.5

m N    71    25    96 46.4  
       %    74.0 26.0

Total N    137    70    207  
           %    66.2 33.8

-----  
 2 (3)    C    c  
 a N    75    29    104 50.2  
       %    72.1 27.9

b N    62    41    103 49.8  
       %    60.2 39.8

Total N    137    70    207  
           %    66.2 33.8

-----  
 3 (4)    C    c  
 I N    70    31    101 48.8  
       %    69.3 30.7

P N    22    17    39 18.8  
       %    56.4 43.6

T N 35 4 39 18.8  
 % 89.7 10.3

S N 6 16 22 10.6  
 % 27.3 72.7

M N 4 2 6 2.9  
 % 66.7 33.3

Total N 137 70 207  
 % 66.2 33.8

-----  
 4 (5) C c  
 e N 29 16 45 21.7  
 % 64.4 35.6

u N 96 37 133 64.3  
 % 72.2 27.8

n N 10 13 23 11.1  
 % 43.5 56.5

t N 2 4 6 2.9  
 % 33.3 66.7

Total N 137 70 207

% 66.2 33.8

---

5 (6) C c

p N 115 53 168 81.2

% 68.5 31.5

A N 7 4 11 5.3

% 63.6 36.4

o N 15 13 28 13.5

% 53.6 46.4

Total N 137 70 207

% 66.2 33.8

---

6 (7) C c

R N 118 59 177 85.5

% 66.7 33.3

N N 19 11 30 14.5

% 63.3 36.7

Total N 137 70 207

% 66.2 33.8

---

7 (8) C c

- N 95 42 137 66.2

% 69.3 30.7

d N 19 21 40 19.3

% 47.5 52.5

+ N 23 7 30 14.5

% 76.7 23.3

Total N 137 70 207

% 66.2 33.8

-----

8 (9) C c

V N 114 39 153 73.9

% 74.5 25.5

v N 8 26 34 16.4

% 23.5 76.5

z N 15 5 20 9.7

% 75.0 25.0

Total N 137 70 207

% 66.2 33.8

-----

9 (10) C c

6 N 25 21 46 22.2

% 54.3 45.7

2 N 55 17 72 34.8  
 % 76.4 23.6

8 N 3 3 6 2.9  
 % 50.0 50.0

0 N 51 18 69 33.3  
 % 73.9 26.1

4 N 3 11 14 6.8  
 % 21.4 78.6

Total N 137 70 207  
 % 66.2 33.8

-----  
 10 (11) C c  
 f N 110 49 159 76.8  
 % 69.2 30.8

i N 27 21 48 23.2  
 % 56.2 43.8

Total N 137 70 207  
 % 66.2 33.8

-----  
 TOTAL N 137 70 207

% 66.2 33.8

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 17/10/2017 15:50:13 .....

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.662

Log likelihood = -132.441

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.666

Group # 1 -- h: 0.424, m: 0.587

Log likelihood = -129.996 Significance = 0.030

Run # 3, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.664

Group # 2 -- a: 0.566, b: 0.433

Log likelihood = -130.792 Significance = 0.074

Run # 4, 5 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.684

Group # 3 -- I: 0.511, P: 0.375, T: 0.802, S: 0.148, M: 0.481

Log likelihood = -118.597 Significance = 0.000

Run # 5, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.667

Group # 4 -- e: 0.476, u: 0.565, n: 0.278, t: 0.200

Log likelihood = -127.487 Significance = 0.020

Run # 6, 3 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.663

Group # 5 -- p: 0.524, A: 0.471, o: 0.370

Log likelihood = -131.280 Significance = 0.317

Run # 7, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.662

Group # 6 -- R: 0.505, N: 0.469

Log likelihood = -132.378 Significance = 0.726

Run # 8, 3 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.667

Group # 7 -- -: 0.531, d: 0.312, +: 0.621

Log likelihood = -128.411 Significance = 0.018

Run # 9, 3 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.669

Group # 8 -- V: 0.591, v: 0.132, z: 0.597

Log likelihood = -116.648 Significance = 0.000

Run # 10, 5 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.670

Group # 9 -- 6: 0.370, 2: 0.615, 8: 0.330, 0: 0.583, 4: 0.119

Log likelihood = -122.099 Significance = 0.000

Run # 11, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.664

Group #10 -- f: 0.532, i: 0.395



Log likelihood = -131.099 Significance = 0.102

Add Group # 8 with factors Vvz

----- Level # 2 -----

Run # 12, 6 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.677

Group # 1 -- h: 0.391, m: 0.625

Group # 8 -- V: 0.593, v: 0.115, z: 0.647

Log likelihood = -112.611 Significance = 0.007

Run # 13, 6 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.672

Group # 2 -- a: 0.577, b: 0.422

Group # 8 -- V: 0.584, v: 0.130, z: 0.654

Log likelihood = -114.875 Significance = 0.063

Run # 14, 12 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.687

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.400, T: 0.735, S: 0.139, M: 0.386

Group # 8 -- V: 0.587, v: 0.140, z: 0.597

Log likelihood = -105.770 Significance = 0.000

Run # 15, 11 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.676

Group # 4 -- e: 0.464, u: 0.572, n: 0.237, t: 0.292

Group # 8 -- V: 0.594, v: 0.125, z: 0.597

Log likelihood = -111.718 Significance = 0.020

Run # 16, 8 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.670

Group # 5 -- p: 0.519, A: 0.477, o: 0.395

Group # 8 -- V: 0.590, v: 0.135, z: 0.591

Log likelihood = -116.050 Significance = 0.556

Run # 17, 6 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.670

Group # 6 -- R: 0.510, N: 0.444

Group # 8 -- V: 0.592, v: 0.131, z: 0.594

Log likelihood = -116.470 Significance = 0.564

Run # 18, 7 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.672

Group # 7 -- -: 0.534, d: 0.336, +: 0.573

Group # 8 -- V: 0.592, v: 0.140, z: 0.561

Log likelihood = -114.365 Significance = 0.103

Run # 19, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.680

Group # 8 -- V: 0.607, v: 0.120, z: 0.516

Group # 9 -- 6: 0.321, 2: 0.658, 8: 0.295, 0: 0.567, 4: 0.137

Log likelihood = -107.009 Significance = 0.001

Run # 20, 6 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.669

Group # 8 -- V: 0.590, v: 0.135, z: 0.593

Group #10 -- f: 0.506, i: 0.481

Log likelihood = -116.619 Significance = 0.812

Add Group # 3 with factors IPTSM

----- Level # 3 -----

Run # 21, 21 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.692

Group # 1 -- h: 0.412, m: 0.602

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.394, T: 0.722, S: 0.156, M: 0.455

Group # 8 -- V: 0.590, v: 0.128, z: 0.618

Log likelihood = -103.498 Significance = 0.037

Run # 22, 20 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.690

Group # 2 -- a: 0.583, b: 0.416

Group # 3 -- I: 0.542, P: 0.404, T: 0.746, S: 0.138, M: 0.359

Group # 8 -- V: 0.580, v: 0.138, z: 0.654

Log likelihood = -103.909 Significance = 0.055

Run # 23, 31 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.689

Group # 3 -- I: 0.542, P: 0.404, T: 0.717, S: 0.170, M: 0.378

Group # 4 -- e: 0.476, u: 0.543, n: 0.358, t: 0.291

Group # 8 -- V: 0.588, v: 0.139, z: 0.593

Log likelihood = -104.366 Significance = 0.432

Run # 24, 27 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.687

Group # 3 -- I: 0.546, P: 0.408, T: 0.734, S: 0.136, M: 0.375

Group # 5 -- p: 0.504, A: 0.592, o: 0.441

Group # 8 -- V: 0.586, v: 0.140, z: 0.608

Log likelihood = -105.504 Significance = 0.767

Run # 25, 21 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.687

Group # 3 -- I: 0.545, P: 0.403, T: 0.736, S: 0.140, M: 0.388

Group # 6 -- R: 0.505, N: 0.468

Group # 8 -- V: 0.588, v: 0.139, z: 0.595

Log likelihood = -105.723 Significance = 0.763

Run # 26, 24 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.687

Group # 3 -- I: 0.542, P: 0.400, T: 0.729, S: 0.152, M: 0.425

Group # 7 -- -: 0.509, d: 0.434, +: 0.547

Group # 8 -- V: 0.588, v: 0.145, z: 0.574

Log likelihood = -105.453 Significance = 0.729

Run # 27, 35 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.695

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.432, T: 0.714, S: 0.133, M: 0.439

Group # 8 -- V: 0.603, v: 0.128, z: 0.517

Group # 9 -- 6: 0.341, 2: 0.644, 8: 0.288, 0: 0.571, 4: 0.129

Log likelihood = -97.318 Significance = 0.004

Run # 28, 19 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.687

Group # 3 -- I: 0.550, P: 0.398, T: 0.736, S: 0.134, M: 0.373

Group # 8 -- V: 0.585, v: 0.148, z: 0.590

Group #10 -- f: 0.519, i: 0.437

Log likelihood = -105.456 Significance = 0.444

Add Group # 9 with factors 62804

----- Level # 4 -----

Run # 29, 56 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.398, m: 0.617

Group # 3 -- I: 0.540, P: 0.431, T: 0.698, S: 0.149, M: 0.521

Group # 8 -- V: 0.609, v: 0.110, z: 0.542

Group # 9 -- 6: 0.343, 2: 0.646, 8: 0.258, 0: 0.579, 4: 0.110

Log likelihood = -94.633 Significance = 0.021

Run # 30, 53 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.696

Group # 2 -- a: 0.561, b: 0.438

Group # 3 -- I: 0.539, P: 0.436, T: 0.724, S: 0.131, M: 0.422

Group # 8 -- V: 0.597, v: 0.127, z: 0.565

Group # 9 -- 6: 0.364, 2: 0.633, 8: 0.279, 0: 0.568, 4: 0.128

Log likelihood = -96.495 Significance = 0.200

Run # 31, 66 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.696

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.433, T: 0.695, S: 0.150, M: 0.458

Group # 4 -- e: 0.416, u: 0.555, n: 0.412, t: 0.267

Group # 8 -- V: 0.607, v: 0.126, z: 0.490

Group # 9 -- 6: 0.344, 2: 0.640, 8: 0.284, 0: 0.582, 4: 0.111

Log likelihood = -95.856 Significance = 0.414

Run # 32, 57 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.696

Group # 3 -- I: 0.541, P: 0.450, T: 0.712, S: 0.128, M: 0.422

Group # 5 -- p: 0.507, A: 0.670, o: 0.392

Group # 8 -- V: 0.601, v: 0.127, z: 0.539

Group # 9 -- 6: 0.343, 2: 0.653, 8: 0.297, 0: 0.567, 4: 0.110

Log likelihood = -96.464 Significance = 0.437

Run # 33, 51 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.696

Group # 3 -- I: 0.538, P: 0.441, T: 0.715, S: 0.135, M: 0.445

Group # 6 -- R: 0.513, N: 0.422

Group # 8 -- V: 0.605, v: 0.125, z: 0.511

Group # 9 -- 6: 0.339, 2: 0.649, 8: 0.275, 0: 0.570, 4: 0.126

Log likelihood = -97.051 Significance = 0.474

Run # 34, 62 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.696

Group # 3 -- I: 0.538, P: 0.438, T: 0.704, S: 0.143, M: 0.496

Group # 7 -- -: 0.500, d: 0.403, +: 0.629

Group # 8 -- V: 0.602, v: 0.138, z: 0.487

Group # 9 -- 6: 0.347, 2: 0.637, 8: 0.284, 0: 0.589, 4: 0.100

Log likelihood = -96.401 Significance = 0.412

Run # 35, 49 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.695

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.430, T: 0.714, S: 0.130, M: 0.424

Group # 8 -- V: 0.601, v: 0.133, z: 0.510

Group # 9 -- 6: 0.336, 2: 0.646, 8: 0.278, 0: 0.571, 4: 0.137

Group #10 -- f: 0.517, i: 0.445

Log likelihood = -97.120 Significance = 0.539

Add Group # 1 with factors hm

----- Level # 5 -----

Run # 36, 78 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.407, m: 0.607

Group # 2 -- a: 0.536, b: 0.464

Group # 3 -- I: 0.537, P: 0.434, T: 0.705, S: 0.146, M: 0.503

Group # 8 -- V: 0.605, v: 0.111, z: 0.568

Group # 9 -- 6: 0.356, 2: 0.640, 8: 0.256, 0: 0.577, 4: 0.111



Log likelihood = -94.384 Significance = 0.487

Run # 37, 91 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.397, m: 0.619

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.433, T: 0.672, S: 0.162, M: 0.544

Group # 4 -- e: 0.408, u: 0.556, n: 0.433, t: 0.241

Group # 8 -- V: 0.614, v: 0.106, z: 0.516

Group # 9 -- 6: 0.343, 2: 0.644, 8: 0.246, 0: 0.592, 4: 0.094

Log likelihood = -93.141 Significance = 0.405

Run # 38, 80 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.701

Group # 1 -- h: 0.390, m: 0.627

Group # 3 -- I: 0.539, P: 0.453, T: 0.695, S: 0.138, M: 0.497

Group # 5 -- p: 0.501, A: 0.733, o: 0.394

Group # 8 -- V: 0.607, v: 0.105, z: 0.576

Group # 9 -- 6: 0.344, 2: 0.658, 8: 0.264, 0: 0.578, 4: 0.088

Log likelihood = -93.425 Significance = 0.299

Run # 39, 76 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.701

Group # 1 -- h: 0.394, m: 0.622

Group # 3 -- I: 0.531, P: 0.443, T: 0.702, S: 0.152, M: 0.533

Group # 6 -- R: 0.518, N: 0.396

Group # 8 -- V: 0.612, v: 0.107, z: 0.533

Group # 9 -- 6: 0.339, 2: 0.652, 8: 0.240, 0: 0.580, 4: 0.107

Log likelihood = -94.181 Significance = 0.355

Run # 40, 84 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.700

Group # 1 -- h: 0.402, m: 0.613

Group # 3 -- I: 0.533, P: 0.437, T: 0.691, S: 0.160, M: 0.573

Group # 7 -- -: 0.506, d: 0.403, +: 0.600

Group # 8 -- V: 0.609, v: 0.120, z: 0.505

Group # 9 -- 6: 0.345, 2: 0.642, 8: 0.255, 0: 0.594, 4: 0.091

Log likelihood = -93.956 Significance = 0.510

Run # 41, 73 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.374, m: 0.644

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.429, T: 0.691, S: 0.143, M: 0.502

Group # 8 -- V: 0.606, v: 0.119, z: 0.529

Group # 9 -- 6: 0.330, 2: 0.648, 8: 0.228, 0: 0.583, 4: 0.126

Group #10 -- f: 0.544, i: 0.357

Log likelihood = -93.512 Significance = 0.144

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 8 3 9 1

Best stepping up run: #29

-----

Stepping down...

----- Level # 10 -----

Run # 42, 154 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.704

Group # 1 -- h: 0.371, m: 0.648

Group # 2 -- a: 0.550, b: 0.450

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.471, T: 0.667, S: 0.132, M: 0.485

Group # 4 -- e: 0.354, u: 0.578, n: 0.376, t: 0.376

Group # 5 -- p: 0.482, A: 0.751, o: 0.497

Group # 6 -- R: 0.519, N: 0.391

Group # 7 -- -: 0.454, d: 0.511, +: 0.685

Group # 8 -- V: 0.604, v: 0.111, z: 0.580

Group # 9 -- 6: 0.351, 2: 0.642, 8: 0.203, 0: 0.618, 4: 0.059

Group #10 -- f: 0.559, i: 0.313

Log likelihood = -89.312

----- Level # 9 -----

Run # 43, 136 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.702

Group # 2 -- a: 0.575, b: 0.424

Group # 3 -- I: 0.541, P: 0.466, T: 0.698, S: 0.130, M: 0.413

Group # 4 -- e: 0.372, u: 0.569, n: 0.384, t: 0.388

Group # 5 -- p: 0.496, A: 0.703, o: 0.442

Group # 6 -- R: 0.511, N: 0.437

Group # 7 -- -: 0.466, d: 0.490, +: 0.663

Group # 8 -- V: 0.594, v: 0.134, z: 0.567

Group # 9 -- 6: 0.370, 2: 0.635, 8: 0.251, 0: 0.596, 4: 0.073

Group #10 -- f: 0.534, i: 0.389

Log likelihood = -92.702 Significance = 0.010

Run # 44, 143 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.703

Group # 1 -- h: 0.362, m: 0.658

Group # 3 -- I: 0.549, P: 0.470, T: 0.659, S: 0.133, M: 0.515

Group # 4 -- e: 0.357, u: 0.576, n: 0.385, t: 0.349

Group # 5 -- p: 0.481, A: 0.753, o: 0.505

Group # 6 -- R: 0.520, N: 0.382

Group # 7 -- -: 0.450, d: 0.511, +: 0.701

Group # 8 -- V: 0.609, v: 0.107, z: 0.550

Group # 9 -- 6: 0.338, 2: 0.650, 8: 0.204, 0: 0.622, 4: 0.055

Group #10 -- f: 0.554, i: 0.329

Log likelihood = -89.753 Significance = 0.362

Run # 45, 129 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.693

Group # 1 -- h: 0.367, m: 0.652

Group # 2 -- a: 0.546, b: 0.453

Group # 4 -- e: 0.391, u: 0.584, n: 0.270, t: 0.417

Group # 5 -- p: 0.496, A: 0.661, o: 0.457

Group # 6 -- R: 0.519, N: 0.391

Group # 7 -- -: 0.488, d: 0.444, +: 0.627

Group # 8 -- V: 0.610, v: 0.106, z: 0.551

Group # 9 -- 6: 0.353, 2: 0.642, 8: 0.246, 0: 0.600, 4: 0.073

Group #10 -- f: 0.550, i: 0.340

Log likelihood = -95.845 Significance = 0.011

Run # 46, 136 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.704

Group # 1 -- h: 0.378, m: 0.641

Group # 2 -- a: 0.545, b: 0.455

Group # 3 -- I: 0.537, P: 0.465, T: 0.692, S: 0.133, M: 0.510

Group # 5 -- p: 0.493, A: 0.696, o: 0.462

Group # 6 -- R: 0.516, N: 0.406

Group # 7 -- -: 0.486, d: 0.418, +: 0.668

Group # 8 -- V: 0.600, v: 0.124, z: 0.560

Group # 9 -- 6: 0.347, 2: 0.646, 8: 0.211, 0: 0.600, 4: 0.078

Group #10 -- f: 0.549, i: 0.343

Log likelihood = -91.149 Significance = 0.299

Run # 47, 149 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.705

Group # 1 -- h: 0.380, m: 0.638

Group # 2 -- a: 0.554, b: 0.446

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.458, T: 0.667, S: 0.147, M: 0.516

Group # 4 -- e: 0.368, u: 0.568, n: 0.401, t: 0.386

Group # 6 -- R: 0.520, N: 0.385

Group # 7 -- -: 0.459, d: 0.500, +: 0.679

Group # 8 -- V: 0.603, v: 0.122, z: 0.541

Group # 9 -- 6: 0.346, 2: 0.636, 8: 0.193, 0: 0.616, 4: 0.076

Group #10 -- f: 0.561, i: 0.306

Log likelihood = -90.226 Significance = 0.413

Run # 48, 149 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.703

Group # 1 -- h: 0.376, m: 0.643

Group # 2 -- a: 0.552, b: 0.447

Group # 3 -- I: 0.553, P: 0.464, T: 0.662, S: 0.131, M: 0.473

Group # 4 -- e: 0.356, u: 0.576, n: 0.380, t: 0.388

Group # 5 -- p: 0.492, A: 0.761, o: 0.436

Group # 7 -- -: 0.458, d: 0.517, +: 0.661

Group # 8 -- V: 0.599, v: 0.115, z: 0.594

Group # 9 -- 6: 0.358, 2: 0.639, 8: 0.222, 0: 0.612, 4: 0.062

Group #10 -- f: 0.559, i: 0.314

Log likelihood = -89.631 Significance = 0.441

Run # 49, 144 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.701

Group # 1 -- h: 0.374, m: 0.644

Group # 2 -- a: 0.559, b: 0.441

Group # 3 -- I: 0.542, P: 0.463, T: 0.672, S: 0.147, M: 0.474

Group # 4 -- e: 0.382, u: 0.570, n: 0.370, t: 0.350

Group # 5 -- p: 0.486, A: 0.745, o: 0.477

Group # 6 -- R: 0.513, N: 0.424

Group # 8 -- V: 0.606, v: 0.108, z: 0.571

Group # 9 -- 6: 0.349, 2: 0.644, 8: 0.217, 0: 0.596, 4: 0.086

Group #10 -- f: 0.547, i: 0.349

Log likelihood = -90.174 Significance = 0.434

Run # 50, 145 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.707

Group # 1 -- h: 0.401, m: 0.613

Group # 2 -- a: 0.574, b: 0.426

Group # 3 -- I: 0.529, P: 0.420, T: 0.736, S: 0.140, M: 0.537

Group # 4 -- e: 0.392, u: 0.559, n: 0.380, t: 0.471

Group # 5 -- p: 0.501, A: 0.658, o: 0.427

Group # 6 -- R: 0.506, N: 0.464

Group # 7 -- -: 0.452, d: 0.470, +: 0.738

Group # 9 -- 6: 0.400, 2: 0.598, 8: 0.261, 0: 0.606, 4: 0.085

Group #10 -- f: 0.585, i: 0.242

Log likelihood = -100.067 Significance = 0.000

Run # 51, 124 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.394, m: 0.622

Group # 2 -- a: 0.582, b: 0.417

Group # 3 -- I: 0.546, P: 0.406, T: 0.707, S: 0.170, M: 0.364

Group # 4 -- e: 0.429, u: 0.563, n: 0.312, t: 0.397

Group # 5 -- p: 0.491, A: 0.634, o: 0.500

Group # 6 -- R: 0.505, N: 0.470

Group # 7 -- -: 0.487, d: 0.532, +: 0.517

Group # 8 -- V: 0.576, v: 0.142, z: 0.674

Group #10 -- f: 0.563, i: 0.301

Log likelihood = -98.593 Significance = 0.001

Run # 52, 148 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.704

Group # 1 -- h: 0.394, m: 0.622

Group # 2 -- a: 0.535, b: 0.464

Group # 3 -- I: 0.536, P: 0.466, T: 0.679, S: 0.144, M: 0.534

Group # 4 -- e: 0.376, u: 0.568, n: 0.411, t: 0.286

Group # 5 -- p: 0.485, A: 0.771, o: 0.469

Group # 6 -- R: 0.518, N: 0.394

Group # 7 -- -: 0.478, d: 0.474, +: 0.630

Group # 8 -- V: 0.612, v: 0.098, z: 0.568



Group # 9 -- 6: 0.358, 2: 0.649, 8: 0.230, 0: 0.607, 4: 0.053

Log likelihood = -90.786 Significance = 0.089

Cut Group # 6 with factors RN

----- Level # 8 -----

Run # 53, 131 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.701

Group # 2 -- a: 0.576, b: 0.423

Group # 3 -- I: 0.543, P: 0.463, T: 0.697, S: 0.130, M: 0.408

Group # 4 -- e: 0.374, u: 0.568, n: 0.385, t: 0.393

Group # 5 -- p: 0.501, A: 0.711, o: 0.408

Group # 7 -- -: 0.468, d: 0.493, +: 0.651

Group # 8 -- V: 0.592, v: 0.137, z: 0.574

Group # 9 -- 6: 0.373, 2: 0.632, 8: 0.264, 0: 0.594, 4: 0.075

Group #10 -- f: 0.534, i: 0.389

Log likelihood = -92.818 Significance = 0.012

Run # 54, 136 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.701

Group # 1 -- h: 0.367, m: 0.653

Group # 3 -- I: 0.555, P: 0.462, T: 0.653, S: 0.133, M: 0.504

Group # 4 -- e: 0.361, u: 0.573, n: 0.391, t: 0.360

Group # 5 -- p: 0.491, A: 0.763, o: 0.438

Group # 7 -- -: 0.455, d: 0.517, +: 0.676

Group # 8 -- V: 0.605, v: 0.112, z: 0.563

Group # 9 -- 6: 0.343, 2: 0.647, 8: 0.226, 0: 0.616, 4: 0.058

Group #10 -- f: 0.553, i: 0.332

Log likelihood = -90.121 Significance = 0.330

Run # 55, 123 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.692

Group # 1 -- h: 0.372, m: 0.647

Group # 2 -- a: 0.548, b: 0.452

Group # 4 -- e: 0.399, u: 0.580, n: 0.272, t: 0.436

Group # 5 -- p: 0.506, A: 0.673, o: 0.392

Group # 7 -- -: 0.492, d: 0.444, +: 0.610

Group # 8 -- V: 0.606, v: 0.111, z: 0.559

Group # 9 -- 6: 0.360, 2: 0.641, 8: 0.270, 0: 0.592, 4: 0.076

Group #10 -- f: 0.549, i: 0.343

Log likelihood = -96.199 Significance = 0.011

Run # 56, 130 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.703

Group # 1 -- h: 0.381, m: 0.636

Group # 2 -- a: 0.546, b: 0.454

Group # 3 -- I: 0.542, P: 0.459, T: 0.687, S: 0.133, M: 0.500

Group # 5 -- p: 0.501, A: 0.707, o: 0.409

Group # 7 -- -: 0.489, d: 0.425, +: 0.647

Group # 8 -- V: 0.597, v: 0.127, z: 0.571

Group # 9 -- 6: 0.352, 2: 0.644, 8: 0.229, 0: 0.596, 4: 0.081

Group #10 -- f: 0.548, i: 0.345

Log likelihood = -91.385 Significance = 0.324

Run # 57, 140 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.702

Group # 1 -- h: 0.383, m: 0.635

Group # 2 -- a: 0.556, b: 0.443

Group # 3 -- I: 0.554, P: 0.444, T: 0.664, S: 0.142, M: 0.495

Group # 4 -- e: 0.367, u: 0.569, n: 0.402, t: 0.371

Group # 7 -- -: 0.462, d: 0.512, +: 0.651

Group # 8 -- V: 0.599, v: 0.125, z: 0.555

Group # 9 -- 6: 0.353, 2: 0.628, 8: 0.208, 0: 0.612, 4: 0.085

Group #10 -- f: 0.563, i: 0.301

Log likelihood = -90.741 Significance = 0.337

Run # 58, 139 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.701

Group # 1 -- h: 0.377, m: 0.641

Group # 2 -- a: 0.560, b: 0.440

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.458, T: 0.668, S: 0.145, M: 0.469

Group # 4 -- e: 0.383, u: 0.569, n: 0.374, t: 0.361

Group # 5 -- p: 0.493, A: 0.752, o: 0.435

Group # 8 -- V: 0.603, v: 0.112, z: 0.579

Group # 9 -- 6: 0.354, 2: 0.641, 8: 0.230, 0: 0.594, 4: 0.086

Group #10 -- f: 0.547, i: 0.347

Log likelihood = -90.331 Significance = 0.497

Run # 59, 141 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.706

Group # 1 -- h: 0.403, m: 0.612

Group # 2 -- a: 0.574, b: 0.425

Group # 3 -- I: 0.530, P: 0.418, T: 0.735, S: 0.140, M: 0.535

Group # 4 -- e: 0.393, u: 0.559, n: 0.380, t: 0.472

Group # 5 -- p: 0.505, A: 0.663, o: 0.408

Group # 7 -- -: 0.454, d: 0.471, +: 0.730

Group # 9 -- 6: 0.401, 2: 0.597, 8: 0.268, 0: 0.605, 4: 0.086

Group #10 -- f: 0.585, i: 0.243

Log likelihood = -100.108 Significance = 0.000

Run # 60, 116 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.394, m: 0.621

Group # 2 -- a: 0.583, b: 0.416

Group # 3 -- I: 0.548, P: 0.405, T: 0.705, S: 0.169, M: 0.362

Group # 4 -- e: 0.429, u: 0.562, n: 0.312, t: 0.399

Group # 5 -- p: 0.494, A: 0.638, o: 0.483

Group # 7 -- -: 0.488, d: 0.533, +: 0.512

Group # 8 -- V: 0.575, v: 0.143, z: 0.676

Group #10 -- f: 0.563, i: 0.300

Log likelihood = -98.618 Significance = 0.002

Run # 61, 142 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.703

Group # 1 -- h: 0.399, m: 0.617

Group # 2 -- a: 0.537, b: 0.463

Group # 3 -- I: 0.542, P: 0.460, T: 0.674, S: 0.142, M: 0.522

Group # 4 -- e: 0.380, u: 0.566, n: 0.414, t: 0.299

Group # 5 -- p: 0.494, A: 0.780, o: 0.410

Group # 7 -- -: 0.482, d: 0.478, +: 0.609

Group # 8 -- V: 0.608, v: 0.103, z: 0.580

Group # 9 -- 6: 0.363, 2: 0.646, 8: 0.251, 0: 0.602, 4: 0.056

Log likelihood = -91.090 Significance = 0.091

Cut Group # 7 with factors -d+

----- Level # 7 -----

Run # 62, 118 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.701

Group # 2 -- a: 0.583, b: 0.416

Group # 3 -- I: 0.540, P: 0.455, T: 0.703, S: 0.139, M: 0.391

Group # 4 -- e: 0.392, u: 0.565, n: 0.374, t: 0.363

Group # 5 -- p: 0.501, A: 0.703, o: 0.408

Group # 8 -- V: 0.595, v: 0.131, z: 0.568

Group # 9 -- 6: 0.369, 2: 0.635, 8: 0.271, 0: 0.577, 4: 0.100

Group #10 -- f: 0.526, i: 0.414

Log likelihood = -93.463 Significance = 0.013

Run # 63, 123 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.367, m: 0.653

Group # 3 -- I: 0.549, P: 0.454, T: 0.659, S: 0.149, M: 0.503

Group # 4 -- e: 0.394, u: 0.565, n: 0.385, t: 0.325

Group # 5 -- p: 0.492, A: 0.754, o: 0.438

Group # 8 -- V: 0.610, v: 0.107, z: 0.542

Group # 9 -- 6: 0.337, 2: 0.650, 8: 0.239, 0: 0.597, 4: 0.083

Group #10 -- f: 0.539, i: 0.372

Log likelihood = -90.981 Significance = 0.260

Run # 64, 106 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.691

Group # 1 -- h: 0.368, m: 0.652

Group # 2 -- a: 0.553, b: 0.446

Group # 4 -- e: 0.390, u: 0.588, n: 0.255, t: 0.405

Group # 5 -- p: 0.506, A: 0.676, o: 0.391

Group # 8 -- V: 0.609, v: 0.104, z: 0.572

Group # 9 -- 6: 0.359, 2: 0.642, 8: 0.270, 0: 0.582, 4: 0.090

Group #10 -- f: 0.547, i: 0.348

Log likelihood = -96.608 Significance = 0.014

Run # 65, 111 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.700

Group # 1 -- h: 0.379, m: 0.639

Group # 2 -- a: 0.550, b: 0.449

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.453, T: 0.697, S: 0.131, M: 0.455

Group # 5 -- p: 0.501, A: 0.703, o: 0.409

Group # 8 -- V: 0.598, v: 0.118, z: 0.594

Group # 9 -- 6: 0.347, 2: 0.649, 8: 0.231, 0: 0.578, 4: 0.107

Group #10 -- f: 0.545, i: 0.355

Log likelihood = -92.145 Significance = 0.306

Run # 66, 126 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.700

Group # 1 -- h: 0.384, m: 0.633

Group # 2 -- a: 0.563, b: 0.437

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.439, T: 0.671, S: 0.156, M: 0.493

Group # 4 -- e: 0.391, u: 0.563, n: 0.394, t: 0.345

Group # 8 -- V: 0.603, v: 0.121, z: 0.542

Group # 9 -- 6: 0.350, 2: 0.631, 8: 0.217, 0: 0.595, 4: 0.112

Group #10 -- f: 0.553, i: 0.330

Log likelihood = -91.361 Significance = 0.368

Run # 67, 128 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.405, m: 0.609

Group # 2 -- a: 0.587, b: 0.412

Group # 3 -- I: 0.524, P: 0.409, T: 0.746, S: 0.152, M: 0.508

Group # 4 -- e: 0.413, u: 0.557, n: 0.363, t: 0.418

Group # 5 -- p: 0.505, A: 0.653, o: 0.411

Group # 9 -- 6: 0.404, 2: 0.598, 8: 0.274, 0: 0.581, 4: 0.123

Group #10 -- f: 0.574, i: 0.271

Log likelihood = -101.786 Significance = 0.000

Run # 68, 103 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.395, m: 0.620

Group # 2 -- a: 0.584, b: 0.416

Group # 3 -- I: 0.545, P: 0.404, T: 0.705, S: 0.175, M: 0.378

Group # 4 -- e: 0.441, u: 0.557, n: 0.320, t: 0.402

Group # 5 -- p: 0.494, A: 0.634, o: 0.480

Group # 8 -- V: 0.576, v: 0.144, z: 0.662

Group #10 -- f: 0.560, i: 0.311

Log likelihood = -98.680 Significance = 0.004

Run # 69, 127 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.702

Group # 1 -- h: 0.396, m: 0.619



Group # 2 -- a: 0.543, b: 0.456

Group # 3 -- I: 0.542, P: 0.456, T: 0.676, S: 0.147, M: 0.499

Group # 4 -- e: 0.388, u: 0.566, n: 0.401, t: 0.285

Group # 5 -- p: 0.494, A: 0.775, o: 0.413

Group # 8 -- V: 0.609, v: 0.100, z: 0.586

Group # 9 -- 6: 0.362, 2: 0.647, 8: 0.253, 0: 0.590, 4: 0.071

Log likelihood = -91.412 Significance = 0.151

Cut Group # 5 with factors pAo

----- Level # 6 -----

Run # 70, 99 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.699

Group # 2 -- a: 0.584, b: 0.415

Group # 3 -- I: 0.543, P: 0.437, T: 0.705, S: 0.144, M: 0.408

Group # 4 -- e: 0.397, u: 0.562, n: 0.388, t: 0.336

Group # 8 -- V: 0.597, v: 0.136, z: 0.538

Group # 9 -- 6: 0.364, 2: 0.625, 8: 0.257, 0: 0.581, 4: 0.124

Group #10 -- f: 0.532, i: 0.394

Log likelihood = -94.266 Significance = 0.017

Run # 71, 107 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.374, m: 0.645

Group # 3 -- I: 0.549, P: 0.436, T: 0.662, S: 0.160, M: 0.526

Group # 4 -- e: 0.402, u: 0.558, n: 0.409, t: 0.308

Group # 8 -- V: 0.610, v: 0.116, z: 0.503

Group # 9 -- 6: 0.332, 2: 0.642, 8: 0.224, 0: 0.597, 4: 0.108

Group #10 -- f: 0.545, i: 0.356

Log likelihood = -92.079 Significance = 0.236

Run # 72, 89 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.688

Group # 1 -- h: 0.369, m: 0.650

Group # 2 -- a: 0.556, b: 0.444

Group # 4 -- e: 0.391, u: 0.587, n: 0.263, t: 0.364

Group # 8 -- V: 0.609, v: 0.105, z: 0.565

Group # 9 -- 6: 0.359, 2: 0.637, 8: 0.252, 0: 0.579, 4: 0.110

Group #10 -- f: 0.553, i: 0.330

Log likelihood = -97.474 Significance = 0.016

Run # 73, 93 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.383, m: 0.634

Group # 2 -- a: 0.553, b: 0.446

Group # 3 -- I: 0.546, P: 0.433, T: 0.699, S: 0.138, M: 0.472

Group # 8 -- V: 0.599, v: 0.123, z: 0.565

Group # 9 -- 6: 0.345, 2: 0.639, 8: 0.221, 0: 0.580, 4: 0.132

Group #10 -- f: 0.551, i: 0.337

Log likelihood = -92.974 Significance = 0.367

Run # 74, 112 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.406, m: 0.609

Group # 2 -- a: 0.590, b: 0.409

Group # 3 -- I: 0.529, P: 0.398, T: 0.745, S: 0.152, M: 0.513

Group # 4 -- e: 0.414, u: 0.557, n: 0.369, t: 0.391

Group # 9 -- 6: 0.404, 2: 0.593, 8: 0.264, 0: 0.580, 4: 0.142

Group #10 -- f: 0.578, i: 0.261

Log likelihood = -102.462 Significance = 0.000

Run # 75, 81 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.398, m: 0.618

Group # 2 -- a: 0.586, b: 0.413

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.399, T: 0.704, S: 0.181, M: 0.393

Group # 4 -- e: 0.445, u: 0.555, n: 0.325, t: 0.395

Group # 8 -- V: 0.578, v: 0.146, z: 0.649

Group #10 -- f: 0.561, i: 0.307

Log likelihood = -98.940 Significance = 0.007

Run # 76, 113 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.700

Group # 1 -- h: 0.407, m: 0.607

Group # 2 -- a: 0.543, b: 0.457

Group # 3 -- I: 0.541, P: 0.435, T: 0.681, S: 0.159, M: 0.526

Group # 4 -- e: 0.400, u: 0.559, n: 0.427, t: 0.255

Group # 8 -- V: 0.610, v: 0.107, z: 0.546

Group # 9 -- 6: 0.359, 2: 0.636, 8: 0.243, 0: 0.590, 4: 0.094

Log likelihood = -92.796 Significance = 0.093

Cut Group # 4 with factors eunt

----- Level # 5 -----

Run # 77, 66 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.697

Group # 2 -- a: 0.576, b: 0.423

Group # 3 -- I: 0.545, P: 0.435, T: 0.723, S: 0.125, M: 0.390

Group # 8 -- V: 0.593, v: 0.137, z: 0.564

Group # 9 -- 6: 0.359, 2: 0.632, 8: 0.260, 0: 0.569, 4: 0.144

Group #10 -- f: 0.530, i: 0.403

Log likelihood = -95.938 Significance = 0.016

Run # 78, 73 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.374, m: 0.644

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.429, T: 0.691, S: 0.143, M: 0.502

Group # 8 -- V: 0.606, v: 0.119, z: 0.529

Group # 9 -- 6: 0.330, 2: 0.648, 8: 0.228, 0: 0.583, 4: 0.126

Group #10 -- f: 0.544, i: 0.357

Log likelihood = -93.512 Significance = 0.300

Run # 79, 54 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.684

Group # 1 -- h: 0.366, m: 0.654

Group # 2 -- a: 0.543, b: 0.457

Group # 8 -- V: 0.605, v: 0.106, z: 0.586

Group # 9 -- 6: 0.326, 2: 0.655, 8: 0.230, 0: 0.574, 4: 0.135

Group #10 -- f: 0.543, i: 0.362

Log likelihood = -101.553 Significance = 0.003

Run # 80, 74 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.698

Group # 1 -- h: 0.404, m: 0.611

Group # 2 -- a: 0.580, b: 0.419

Group # 3 -- I: 0.526, P: 0.393, T: 0.770, S: 0.134, M: 0.516

Group # 9 -- 6: 0.396, 2: 0.605, 8: 0.263, 0: 0.568, 4: 0.152

Group #10 -- f: 0.573, i: 0.274

Log likelihood = -104.017 Significance = 0.000

Run # 81, 45 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.696

Group # 1 -- h: 0.399, m: 0.617

Group # 2 -- a: 0.582, b: 0.417

Group # 3 -- I: 0.549, P: 0.394, T: 0.729, S: 0.144, M: 0.399

Group # 8 -- V: 0.576, v: 0.148, z: 0.653

Group #10 -- f: 0.556, i: 0.323

Log likelihood = -100.519 Significance = 0.007

Run # 82, 78 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.407, m: 0.607

Group # 2 -- a: 0.536, b: 0.464

Group # 3 -- I: 0.537, P: 0.434, T: 0.705, S: 0.146, M: 0.503

Group # 8 -- V: 0.605, v: 0.111, z: 0.568

Group # 9 -- 6: 0.356, 2: 0.640, 8: 0.256, 0: 0.577, 4: 0.111

Log likelihood = -94.384 Significance = 0.095

Cut Group # 2 with factors ab

----- Level # 4 -----

Run # 83, 49 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.695

Group # 3 -- I: 0.547, P: 0.430, T: 0.714, S: 0.130, M: 0.424

Group # 8 -- V: 0.601, v: 0.133, z: 0.510

Group # 9 -- 6: 0.336, 2: 0.646, 8: 0.278, 0: 0.571, 4: 0.137

Group #10 -- f: 0.517, i: 0.445

Log likelihood = -97.120 Significance = 0.009

Run # 84, 36 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.683

Group # 1 -- h: 0.361, m: 0.660

Group # 8 -- V: 0.611, v: 0.104, z: 0.557

Group # 9 -- 6: 0.313, 2: 0.663, 8: 0.237, 0: 0.575, 4: 0.132

Group #10 -- f: 0.537, i: 0.381

Log likelihood = -101.928 Significance = 0.004

Run # 85, 50 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.695

Group # 1 -- h: 0.392, m: 0.624

Group # 3 -- I: 0.529, P: 0.395, T: 0.757, S: 0.137, M: 0.545

Group # 9 -- 6: 0.376, 2: 0.623, 8: 0.283, 0: 0.565, 4: 0.138

Group #10 -- f: 0.563, i: 0.302

Log likelihood = -105.541 Significance = 0.000

Run # 86, 32 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.695

Group # 1 -- h: 0.383, m: 0.635

Group # 3 -- I: 0.551, P: 0.388, T: 0.719, S: 0.149, M: 0.446

Group # 8 -- V: 0.586, v: 0.141, z: 0.605

Group #10 -- f: 0.546, i: 0.352

Log likelihood = -102.048 Significance = 0.003

Run # 87, 56 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.699

Group # 1 -- h: 0.398, m: 0.617

Group # 3 -- I: 0.540, P: 0.431, T: 0.698, S: 0.149, M: 0.521

Group # 8 -- V: 0.609, v: 0.110, z: 0.542

Group # 9 -- 6: 0.343, 2: 0.646, 8: 0.258, 0: 0.579, 4: 0.110

Log likelihood = -94.633 Significance = 0.144

Cut Group # 10 with factors fi

----- Level # 3 -----

Run # 88, 35 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.695

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.432, T: 0.714, S: 0.133, M: 0.439

Group # 8 -- V: 0.603, v: 0.128, z: 0.517

Group # 9 -- 6: 0.341, 2: 0.644, 8: 0.288, 0: 0.571, 4: 0.129

Log likelihood = -97.318 Significance = 0.021

Run # 89, 22 cells:

Convergence at Iteration 8



Input 0.685

Group # 1 -- h: 0.380, m: 0.638

Group # 8 -- V: 0.613, v: 0.096, z: 0.574

Group # 9 -- 6: 0.324, 2: 0.661, 8: 0.258, 0: 0.574, 4: 0.116

Log likelihood = -102.737 Significance = 0.005

Run # 90, 35 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.691

Group # 1 -- h: 0.433, m: 0.577

Group # 3 -- I: 0.516, P: 0.398, T: 0.767, S: 0.147, M: 0.577

Group # 9 -- 6: 0.399, 2: 0.614, 8: 0.321, 0: 0.566, 4: 0.117

Log likelihood = -108.535 Significance = 0.000

Run # 91, 21 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.692

Group # 1 -- h: 0.412, m: 0.602

Group # 3 -- I: 0.544, P: 0.394, T: 0.722, S: 0.156, M: 0.455

Group # 8 -- V: 0.590, v: 0.128, z: 0.618

Log likelihood = -103.498 Significance = 0.002

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 6 7 5 4 2 10

Best stepping up run: #29

Best stepping down run: #87